

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Breno Alexandre Pires Fernandes Alves

**O discurso da novidade nas eleições de 2018: uma análise de candidaturas
da nova direita**

Juiz de Fora
2025

Breno Alexandre Pires Fernandes Alves

**O discurso da novidade nas eleições de 2018: uma análise de candidaturas
da nova direita**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Área de Concentração: Cultura, Poder e Instituições, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito para obtenção do grau de Doutor.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Gomes de Souza Chaloub.

Juiz de Fora

2025

Alves, Breno Alexandre Pires Fernandes.

O discurso da novidade nas eleições de 2018: uma análise de candidaturas da nova direita / Breno Alexandre Pires Fernandes Alves. -- 2025.

194 f. : il.

Orientador: Jorge Gomes de Souza Chaloub

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2025.

1. Partido Político. 2. PSL. 3. NOVO. 4. Política Brasileira. 5. Direita. I. Chaloub, Jorge Gomes de Souza , orient. II. Título.

Breno Alexandre Pires Fernandes Alves

**O discurso da novidade nas eleições de 2018: uma análise de candidaturas
da nova direita**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Área de Concentração: Cultura, Poder e Instituições, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor.

Aprovada em (dia) de (mês) de (ano)

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Jorge Gomes de Souza Chaloub
Universidade Federal de Juiz de Fora

Professor Doutor Pedro Luiz da Silva do Rego Lima
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Professor Doutor Pedro Rolo Bennetti
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Professora Doutora Christiane Jalles de Paula
Universidade Federal de Juiz de Fora

Professor Doutor Diogo Tourino de Sousa
Universidade Federal de Juiz de Fora

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha profunda gratidão a todos que contribuíram para a realização deste trabalho. Primeiramente, agradeço aos membros da banca examinadora, Pedro Luiz da Silva do Rego Lima, Pedro Rolo Bennetti, Christiane Jalles de Paula e Diogo Tourino de Sousa, por aceitarem o convite.

Ao meu orientador, Jorge Gomes de Souza Chaloub, devo um agradecimento especial por seu constante apoio, paciência e orientação. Sua dedicação e expertise foram essenciais para a conclusão desta tese. Agradeço profundamente aos meus pais, Francisco e Suzana, por seu amor incondicional e apoio ao longo desta jornada. Sem vocês, nada disso seria possível.

Estendo minha gratidão a todos os meus professores, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCSO) e à CAPES pelo apoio financeiro que viabilizou esta pesquisa. Aos meus familiares e amigos, que estiveram ao meu lado nos momentos de dificuldade e celebração, meu sincero agradecimento. Por fim, dedico esta conquista a todas as pessoas que acreditam na ciência e no poder transformador do conhecimento.

RESUMO

O estudo "O discurso da novidade nas eleições de 2018: uma análise de candidaturas da nova direita" analisa a ascensão da nova direita no Brasil através das campanhas do PSL e do Partido NOVO nas eleições de 2018. A pesquisa explora como esses partidos emergiram como forças políticas significativas, alavancando discursos de mudança e ruptura com a política tradicional. A tese investiga as estratégias discursivas e comunicacionais adotadas por esses partidos, evidenciando a utilização do discurso da novidade para mobilizar apoio popular em um contexto de insatisfação generalizada com a política tradicional. A pesquisa é ancorada em conceitos teóricos de Norberto Bobbio e Cas Mudde, que ajudam a categorizar a nova direita em subgrupos: "extrema direita", caracterizada por traços autoritários e conservadorismo moral, e "direita radical", que embora adote o liberalismo econômico, não se opõe tão fortemente às instituições democráticas. A análise destaca a importância da comunicação digital e das redes sociais nas campanhas, que foram fundamentais para disseminar mensagens e construir uma identidade política que ressoasse com o eleitorado. A tese também examina os movimentos liberais e de "engenheiros do caos" como Steve Bannon, que influenciaram a disseminação de um ideário político que desafia o status quo. A pesquisa conclui que a ascensão da nova direita no Brasil não é um fenômeno isolado, mas parte de uma tendência global de reconfiguração política. Em última análise, o estudo sugere que compreender essas dinâmicas é crucial para antecipar as futuras trajetórias da política brasileira e internacional.

Palavras-chave: Partido Político; PSL; NOVO; Novidade; Política Brasileira, Direita.

ABSTRACT

The study "O discurso da novidade nas eleições de 2018: uma análise de candidaturas da nova direita" examines the rise of the new right in Brazil through the campaigns of PSL and Partido NOVO in the 2018 elections. The research explores how these parties emerged as significant political forces by leveraging discourses of change and rupture with traditional politics. The thesis investigates the discursive and communicational strategies adopted by these parties, highlighting the use of the novelty discourse to mobilize popular support in a context of widespread dissatisfaction with traditional politics. The research is anchored in theoretical concepts by Norberto Bobbio and Cas Mudde, which help categorize the new right into subgroups: "far-right," characterized by authoritarian traits and moral conservatism, and "radical right," which, although economically liberal, does not strongly oppose democratic institutions. The analysis emphasizes the importance of digital communication and social media in campaigns, which were fundamental in disseminating messages and building a political identity that resonated with the electorate. The thesis also examines liberal movements and "chaos engineers" like Steve Bannon, who influenced the dissemination of an ideological framework that challenges the status quo. The research concludes that the rise of the new right in Brazil is not an isolated phenomenon but part of a global trend of political reconfiguration. Ultimately, the study suggests that understanding these dynamics is crucial to anticipating the future trajectories of Brazilian and international politics.

Keywords: Political Party; PSL; NOVO; Newness; Brazilian Politics; Right-wing.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Partido NOVO na eleição municipal de 2016	92
Tabela 2 -Partido NOVO na eleição nacional 2018.....	92
Tabela 3 - Ocupação profissional dos eleitos pelo NOVO em 2018.....	103
Tabela 4 - Políticos pesquisados, números de vídeos e tempo de duração...	145

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Nuvem de Palavras..... 144

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Desempenho dos candidatos do PSL para Assembléias Estaduais	94
Gráfico 2 - Desempenho dos candidatos do PSL para Câmara dos Deputados	95
Gráfico 3 - Cor da pele declarada pelos eleitos do PSL nas eleições de 2018	96
Gráfico 4 - Escolaridade dos eleitos pelo PSL nas eleições de 2018.....	97
Gráfico 5 - Candidatos eleitos pelo PSL em 2018 que buscavam a reeleição	98
Gráfico 6 - Relação de homens e mulheres entre os eleitos pelo PSL em 2018	98
Gráfico 7 - Relação de homens e mulheres entre os eleitos pelo NOVO em 2018	99
Gráfico 8 - Estados pelos quais foram eleitos os membros do NOVO em 2018	100
Gráfico 9 - Estados pelos quais foram eleitos os membros do PSL em 2018	101
Gráfico 10 – Faixa etária dos eleitos pelo NOVO em 2018	102
Gráfico 11 – Faixa etária dos eleitos pelo PSL em 2018.....	102
Gráfico 12 – Ocupação profissional dos eleitos pelo PSL em 2018	103

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALERJ - Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro
ALESC - Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina
DCE - Diretório Central dos Estudantes
DEM - Democratas (partido político)
MDB - Movimento Democrático Brasileiro (partido político)
NEPOL - Núcleo de Estudos sobre Política Local
NOVO - Partido NOVO (partido político)
PEC - Proposta de Emenda Constitucional
PL - Partido Liberal (partido político)
PSL - Partido Social Liberal (partido político)
PSDB - Partido da Social Democracia Brasileira (partido político)
PT - Partido dos Trabalhadores (partido político)
PFL/DEM - Partido da Frente Liberal/Democratas (partido político)
PTN - Partido Trabalhista Nacional (partido político)
PRP - Partido Republicano Progressista (partido político)
TSE - Tribunal Superior Eleitoral
UFSM - Universidade Federal de Santa Maria

SUMÁRIO

1 Introdução	14
2 Explorando a Nova Direita: Características Distintivas e Ideologias Emergentes.....	35
2.1 Contextualizando a Ascensão da Nova Direita: Fatores e Implicações.	35
2.2 Desvendando o Perfil Ideológico da Nova Direita: Tendências e Fundamentos.	58
3 Dinâmica do Sistema Político-Partidário Brasileiro: Ênfase nos Partidos PSL e NOVO.....	71
3.1 Estrutura e Dinâmicas do Sistema Político-Partidário Brasileiro.....	72
3.2 Evolução Histórica dos Partidos PSL e NOVO: Trajetórias e Transformações.	91
3.3 Análise do Perfil dos Candidatos do PSL e NOVO nas Eleições de 2018.	95
4 Análise Crítica das Entrevistas com Parlamentares dos Partidos NOVO e PSL: Perspectivas da Nova Direita Brasileira.....	106
4.1 A recorrência de palavras típicas do léxico dos representantes como “público” e “política” ao longo das entrevistas.	117
4.2 Termos que refletem a dualidade entre nova e velha política.	119
4.3 Contrastes entre formalidade técnica e expressividade impactante nas comunicações políticas.	121
4.4 Alinhamentos e Divergências: A relação dos deputados do PSL e do partido NOVO com Jair Bolsonaro.	123
4.5 Motivações Políticas: Descontentamento e a busca por renovação na trajetória dos deputados.	125

4.6 Privatizações e Socialização Política: O impacto dos movimentos liberais.	126
4.7 Conservadores nos costumes e liberais na economia	129
4.8 A quarta onda de Mudde: Presenças e Ausências nas Perspectivas Brasileiras.....	130
4.9 Abordagens contrastantes sobre políticas de combate ao crime e a violência.	134
4.10 Outras considerações.....	137
5 Análise dos Discursos em Vídeos no YouTube por Políticos da Nova Direita nas Eleições de 2018.	142
5.1 Paulo Ganime: Estratégias audiovisuais e retórica na campanha de 2018.	146
5.2 Sargento Lima: Estratégias e alinhamento com o Bolsonarismo.	156
5.3 Missionário Ricardo Arruda: Conservadorismo e crítica à velha política..	157
5.4 Rodrigo Amorim: Ativismo polêmico e laços com a família Bolsonaro.	160
5.5 Giuseppe Riesgo: Críticas à velha política e defesa de pautas liberais no Rio Grande do Sul.....	162
5.6 Fábio Ostermann: Atraindo apoio para o liberalismo e fortalecendo o partido NOVO.....	171
5.7 Considerações finais sobre a análise da coesão Programática e estratégias discursivas da nova direita brasileira.....	179
6 Considerações Finais e Implicações para o Futuro da Pesquisa	184
Referências	189

1 Introdução

Com a realização das eleições nacionais em outubro de 2018, o Brasil testemunhou um acontecimento histórico que marcaria uma nova fase em sua trajetória política: a ascensão ao Poder Executivo Nacional do ex-militar Jair Bolsonaro, que até aquele momento exercia a função de deputado federal. A apuração dos votos, que se desenrolava em tempo real, gerou uma onda de reações diversas entre a população, com muitos cidadãos acompanhando o processo com expressões de surpresa e incredulidade, enquanto outros se deixavam levar por um sentimento de entusiasmo e esperança. Para esses últimos, a figura de um candidato que se apresentava sob a bandeira da novidade e da mudança representava a possibilidade de um futuro melhor para o país, suscitando a expectativa de que sua liderança poderia, de fato, trazer benefícios significativos e transformadores para a nação. Essa polarização de sentimentos e percepções sobre o resultado eleitoral reflete não apenas a complexidade do cenário político brasileiro, mas também as aspirações e frustrações acumuladas ao longo de anos de insatisfação com a política tradicional.

No final daquele mesmo ano, tive a satisfação e a honra de ser aprovado no doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora, uma conquista que representava um passo importante na minha trajetória acadêmica e profissional. Como Cientista Político, com um histórico de trabalho e pesquisa focada em partidos políticos durante meu mestrado, a experiência de acompanhar o sucesso eleitoral do relativamente pequeno e pouco expressivo Partido Social Liberal (PSL) foi, sem dúvida, uma fonte de grande estranhamento e curiosidade para mim. Este partido, que até então não ocupava uma posição de destaque significativo no cenário político brasileiro, não apenas conseguiu eleger o Presidente da República, mas também se destacou ao receber o maior número de votos para a Câmara dos Deputados, além de conseguir formar a segunda maior bancada na referida casa legislativa. Essa ascensão meteórica e surpreendente do PSL despertou em mim uma série de questionamentos e reflexões sobre as razões subjacentes que impulsionaram esse pequeno partido a alcançar uma posição

de relevância e destaque no competitivo panorama político do Brasil. Esse fenômeno intrigante exigiu uma investigação mais profunda sobre os fatores que permitiram a tal ascensão, levando-me a explorar as dinâmicas que moldaram essa nova configuração política.

Porém, meu interesse por políticos e seus partidos surgiu ainda na graduação de ciências sociais, quando tive a oportunidade de participar do Núcleo de Estudos sobre Política Local (NEPOL) coordenado pela professora Dra. Marta Mendes da Rocha. Nesta ocasião tive a oportunidade de entrevistar, por meio de um survey, dezenas de vereadores do estado de Minas Gerais, despertando assim meu interesse pelos atores políticos enquanto objeto de estudo, além de me proporcionar uma série de aprendizados sobre política em geral, mas, sobretudo política local e o método de survey. Neste contexto, participei de diversas reuniões e workshops para afinar o questionário que aplicaríamos na pesquisa com os vereadores e, sem dúvida, esses momentos me inspiraram quando fui elaborar os roteiros para as entrevistas com os deputados da “nova direita” brasileira nessa tese.

Durante o desenvolvimento da tese, optei por adotar como referência fundamental para o conceito de direita a definição clássica proposta por Noberto Bobbio (2001). Essa definição é particularmente relevante, pois traz à tona a ideia de que a característica mais preponderante que distingue a direita é, sem dúvida, o seu posicionamento em relação à desigualdade que existe entre os indivíduos. Bobbio argumenta que a direita tende a compreender essa desigualdade como uma questão de natureza intrínseca à condição humana, sugerindo que tal desigualdade é, portanto, uma realidade que deve ser aceita como parte do panorama social. Consequentemente, essa perspectiva implica que a desigualdade estaria, em certo sentido, fora do escopo de intervenção do Estado, levando à conclusão de que a responsabilidade do governo não seria a de tentar corrigir ou nivelar as disparidades sociais, mas sim de reconhecer e acomodar essa condição natural. Essa abordagem nos proporciona um entendimento mais aprofundado das motivações e justificativas que frequentemente sustentam as políticas e ideologias de direita, tornando-se um ponto de partida essencial para a empreitada analítica que se seguirá nesta pesquisa

Já como “nova direita” no Brasil, eu entendo como sendo os partidos e políticos que, após as eleições de 2018, ocuparam o espaço deixado pela direita tradicional, ou o que Norris (2005) define como “direita mainstream”, que se via representada no Brasil por partidos como PSDB, MDB e PFL/DEM ao longo dos anos 90 e nas primeiras décadas dos anos 2000. Contudo, os partidos selecionados para análise nesse trabalho e que representam a nova direita – PSL e NOVO – possuem algumas diferenças entre si. Portanto, inspirado por Cas Mudde (2019), optei por bifurcar o grupo nomeado de “nova direita” em dois subgrupos. O primeiro deles é exemplificado pelo extinto PSL, sobretudo a ala Bolsonarista, que compunha o partido em 2018 e de certa forma ainda se faz presente no cenário político nacional. Os integrantes deste primeiro grupo são caracterizados por seus traços autoritários, por seu discurso liberal nas pautas econômicas, pelo conservadorismo moral no que tange os costumes, por uma agenda regressiva com relação ao direito de minorias e por pouco apreço as instituições democráticas, o que fica evidente na exaltação do passado da ditadura militar. A este primeiro subgrupo eu utilizei a definição de “extrema direita”.

Já o segundo subgrupo aqui abordado na figura do partido NOVO e seus integrantes comungam com o subgrupo anteriormente descrito a predileção do liberalismo com relação a pautas econômicas, mas não são tão fortemente orientados pelo conservadorismo moral, nem se opõe contra as instituições democráticas e os direitos das minorias, o que demonstra também o âmbito político do liberalismo e a disposição em participar do jogo democrático. A este subgrupo eu denominei “direita radical”, por adotarem de forma contundente características presentes na ideologia de direita e por fazerem um discurso mais radical que a direita hegemônica nos anos 1990 e 2000, sobretudo, se levarmos em consideração pautas econômicas que têm como objetivo diminuir o tamanho e a influência do Estado.

É importante fazer uma ressalva no que diz respeito ao segundo subgrupo que foi descrito anteriormente, especialmente em relação à definição que Mudde (2019) apresenta em sua obra sobre o conceito de direita radical. Os integrantes do grupo que foi analisado pelo respeitado cientista político holandês demonstraram, de maneira bastante evidente, uma postura muito

mais intolerante em relação às pautas que dizem respeito aos direitos das minorias. Essa intolerância se manifestou de diversas formas, refletindo uma aversão a discussões e iniciativas que buscam promover a igualdade e a inclusão de grupos historicamente marginalizados. Em contrapartida, os membros do partido NOVO, com os quais tive a oportunidade de conduzir entrevistas, apresentaram uma postura que, embora também alinhada a uma ideologia de direita, parece ser menos hostil em relação a essas questões. Essa diferença de posicionamento entre os dois grupos é fundamental para compreender as nuances e complexidades da nova direita no Brasil, evidenciando que os integrantes do NOVO, ao menos nos diálogos que estabeleci com eles, não compartilham da mesma intensidade de intolerância observada nos representantes da direita radical conforme caracterizada por Mudde.

Tais características são mais bem evidenciadas nas seções deste trabalho em que as entrevistas com atores políticos pertencentes a “nova direita”, e seus dois subgrupos “extrema direita” e “direita radical”, são analisadas, bem como vídeos disponibilizados no Youtube, em que esses políticos expõem suas opiniões sobre alguns assuntos e também fazem campanha para as eleições nacionais de 2018. Porém, é claro que estes conceitos são tipos ideais e são operacionalizados com o intuito de facilitar a compreensão sobre o tema. Ao longo da presente pesquisa podemos encontrar as mesmas características presentes em atores políticos nos dois subgrupos, ou atores que transitem entre eles, o que, por sua vez, demonstraria a fluidez entre as fronteiras da “extrema direita” e da “direita radical”, característica que faz certo sentido, pois ambos pertencem ao mesmo arcabouço, aqui nomeado de “nova direita”.

Dessa forma, o que realmente me chamou a atenção de maneira significativa foi o padrão de discurso que foi adotado por uma série de candidatos, a maioria deles posicionados mais à direita do espectro político. Esses indivíduos se autodenominavam, de forma bastante enfática, como ‘a novidade’ dentro do cenário político, apresentando-se como aqueles que teriam a capacidade de mudar drasticamente os rumos da política brasileira, ao

ocupar os cargos que tradicionalmente pertenciam a políticos estabelecidos e, muitas vezes, desacreditados.

No entanto, é importante ressaltar que, embora o discurso da mudança seja um elemento atrativo e poderoso, ele, por si só, não é suficiente para garantir o sucesso eleitoral. Esses candidatos contaram com uma confluência de outros fatores que desempenharam um papel crucial em suas campanhas. Um desses fatores foi, sem dúvida, o profundo descontentamento da população em relação à política e os atores que a representam, refletindo um anseio por uma transformação genuína¹. Além disso, a utilização de novas ferramentas e plataformas, especialmente as virtuais, foi fundamental para impulsionar suas campanhas, permitindo que espalhassem informações, muitas vezes distorcidas ou enganosas, em uma velocidade sem precedentes. Isso foi acompanhado por um discurso que fomentava o ódio direcionado à esquerda e às minorias, um sentimento que foi amplamente disseminado nos últimos anos, contribuindo assim para a criação de um ambiente propício à ascensão desses novos líderes políticos

Contudo, a ascensão ao poder de políticos de “nova direita” não é uma particularidade nossa e se apresenta como um fenômeno global nos últimos anos. Tal fenômeno possui características semelhantes nos países em que se desenvolve, mas em cada caso também é possível observar algumas singularidades.

Em 2019, ano em que comecei o doutorado, três dos cinco países mais populosos do mundo eram governados por políticos que pertencem a “nova direita”: Brasil, Índia e Estados Unidos. Na Europa, Polônia e Hungria são governados por partidos de extrema direita, enquanto Bulgária, Itália, Eslováquia, Dinamarca, Reino Unido e Estônia possuem forte presença de partidos populistas² de extrema direita.

O escopo deste trabalho é refletir sobre a ascensão da “nova direita” e seus subgrupos “extrema direita” e “direita radical” no Brasil. Para isso

¹ IPSOS. Pesquisa sobre desconfiança nos políticos. Disponível em: <https://www.ipsos.com/pt-br/alem-do-populismo>. Acesso em: 20 set. 2022

² O conceito de populismo aqui utilizado é inspirado em Mudde (2019). Uma ideologia que considera a sociedade separada em dois grupos homogêneos e antagônicos: povo puro versus a elite corrupta. O partido populista é aquele que se diz representante da vontade geral do povo contra a elite.

devemos abordar o contexto em que a ascensão deste movimento foi possível, primeiramente de maneira global e posteriormente com foco maior no caso brasileiro, que é o que realmente nos interessa.

O objetivo central desta pesquisa será desenvolvido por meio de uma análise aprofundada do que se pode chamar de 'discurso da novidade', bem como das diversas maneiras pelas quais esse discurso foi habilmente instrumentalizado pelos partidos PSL e NOVO durante as eleições nacionais de 2018. É interessante notar que o PSL, que historicamente nunca figurou entre os grandes e tradicionais partidos brasileiros, experimentou uma transformação extraordinária nas eleições de 2018. Nesse pleito, o partido não apenas conseguiu eleger o Presidente da República, mas também obteve um resultado impressionante ao eleger uma quantidade significativa de deputados estaduais e federais, além de garantir a vitória de três senadores e três governadores em diferentes estados. Por outro lado, o partido NOVO, que foi fundado há um período de tempo inferior ao do PSL, teve um desempenho eleitoral que pode ser considerado mais modesto em comparação, mas que ainda assim foi notável. O NOVO conseguiu, por exemplo, eleger o Governador de Minas Gerais, um estado que representa o segundo maior colégio eleitoral do Brasil, Romeu Zema. Além disso, o partido também conquistou cadeiras na Assembleia Legislativa, elegendo deputados estaduais. Essa dinâmica entre os dois partidos, com suas respectivas estratégias e resultados, será objeto de nossa análise, permitindo uma compreensão mais rica e detalhada das novas configurações políticas que emergiram naquele contexto eleitoral.

Não podemos deixar de destacar que as eleições nacionais de 2018 no Brasil ocorreram em um contexto histórico e político marcado por eventos significativos que moldaram as percepções e expectativas da população. Entre esses acontecimentos, destacam-se as manifestações de 2013, que, iniciadas como protestos contra o aumento das tarifas de transporte, rapidamente evoluíram para uma ampla insatisfação com a corrupção e a qualidade dos serviços públicos, refletindo uma crescente demanda por mudanças estruturais. Esse clima de descontentamento se intensificou com o impeachment da então presidente Dilma Rousseff em 2016, um evento que não apenas polarizou a sociedade, mas também gerou um forte sentimento de antipetismo, que se

tornaria um dos principais motores da mobilização política nas eleições subsequentes.

Adicionalmente, o governo interino de Michel Temer, que assumiu após o impeachment, foi marcado por um conjunto de reformas impopulares, como a reforma trabalhista e a proposta de reforma da Previdência, que alimentaram a desconfiança da população em relação à política tradicional. A Operação Lava Jato, que revelou um vasto esquema de corrupção envolvendo políticos, empresas e estatais, teve um impacto profundo na opinião pública e culminou na prisão de figuras proeminentes, incluindo o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Esse contexto de fragilidade política e crise de representatividade contribuiu para um ambiente eleitoral onde os candidatos se viam forçados a articular propostas que respondessem à urgência das demandas populares por mudança e renovação.

Outro evento marcante que influenciou as eleições foi a tentativa de assassinato do então candidato Jair Bolsonaro, que sofreu uma facada durante a campanha. Este ataque não apenas mobilizou sua base de apoio, mas também intensificou a narrativa de "perseguição" e "vitimização", que se tornou central em sua retórica. Assim, as eleições de 2018 ocorreram em um contexto marcado por uma confluência de eventos que transformaram o cenário político brasileiro em um espetáculo de polarização e conflito, onde a luta por narrativas e a construção de identidades políticas se tornaram fundamentais para a compreensão do processo eleitoral e dos resultados obtidos.

Assim, a pergunta central que norteia esta investigação é a seguinte: além do já mencionado 'discurso da novidade' que permeou as campanhas dos eleitos pelo PSL e pelo NOVO nas eleições de 2018, quais são as outras características que esses atores políticos possuem que nos permitem situá-los dentro do arcabouço conceitual da 'nova direita' e dos seus respectivos subgrupos, que são aqui explorados de forma detalhada? É importante ressaltar que o objetivo desta pesquisa não se limita a simplesmente abordar o sucesso eleitoral que determinados políticos alcançaram nesse pleito específico. O que se busca, na verdade, é uma compreensão mais ampla e profunda de como o 'discurso da novidade', juntamente com outras características compartilhadas por esses atores políticos, se manifestam como

fenômenos que são significativamente mais complexos do que a mera utilização de uma ferramenta estratégica para alavancar candidaturas. Pretendemos desvendar as camadas subjacentes a essas manifestações, analisando como elas se articulam e se entrelaçam dentro do contexto político atual, contribuindo para moldar novas dinâmicas e configurações no cenário partidário e eleitoral brasileiro. Dessa forma, nossa investigação pretende lançar luz sobre as subtilezas e as implicações mais amplas desse fenômeno, indo além das análises superficiais e simplistas que frequentemente dominam o discurso público.

Vale lembrar que no contexto das eleições nacionais de 2018 o então candidato a Presidência da República Jair Bolsonaro gozava de grande popularidade, característica esta que possivelmente ajudou a angariar votos para seus correligionários, o que pode ser designado como “efeito Bolsonaro” e possivelmente se o ex-capitão tivesse optado por outro partido, em detrimento do PSL, esta outra legenda também seria alvo da minha análise. Logo, os partidos aqui selecionados funcionam muito mais como uma chave para selecionar os atores estudados do que de fato tem um peso para ser o centro da análise. Mesmo que o político tenha trocado de partido após a eleição, ainda o considero dentro do recorte da pesquisa, pois a própria decisão de se candidatar por um dos partidos já sugere certa trajetória e afinidades políticas.

Minha hipótese principal é: adotar o discurso da novidade não é o único e nem o principal fator que levou o PSL e o NOVO a ter um bom desempenho na eleição nacional de 2018, mas a adoção desse discurso teve grande peso nos resultados, sobretudo se considerarmos o contexto de extrema insatisfação com a política tradicional por parte dos eleitores.³ Acredito que uma combinação de fatores foi responsável pelo acontecimento do resultado, por isso devemos identificar as combinações das variáveis que foram necessárias para que o resultado ocorresse. Mais um motivo pelo qual eu acredito que uma abordagem qualitativa seja importante no desenvolvimento do trabalho.

As evidências indispesáveis para testar a hipótese proposta nesta pesquisa foram coletadas a partir de fontes diversas, com foco especial nas

³ IPSOS. Pesquisa sobre desconfiança nos políticos. Disponível em: <https://www.ipsos.com/pt-br/alem-do-populismo>. Acesso em: 20 set. 2022

entrevistas realizadas com os atores políticos que foram eleitos em 2018 pelos partidos NOVO e PSL, assim como na análise das suas publicações no Youtube durante as campanhas. Essas entrevistas fornecerão insights valiosos e serão analisadas em conjunto com uma variedade de outras fontes. Entre tais fontes, destacam-se as informações disponíveis nos sites oficiais dos partidos, onde se encontram dados relevantes sobre suas plataformas e posicionamentos. Além disso, serão consultadas as páginas do congresso e das assembleias legislativas estaduais, que oferecem detalhes cruciais sobre a atuação legislativa e as iniciativas propostas por esses políticos. Não menos importante será a análise de vídeos postados pelos próprios políticos entrevistados em plataformas como o YouTube, que proporcionam uma visão direta e autêntica de seus discursos e estratégias de comunicação. Essa combinação de fontes primárias e secundárias permitirá uma análise abrangente e detalhada, capacitando-nos a testar a hipótese com rigor e precisão, e a compreender melhor as características e as dinâmicas que definem esses atores políticos no contexto da "nova direita".

Acredito que uma variedade de causas distintas pode ter sido responsável pelo sucesso eleitoral arrebatador da chamada 'nova direita' nas eleições de 2018. Para além do amplamente debatido 'discurso da novidade', existem inúmeros fatores que, em conjunto, podem ter contribuído significativamente para a ascensão desse fenômeno político. Entre esses fatores, destaca-se a proximidade com Jair Bolsonaro e sua família, que naquele período exerciam uma influência considerável no cenário político nacional. Além disso, a associação a alguma denominação religiosa pode ter servido como um catalisador importante, proporcionando uma base de apoio sólida e mobilizada (Rodrigues e Fuks, 2015; Mariano, 2016). Outro aspecto relevante é a presença de indivíduos com histórico militar, que frequentemente se posicionam como defensores da ordem e da disciplina, características valorizadas por determinados segmentos do eleitorado (PENIDO; KALIL, 2022).

Ademais, muitos desses candidatos se apresentaram como gestores técnicos, enfatizando sua capacidade de implementar soluções práticas e eficientes para os problemas do país. A defesa da proposta de 'escola sem

'partido' também ressoou com um público que busca a neutralidade ideológica no ambiente educacional. O discurso anti-esquerdista, por sua vez, encontrou eco em uma parcela da população que se opõe às políticas e ideologias da esquerda. A posse de algum tipo de capital político prévio, seja através de cargos anteriores ou de redes de influência, também não pode ser subestimada, assim como a fama, que pode ter sido alavancada para obter visibilidade e apoio. Finalmente, o engajamento ativo nas redes sociais se mostrou uma ferramenta poderosa para alcançar e mobilizar eleitores, amplificando mensagens e construindo comunidades de apoio (TAMAKI; FUKS, 2020). Em suma, a combinação desses fatores criou um ambiente propício para o sucesso da 'nova direita' naquele contexto histórico específico.

Além disso, o Brasil vivia um clima de descontentamento com relação à política e seus atores, sobretudo com os atores que representavam a esquerda e principalmente com os que estavam ligados ao PT, descontentamento este impulsionado pela Lava-jato e a forma como a mídia cobria o caso. Um evento emblemático deste período foi o impeachment de Dilma Rousseff em 2016, que não apenas contou com o apoio decisivo do Congresso Nacional, mas também foi substancialmente influenciado pela diminuição de sua popularidade junto ao eleitorado⁴. Todavia, esse momento de aborrecimento da população com a política, a esquerda e o PT se estenderam pelos anos seguintes, ao ponto de nas eleições nacionais de 2018, Fernando Haddad, candidato petista ao executivo federal receber o menor percentual de votos dos últimos 20 anos⁵ e nas eleições municipais em 2020 o Partido dos Trabalhadores não conquistar nenhuma capital⁶. Além disso, o Partido dos Trabalhadores diminui sua bancada de 69 para 56 deputados federais após a eleição de 2018, o que não

⁴ Disponível em: <http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2016/03/1752306-dilma-ve-reprovacao-subir-e-alta-no-apoio-a-sua-saida.shtml>. Acesso em: 07/06/2022.

⁵ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/10/29/pt-menor-votacao-20-anos.htm>. Acesso em: 07/06/2022.

⁶ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-11-30/pt-nao-conquista-nenhuma-capital-pela-primeira-vez-desde-1985-e-volta-ao-tamanho-pre-lula.html>. Acesso em: 07/06/2022.

o impediu de constituir a maior bancada da Câmara e se manteve como o principal partido de esquerda no Brasil⁷.

É fundamental reconhecer a influência exercida pelas redes de Think Tanks, instituições que desempenham um papel estratégico ao difundir o ideário pró-mercado (ROCHA, 2018). Essas organizações se dedicam a organizar, capacitar e mobilizar grupos que estão alinhados com sua visão de mundo, especialmente no que diz respeito a pautas econômicas. Elas atuam como catalisadores de ideias e políticas, promovendo uma agenda que favorece a liberalização econômica e a diminuição da intervenção estatal nos mercados. A presença e o apoio dessas redes contribuíram para moldar o discurso político e econômico durante as eleições, fornecendo suporte intelectual e logístico para candidatos que compartilham de suas convicções e objetivos. Desta forma, tanto a disseminação de notícias falsas quanto a influência dos Think Tanks se configuraram como elementos cruciais para a compreensão das dinâmicas e resultados do pleito de 2018.

O tipo de abordagem utilizada nesta pesquisa se encaixa nos moldes de uma abordagem qualitativa, pois a ideia central aqui é analisar o sucesso da “nova direita” brasileira na eleição de 2018, sobretudo PSL e NOVO. Nota-se que o objetivo principal aqui não é buscar generalizações a respeito dos efeitos causais, nem focar no efeito isolado de cada variável individualmente (o que sugeriria uma abordagem quantitativa), mas o foco desta pesquisa está no efeito combinado de diversas variáveis e por mais que algumas vezes a luz possa estar em uma variável mais especificamente, deve ficar claro que tal variável é compreendida dentro de um contexto e não de forma isolada.

Para alcançar tal objetivo de maneira eficaz, é imprescindível realizar uma contextualização dos arranjos históricos, políticos e institucionais que caracterizam o cenário brasileiro. Além disso, é essencial refletir brevemente sobre o contexto global contemporâneo em que vivemos, uma vez que a ascensão de partidos de direita e extrema direita não é um fenômeno restrito ao Brasil, mas sim uma tendência global que se manifesta em diversas nações

⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/08/pt-perde-deputados-mas-ainda-tem-maior-bancada-da-camara-psl-de-bolsonaro-ganha-52-representantes.ghtml>. Acesso em: 09/06/2022

ao redor do mundo. Essa realidade não pode ser analisada de forma isolada, como se ocorresse somente em território brasileiro, pois faz parte de um movimento mais amplo e complexo.

Apesar desse esforço de contextualização, é importante ressaltar que a presente pesquisa não se limita a ser um estudo meramente descritivo. Pelo contrário, ela se propõe a ser uma reflexão analítica que busca gerar hipóteses fundamentadas sobre as razões que explicam o sucesso eleitoral dos atores políticos associados à 'nova direita' no cenário eleitoral de 2018. Um aspecto central dessa análise é a investigação do uso estratégico de uma de suas principais táticas, a adoção do chamado 'discurso da novidade.' Essa estratégia desempenhou um papel crucial em suas campanhas, servindo como um elemento diferenciador e potencialmente decisivo para conquistar o apoio do eleitorado. Assim, a pesquisa se debruça sobre essas questões, com o intuito de oferecer insights que possam contribuir para uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas políticas contemporâneas.

Mas no que consiste o que venho chamando de "discurso da novidade"? Antes de realizar e analisar as entrevistas o que temos são hipóteses iniciais que caracterizam o "discurso da novidade" como sendo aquele utilizado por políticos que queiram se diferenciar de seus pares que ocupam o status quo. A estratégia utilizada pelos políticos que adotam esse tipo de discurso gravita em torno de dualidades como, por exemplo, a diferenciação entre a nova política e a velha e tradicional política, a eficiência do mundo privado em oposição a ineficiência do Estado, um modelo de gerir a política e seus conflitos baseado na meritocracia em detrimento do "toma lá dá cá" e etc.

A análise da ascensão da "nova direita" no Brasil, em especial dos partidos PSL e NOVO, revela um fenômeno complexo e multifacetado que transcende o simples discurso da novidade. Este trabalho demonstrou que a vitória eleitoral de 2018 não pode ser explicada exclusivamente pela retórica inovadora adotada por esses candidatos, mas deve ser compreendida à luz de uma confluência de fatores que refletiram o descontentamento generalizado com a política tradicional e a busca por alternativas que prometiam mudança.

Em primeiro lugar, é de suma importância reconhecer que o contexto histórico e político do Brasil, estabeleceu um ambiente propício à emergência

de novas lideranças. Estas lideranças se apresentaram ao público como os porta-vozes de uma política renovada e transformadora. O fenômeno da "nova direita" no Brasil insere-se dentro de um movimento mais amplo de alcance global. Embora este movimento compartilhe diversas características comuns com o que se observa em outros países, ele também exibe particularidades únicas ao contexto brasileiro que merecem ser analisadas de forma cuidadosa e individualizada. Essas especificidades refletem as nuances culturais, sociais e políticas locais, que influenciam a maneira como tais movimentos se manifestam e ganham força. Portanto, ao abordar este fenômeno, é crucial considerar tanto os aspectos globais quanto os elementos distintivos que moldam a 'nova direita' no Brasil, oferecendo assim uma análise mais completa e enriquecedora.

A partir das entrevistas exaustivamente conduzidas com os políticos eleitos, tornou-se viável identificar que, além do amplamente comentado discurso da novidade, uma série de outras variáveis exerceu uma influência substancial sobre o desempenho eleitoral desses candidatos. Entre essas variáveis, destaca-se a proximidade estratégica com figuras carismáticas que detinham a capacidade de atrair e engajar o eleitorado de maneira significativa. Além disso, a utilização eficaz das redes sociais emergiu como um fator determinante, permitindo uma comunicação direta e impactante com os eleitores, ampliando o alcance das mensagens e fortalecendo o engajamento. A mobilização de uma base de apoio sólida e comprometida também se revelou crucial, fornecendo sustentação e dinamismo às campanhas. A análise qualitativa adotada nesta pesquisa proporcionou uma compreensão mais profunda dessas nuances, permitindo-nos explorar a complexa inter-relação entre os diversos fatores que, em conjunto, contribuíram para o expressivo sucesso eleitoral observado. Essa abordagem analítica nos capacitou a desvendar as camadas subjacentes que compõem o cenário político, oferecendo uma visão mais abrangente e detalhada do fenômeno em questão.

Por outro lado, a definição de "extrema direita" e "direita radical" como subgrupos da nova direita brasileira se mostrou útil para identificar diferenças significativas nas posturas e estratégias políticas desses partidos. Enquanto o PSL, em sua ala mais extremista, cultivou um discurso autoritário e

conservador, o partido NOVO apresentou uma proposta mais alinhada ao liberalismo econômico, sem o mesmo grau de hostilidade às instituições democráticas.

Além disso, a disseminação de informações e desinformações, particularmente em plataformas digitais, emergiu como um componente essencial na construção de narrativas que favoreciam a nova direita, contribuindo para a formação de uma opinião pública favorável a esses novos atores políticos. O impacto das fake news e a articulação de grupos de pressão e think tanks foram identificados como elementos críticos que potencializaram as campanhas eleitorais, evidenciando a importância das estratégias de comunicação no cenário político contemporâneo.

A decisão de direcionar a pesquisa para a análise dos deputados federais vinculados à nova direita brasileira, especialmente os partidos PSL e NOVO, é sustentada por uma série de razões que evidenciam uma lacuna significativa na literatura acadêmica existente. Essa lacuna se torna particularmente evidente no que diz respeito ao papel ideológico exercido pelos partidos políticos, assim como na investigação do discurso das elites políticas que se posicionam à direita do espectro político.

Além disso, a análise do discurso dos políticos associados à nova direita assume um papel crucial na compreensão das estratégias que esses atores utilizam para conquistar e mobilizar o apoio de seus eleitores. Essa abordagem não apenas possibilita identificar como o discurso da "novidade" se transforma em uma ferramenta eficaz de legitimação e ascensão ao poder, mas também desvenda as concepções subjacentes sobre o papel do Estado e da sociedade que esses líderes promovem. A retórica empregada, que frequentemente se opõe à política tradicional, se configura como um elemento central a ser examinado, pois proporciona insights valiosos sobre as intenções dos políticos da nova direita e suas perspectivas ideológicas.

Outro ponto de grande relevância a ser considerado é que a ascensão da nova direita no Brasil não se trata de um fenômeno isolado, mas sim de um movimento que se insere em um contexto global, onde várias nações têm testemunhado o fortalecimento de partidos e líderes que se posicionam à direita do espectro político. Essa tendência transcende as fronteiras nacionais e

deve ser analisada à luz das mudanças nas dinâmicas sociais, econômicas e políticas que afetam o mundo contemporâneo. Assim, ao centrar a investigação nos deputados que representam essa nova direita, o estudo se propõe a contribuir para um entendimento mais amplo das transformações políticas atuais, permitindo uma análise comparativa com outros contextos internacionais e suas especificidades.

Ademais, a pesquisa não se limita apenas a investigar o sucesso eleitoral desses partidos, mas busca compreender os fatores multifacetados que possibilitaram essa ascensão. Elementos como a proximidade com figuras carismáticas, como o ex-presidente Jair Bolsonaro, a utilização estratégica de novas plataformas de comunicação e a exploração de discursos que capitalizam o descontentamento popular com a política tradicional são aspectos que devem ser considerados para uma análise mais abrangente e informada. Esses fatores interagem de maneiras complexas, moldando a percepção pública e contribuindo para a popularidade dos novos atores políticos, ao mesmo tempo em que refletem um desejo de mudança por parte da população. Além disso, a investigação das características ideológicas e das práticas discursivas dos deputados da nova direita permite um mapeamento das diferenças entre os subgrupos que compõem esse espectro político. A distinção entre a "extrema direita" e a "direita radical", por exemplo, revela variações significativas nas posturas e estratégias adotadas pelos partidos, como o PSL e o NOVO. Essa análise comparativa é fundamental para entender como diferentes nuances ideológicas influenciam as táticas de campanha e a forma como esses políticos se conectam com suas bases eleitorais, permitindo uma compreensão mais rica das dinâmicas políticas em jogo.

Outro aspecto a ser considerado é a importância das redes sociais e das plataformas digitais na disseminação de informações, bem como na construção de narrativas que favorecem a nova direita. A maneira como esses políticos utilizam esses meios para interagir com o público e promover suas agendas políticas é um componente essencial a ser analisado. A utilização estratégica das redes sociais não apenas amplia o alcance das mensagens, mas também permite uma mobilização mais eficiente de apoiadores, especialmente entre os

jovens eleitores, que frequentemente se sentem mais à vontade em interagir em ambientes digitais.

Em suma, a escolha de investigar a nova direita brasileira, através da análise dos deputados eleitos e de suas práticas discursivas, é justificada pela necessidade urgente de preencher lacunas na pesquisa acadêmica existente. Essa escolha se fundamenta na relevância do fenômeno no atual panorama político e na busca por compreender as complexas interações entre política e sociedade em um período de transformação significativa. A abordagem qualitativa adotada permitirá uma reflexão crítica e detalhada sobre as implicações da nova direita para o futuro da democracia no Brasil.

Dessa forma, a pesquisa busca não apenas elucidar o fenômeno da nova direita, mas também reflete, mesmo que de forma menos direta, sobre a direção que a política brasileira poderá tomar nos próximos anos. O entendimento das motivações, discursos e práticas dos atores políticos da nova direita é fundamental para a análise das transformações no comportamento eleitoral e na configuração do sistema político. Em última instância, essa investigação poderá iluminar os desafios e oportunidades que se apresentam neste contexto político em constante evolução, promovendo um entendimento mais profundo do impacto desses novos atores na vida democrática brasileira.

Esse aprofundamento na análise dos deputados da nova direita não apenas enriquece a discussão acadêmica, mas também se revela de suma importância para a compreensão do futuro da política no Brasil. A inter-relação entre as ações desses políticos e o comportamento do eleitorado pode fornecer insights valiosos sobre as tendências emergentes e as possíveis mudanças nas dinâmicas de poder. Portanto, essa pesquisa se torna uma contribuição significativa para o entendimento do cenário político atual e das perspectivas para o futuro próximo.

Por fim, este estudo aponta para a necessidade de uma reflexão contínua sobre a dinâmica política brasileira e as transformações que a nova direita está promovendo no panorama das relações de poder. A busca por compreender as motivações, os discursos e as práticas dos atores políticos da nova direita são fundamentais para o entendimento de um processo que, embora tenha se manifestado em um momento específico da história, possui

implicações profundas para o futuro da democracia no Brasil. É imperativo que as investigações continuem a se aprofundar, visando elucidar as interações entre a política, a sociedade e as novas formas de mobilização que emergem neste contexto.

O primeiro capítulo é dedicado à análise da nova direita, um fenômeno que, embora recente, evidencia uma série de características, motivações e interconexões entre seus subgrupos, incluindo neoliberais, conservadores e extremistas de direita. A discussão é iniciada contextualizando a nova direita em um ambiente global, onde a hegemonia neoliberal e as crises políticas e econômicas oferecem o terreno fértil para o seu crescimento. Essa análise é crucial para compreender como as dinâmicas sociais e políticas contemporâneas têm moldado o discurso da nova direita não só em nosso país, mas também em outras pátrias.

Ao longo deste segmento, é discutida a natureza multifacetada da nova direita, que revela tanto contradições quanto semelhanças em suas propostas e alianças. É ressaltado que, apesar das divergências internas, existe uma articulação em prol de objetivos comuns, refletindo as dinâmicas políticas e sociais contemporâneas. Essa interconexão entre diferentes subgrupos é um aspecto essencial para compreender a força da nova direita no Brasil.

Posteriormente é explorado o contexto histórico que favoreceu a ascensão da nova direita, destacando a hegemonia neoliberal que predominou a partir dos anos 1980 e sua crítica crescente, especialmente após a crise financeira de 2008. Ele discute como as contradições inerentes ao liberalismo trouxeram à tona um vácuo político que foi rapidamente preenchido por ideologias mais conservadoras e autoritárias. Este fenômeno é apresentado não apenas como uma resposta a crises econômicas e políticas, mas também como um reflexo das transformações sociais que exigem novas narrativas e soluções. Argumenta-se que, ao compreender o contexto em que a nova direita se desenvolveu, podemos decifrar as táticas políticas e os discursos que emergiram nos últimos anos.

Além disso, há o entendimento de que o descontentamento com as instituições democráticas e as elites políticas tradicionais criou um terreno farto para o surgimento de novas lideranças. O crescimento de movimentos

populistas e antiestablishment ao redor do mundo é abordado, destacando a interconexão entre essas tendências globais e o cenário brasileiro. Essa análise permite que o leitor compreenda a nova direita não apenas como um fenômeno local, mas como parte de um movimento global de reconfiguração política.

Este trabalho também dedica-se a delinear as características ideológicas da nova direita, estabelecendo distinções entre os conceitos de "extrema direita" e "direita radical". A análise fundamenta-se em autores renomados, como Noberto Bobbio e Michael Freeden, que discutem a relevância da dicotomia entre esquerda e direita e a intersecção entre diferentes ideologias. O capítulo enfatiza que, embora a nova direita se apresente como um movimento inovador, ela carrega legados históricos que continuam a influenciar sua identidade contemporânea. A articulação entre múltiplas ideologias dentro do campo da direita é um ponto crucial a ser explorado.

Argumenta-se que a nova direita brasileira reflete tanto uma continuidade dos elementos conservadores do passado quanto a incorporação de novas demandas sociais e adventos tecnológicos. Essa dualidade é central para entender como a nova direita se posiciona em relação a questões contemporâneas, como direitos civis e políticas de inclusão. Essa análise das intersecções ideológicas permite uma visão mais rica e diversificada do fenômeno da nova direita (ROCHA, 2018).

O segundo capítulo é voltado para uma análise minuciosa das nuances e características que definem os partidos PSL e NOVO, com o intuito de proporcionar uma compreensão mais clara do contexto que levou à sua criação e ao seu posicionamento político, além de examinar o perfil dos membros que compõem essas agremiações. A estrutura do capítulo é dividida em duas partes interligadas, que se complementam para oferecer uma visão abrangente sobre os temas abordados.

A primeira parte oferece uma análise histórica, examinando as origens, a evolução e o desempenho eleitoral de ambos os partidos ao longo do tempo. Essa análise histórica não apenas contextualiza a trajetória dos partidos, mas também permite identificar os fatores que influenciaram sua ascensão e popularidade, especialmente no contexto político contemporâneo. São

discutidas as circunstâncias políticas e sociais que contribuíram para a formação do PSL e do NOVO, destacando as influências que moldaram suas agendas.

Desta forma, é apresentada a fundação do partido NOVO, que teve início em fevereiro de 2011, com seu registro oficial sendo concedido pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) em setembro de 2015. Composto por 181 fundadores oriundos de diversas áreas, a maioria deles possui elevada formação acadêmica, mas carece de experiência política anterior. A ênfase liberal de suas propostas se destaca como a principal característica do NOVO, que defende a autonomia e a liberdade do indivíduo, a diminuição da carga tributária e a privatização de serviços essenciais.

Em contraste, o PSL, fundado em 1994, possui um histórico mais longo no cenário político brasileiro. Desde sua criação, o partido defendeu a redução da participação do Estado na economia e priorizou o direcionamento de recursos públicos para saúde, segurança e educação. A ascensão do PSL nas eleições de 2018, especialmente ao se alinhar à candidatura de Jair Bolsonaro, resultou em um desempenho eleitoral significativo, evidenciado por dados quantitativos que ilustram o crescimento do partido em comparação com pleitos anteriores. Essa trajetória é fundamental para compreender como o PSL se estabeleceu como uma força política proeminente.

Já na segunda parte, é analisado o perfil dos candidatos eleitos pelos partidos NOVO e PSL nas eleições de 2018, observando características relevantes, como a predominância de candidatos com ensino superior completo no NOVO e uma maior diversidade no PSL. A presença de figuras militares e policiais é notável entre os eleitos do PSL, indicando uma valorização desses grupos na política atual. O capítulo conclui que, apesar das diferenças, existe uma convergência nas pautas liberais defendidas por ambos os partidos, especialmente no que diz respeito às propostas de privatização e à redução do papel do Estado na economia. Essa análise detalhada fornece uma visão abrangente sobre o perfil dos políticos eleitos, permitindo avaliar como suas características pessoais e profissionais impactam suas agendas políticas.

O terceiro capítulo é dedicado à análise das entrevistas realizadas com os políticos eleitos em 2018 pelos partidos NOVO e PSL. O autor reflete sobre os

desafios enfrentados ao realizar as entrevistas, a resistência encontrada e a importância das respostas obtidas. A análise das falas dos entrevistados revela temas recorrentes, como a crítica à corrupção e à velha política, além do uso estratégico de termos como "público", "política" e "mudança". O autor destaca a diferença entre a linguagem técnica dos membros do NOVO e a retórica mais agressiva dos representantes do PSL, evidenciando como essas diferenças refletem as estratégias de comunicação adotadas por cada partido. Essa discussão sobre a linguagem utilizada pelos políticos é essencial para entender como eles se posicionam no espectro político e como suas falas ressoam com o eleitorado.

Já no quarto capítulo o alvo da investigação são uma série de vídeos postados no YouTube pelos políticos entrevistados, buscando identificar os temas mais frequentemente abordados, bem como se há alguma semelhança com o discurso adotado nas entrevistas. A análise revela que palavras como "público", "política", "partido" e "mudança" são amplamente utilizadas (assim como nas entrevistas), indicando uma tentativa de engajar o eleitorado em torno de questões centrais para as campanhas. O capítulo destaca a presença do discurso de ruptura com a velha política e a construção de uma identidade política baseada na novidade.

A adoção do método de análise de conteúdo (AC) para examinar as entrevistas com deputados e os vídeos no YouTube é de importância fundamental para esta tese, considerando o contexto e a natureza dos dados que estão sendo analisados. Conforme destacado no manual de Rafael Cardoso Sampaio e Diógenes Lycarião (2021), a AC é uma técnica científica sistemática que possibilita a elaboração de inferências válidas a partir de conteúdos verbais, visuais ou escritos. Essa abordagem se mostra especialmente pertinente ao investigar discursos políticos, pois a interpretação dos significados e das intenções subjacentes é essencial para compreender as estratégias comunicativas e as mensagens articuladas pelos deputados. Tal enfoque permite uma análise detalhada das dinâmicas discursivas, oferecendo insights valiosos sobre as práticas e os discursos políticos contemporâneos

A análise conclui que os vídeos refletem as narrativas e estratégias de legitimação dos políticos da nova direita, evidenciando a importância da

comunicação digital nas campanhas contemporâneas. Essa seção proporciona insights sobre a forma como os políticos utilizam as plataformas digitais para disseminar suas ideias e conquistar o apoio do eleitorado.

Na conclusão, são sintetizados os principais achados da pesquisa, ressaltando a interconexão entre a ascensão da nova direita no Brasil e as tendências globais. A vitória de Jair Bolsonaro e o desempenho dos partidos PSL e NOVO são apresentados como parte de um movimento mais amplo de descontentamento com a política tradicional e as práticas corruptas associadas a ela. A análise das entrevistas e dos vídeos permite uma compreensão mais profunda das estratégias de comunicação e mobilização adotadas por esses políticos, destacando a importância de continuar investigando as dinâmicas que moldam o cenário político brasileiro contemporâneo.

Essa reflexão final propõe um convite à análise crítica e à compreensão dos desafios que se apresentam, destacando a relevância de um debate informado e contínuo sobre as interações entre política, sociedade e as novas formas de mobilização emergentes neste contexto. A leitura dos capítulos aqui descritos não apenas contribui para o entendimento do fenômeno da nova direita, mas também ressalta a necessidade de um olhar atento às continuidades e rupturas que caracterizam a história política do Brasil. O autor expressa a esperança de que futuras investigações possam aprofundar ainda mais essa discussão, contribuindo para um entendimento mais robusto e nuançado do fenômeno político que agora se revela.

2 Explorando a Nova Direita: Características Distintivas e Ideologias Emergentes.

O Propósito dessa seção é analisar a “nova direita”. Esta análise nos ajudará a compreender melhor as contradições e semelhanças presentes em seu arcabouço teórico, sobretudo se considerarmos seus subgrupos e alianças entre neoliberais, conservadores e extremistas de direita. Além disso, o esforço desempenhado nesta seção facilitará nossa compreensão sobre os argumentos que permeiam o pensamento e o discurso da “nova direita”, bem como suas motivações para se articular, a despeito de suas divergências, em prol de objetivos comuns.

Em um primeiro momento abordaremos o contexto mundial em que a “nova direita” se desenvolveu, para que posteriormente possamos compreender sua ascensão em terras brasileiras. Na segunda subseção o destaque vai para o perfil ideológico apresentado pela direita e suas possíveis variações ao longo do tempo e do espaço.

A investigação da "nova direita" no Brasil oferece uma oportunidade valiosa para expandir nossa compreensão sobre as dinâmicas políticas atuais e as complexidades que a envolvem. Este fenômeno, que se apresenta como um marco significativo na política contemporânea, revela não apenas as contradições e semelhanças entre seus vários componentes, mas também a interconexão entre diferentes subgrupos, que incluem neoliberais, conservadores e extremistas de direita. A articulação entre esses grupos não se limita a uma conveniência tática; ao contrário, reflete um contexto global em crise, em que as ideologias tradicionais enfrentam desafios sem precedentes. As motivações subjacentes que levam à formação e à atuação da "nova direita" são diversas e se entrelaçam com as transformações políticas, sociais e econômicas que caracterizam o início do século XXI. Portanto, esta seção estabelece uma base sólida para aprofundar a compreensão das estratégias e discursos que têm moldado a nova direita, não apenas no Brasil, mas também em outras nações ao redor do mundo.

2.1 Contextualizando a Ascensão da Nova Direita: Fatores e Implicações.

A partir dos anos 1980 até a primeira década dos anos 2000 vimos o neoliberalismo reinar como ideologia dominante, na mente e programa político da maioria dos chefes de Estado dos países que se encontram geograficamente a esquerda do meridiano de Greenwich⁸.

Ao longo dos anos o conceito de neoliberalismo foi considerado como polêmico pelas ciências sociais e deixou de significar um debate entre economistas para ser de uso recorrente por parte de seus críticos, ganhando utilização cada vez menos restrita e mais imprecisa (Andrade, 2019).

Todavia, nos anos 1990 o conceito de neoliberalismo mereceu grande atenção das ciências sociais, a partir de perspectivas diversas, como as teorias marxista, weberiana, foucaultiana e bourdiesiana (Andrade, 2019). Há também os que preferem tratar o tema a partir de sua multiplicidade de características que podem variar ao longo do tempo e do espaço em que o fenômeno neoliberal está inserido. Este segundo grupo de pesquisadores trata o conceito no plural ao considerar o caráter híbrido dos neoliberalismos (Ong, 2006; 2007), a questão pós-colonial e sua capacidade de difundir o conceito de países mais desenvolvidos para os menos desenvolvidos (Hilgers, 2012), bem como as novas formas do mercado regulamentar o Estado (Peck, 2010).

Durante os anos 80 o mundo presenciava o iminente fim da Guerra Fria com a derrota do bloco socialista, bem como o sucesso eleitoral do neoliberalismo em países que exercem grande influência no planeta – como a Inglaterra e os Estados Unidos – e a globalização, sobretudo econômica que ditava as regras do fluxo internacional do capital. Essa conjuntura preparou as bases para que a hegemonia neoliberal se consolidasse e influenciasse até mesmo a atuação de partidos de cunho social-democrata, que possuem origem no operariado e historicamente se organizavam em torno de pautas comumente relacionadas à esquerda. Assim, esses partidos foram

⁸ Obviamente existem exceções a essa regra. Como por exemplo, Cuba que a poucos quilômetros dos Estados Unidos não pode ser considerado um país que se orienta pelo neoliberalismo. Também devemos considerar que fora do cenário Ocidental existem países com forte presença da ideologia liberal como os casos da Coréia do Sul e do Japão.

abandonando suas origens de classe e se aproximando das reformas liberalizantes que a hegemonia neoliberal exigia⁹. Com o passar dos anos essa hegemonia foi se consolidando, até que com a crise de 2008 a preponderância neoliberal começou a ser mais fortemente criticada, tanto a direita quanto a esquerda do espectro político.

Segundo Patrick Deneen (2019) o colapso do liberalismo e seu sucessor o neoliberalismo¹⁰ se deu justamente pelas contradições internas que essa ideologia apresenta em sua própria estrutura. Segundo o autor (2019), a ideologia liberal é o conjunto de princípios pelos quais as democracias modernas se forjaram, logo está na origem da democracia que conhecemos e praticamos em boa parte do planeta Terra, o que garante a essa forma de governo ser o sistema estatal mais abrangente que se tem notícia na história da humanidade. Contudo, uma das características do liberalismo é justamente a autonomia individual, gerando uma contradição intrínseca a sua elaboração ideológica. Mas as contradições em que o liberalismo se fundamenta não param por aqui, pois ao mesmo tempo em que a igualdade de direitos é um valor muito caro a ideologia liberal, a desigualdade material não é vista como um problema. Assim como sua legitimidade baseada no consenso de que os seres humanos são naturalmente desiguais, caminha lado a lado com a falta de estímulo com o compromisso cívico e coletivista em detrimento do compromisso privatista (DENEEN, 2019).¹¹

Para Deneen (2019) o declínio do liberalismo ocorre na medida em que ele se torna cada vez mais bem sucedido e a sua lógica interna passa a ser iluminada, expondo assim suas contradições. Tal ocorrência resultou no

⁹ Um exemplo que ilustra bem essa mudança de eixo na social-democracia é o caso brasileiro do Partido dos Trabalhadores (PT), que pouco antes de chegar a presidência já havia alterado suas estratégias o que ficou claro ao longo de seus mandatos presidenciais.

¹⁰ Uma das diferenças entre liberalismo e neoliberalismo que devemos destacar são os critérios tecnicistas mais apegados ao segundo do que ao primeiro.

¹¹ Outro autor que considera que a democracia moderna está enraizada nos princípios políticos do liberalismo clássico é Noberto Bobbio (2006). Segundo ele, o regime democrático ao qual estamos submetidos atualmente é um grupo de procedimentos e instituições que possibilita que um pequeno conjunto de líderes tome decisões em nome dos cidadãos que participam da política através do voto, que é o mecanismo pelo qual expressam seu desejo de manutenção ou alternância das lideranças.

desgaste da sua legitimidade, sobretudo à medida que se evidenciava sua visão falsa da natureza humana e a percepção sobre a lacuna entre o que a ideologia liberal diz e o que a nossa realidade concreta apresenta.

A crise da democracia liberal iluminou o debate sobre a democracia na agenda política mundial. Como nos mostra Scavo (2013) em sua análise crítica da história entre a relação do liberalismo com a democracia, duas ideologias que nasceram com propósitos diferentes e durante o século XX se aproximaram. Para Scavo (2013), a democracia representava um modelo de organização social e política que possuía como elemento central os interesses da maioria. Já a ideologia liberal se caracterizava por defender um discurso utópico que defendia os interesses da classe dominante de forma camouflada.

Com o objetivo de se legitimar e alcançar a aceitação popular, a doutrina liberal se apoderou de determinados tópicos defendidos pelas vertentes democráticas da época, ao passo que descartava temas mais radicais ligados a auto-organização e autogoverno popular. Desta forma, o liberalismo aos poucos foi transformando a democracia em um simples método político (SCAVO, 2013).

Outra autora que aborda esse tema é Nancy Fraser (2019), inspirada pelo italiano Antonio Gramsci, utiliza o conceito de Hegemonia como “o processo pelo qual uma classe dominante faz com que sua dominação pareça natural ao infiltrar os pressupostos de sua própria visão de mundo como sendo o senso comum da sociedade” (FRASER, 2019). Além dessa ideia a autora nos sugere acrescentar mais uma: “todo bloco hegemônico incorpora um conjunto de valores e suposições sobre aquilo que é justo e correto e sobre aquilo que não é” (FRASER, 2019). Dessa forma, o enfraquecimento da hegemonia liberal/neoliberal deixou um vazio, que por sua vez foi preenchido por outro conjunto de valores¹², de cunho mais conservador, possibilitando a chegada de Donald Trump ao poder nos EUA, Jair Bolsonaro no Brasil, Viktor Orban na Hungria e Matteo Salvini na Itália, por exemplo.

¹² Deve-se salientar que nem sempre valores liberais e conservadores estão completamente descolados, no Brasil de Jair Bolsonaro é comum ouvirmos a frase: “sou conservador nos costumes e liberal na economia”. Esse tipo de confusão é comum para aqueles que desconsideram a dimensão política do liberalismo e mantém seu foco apenas na dimensão econômica.

Contudo, Fraser (2019) nos alerta para o fato de que essa crise é multifacetada e não é estritamente uma crise da hegemonia política vigente, possuindo assim outras vertentes, como por exemplo, econômica, social e ecológica. Também devemos nos atentar para o fato de que Trump representa o garoto propaganda de uma crise de caráter global e não apenas um fenômeno estadunidense. Para ela, o que confere legitimidade a essa afirmação é que apesar de haver diferenças entre os lugares onde esse fenômeno ocorreu, em todos os casos uma característica comum está presente: o desgaste das autoridades dos partidos e das classes políticas existentes (FRASER, 2019).

Para além da perda de legitimidade liberal/neoliberal e da crise de hegemonia política anteriormente apresentada, também devemos considerar o realinhamento político como outro fenômeno global que possibilitou que a extrema direita ocupasse o vácuo político existente.

Para La Palombara e Weiner (1966), um contexto de crise é produtivo para o surgimento de novos partidos¹³. Essas crises podem ser de três tipos não excludentes: crise de legitimidade, quando a autoridade perde credibilidade perante a sociedade; crise de integração, gerada por questões referentes à integração de territórios, com grupos que não possuem o direito de votar; e crise de participação, a qual é fruto das mudanças socioeconômicas.

As mudanças socioeconômicas, o processo de globalização, as transformações nos meios de comunicação e de transporte são fatores que, dentre outros, ajudam a entender as transformações nos sistemas partidários pelo mundo. No caso europeu, o processo de integração ou desintegração¹⁴ na União Europeia e suas consequências econômicas também são fatores importantes para compreender a crise dos partidos políticos, que tem levado a um forte questionamento de seu papel como instituição central nas democracias e, ao mesmo tempo, ao surgimento de novas agremiações com

¹³ E consecutivamente novas figuras de liderança política.

¹⁴ Recentemente podemos acompanhar o Brexit, movimento que possibilitou que o Reino Unido saísse da União Europeia.

discurso antissistêmico, tendo à frente figuras que podem ser consideradas outsiders.

O termo "outsider" indica alguém que não faz parte de um grupo específico. No campo das ciências sociais, o conceito ganhou um significado adicional atribuído pelo sociólogo Howard Becker (2008), que o utilizou para se referir a indivíduos com comportamentos considerados desviantes. De acordo com Becker, uma pessoa que não segue as normas, regras e convenções aceitas por um determinado grupo passa a ser vista como alguém externo a esse grupo — um outsider.

Retomando a questão da crise da democracia propriamente dita, devemos destacar alguns trabalhos recentes que se dedicaram a compreensão desse fenômeno. Entre eles estão as obras *Como as democracias chegam ao fim* (2018), de David Runciman, *Como as democracias morrem* (2018), de Levitsky e Ziblatt e *Crises da democracia*, de Adam Przeworski (2019). Apesar de suas particularidades esses trabalhos têm um ponto em comum, as três obras consideram que governos como os de Jair Bolsonaro, Donald Trump e Viktor Orbán possuem a semelhante característica de minar a democracia de forma gradativa, “por dentro”, à medida que ataca e enfraquece determinadas instituições e movimentos sociais que são fundamentais para a manutenção da ordem democrática. Ou seja, esses governos possuem como estratégia a utilização de mecanismos aparentemente legais para sutilmente alcançar fins antidemocráticos. Dessa forma, ocorrem movimentos que evidenciam seus ataques ao sistema, mas esses movimentos não se configuram como golpes de Estado aos moldes dos que ocorreram no início do sec. XX na Europa e algumas décadas depois no Brasil e em outros países da América do Sul, com tanques de guerra e soldados pelas ruas, rádios e outras mídias de comunicação fechadas de forma arbitrária, bem como parlamentos e assembleias.

Com a derrota de Trump na eleição dos EUA em 2020, presenciamos um fenômeno que de certa forma pode contrariar tais afirmações¹⁵. Insuflados pelo candidato derrotado, alguns grupos de extrema direita invadiram o congresso americano com o objetivo de evitar a ratificação do resultado

¹⁵ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55572422>

eleitoral por parte dos congressistas. Tal acontecimento poderia ser considerado como uma tentativa de golpe antidemocrático, sem qualquer tipo de preocupação em esconder seu real objetivo, subverter o resultado da eleição que dava ao democrata Joe Biden o direito de assumir a Casa Branca. Contudo, dessa vez, as instituições centenárias dos Estados Unidos se mostraram suficientemente fortes para manter a ordem democrática e após algum tempo de vandalismo no Capitólio os congressistas fizeram o esperado, referendaram o resultado das urnas. Porém, devemos destacar os efeitos posteriores a esses acontecimentos, como por exemplo, a falta de punição para Donald Trump e a impopularidade de Joe Biden¹⁶, fatores que impulsionaram uma revanche nas eleições de 2024 e culminaram com a eleição de Donald Trump¹⁷.

Assim como Donald Trump não se reelegeu nos EUA em 2020, Jair Bolsonaro foi derrotado no Brasil em 2022 e não conseguiu emplacar seu segundo mandato. Com a derrota Bolsonarista, alguns de seus apoiadores obstruíram rodovias¹⁸ e montaram acampamentos na frente de quartéis do exército¹⁹ e seguindo o exemplo dos eleitores de Trump que invadiram o capitólio após a derrota de seu líder, no dia 8 de janeiro de 2023, Bolsonaristas invadiram os prédios dos três poderes em Brasília, quebraram vidros, danificaram obras de arte e móveis²⁰.

No Brasil as instituições democráticas não são caracterizadas por sua força proveniente de longevidade e nosso sistema democrático atual data do final dos anos 1980, apesar do nosso país já possuir alguma experiência democrática graças ao sistema que vigorou de 1946 até 1964.

¹⁶ Disponível em: <https://www.poder360.com.br/internacional/metade-dos-norte-americanos-estao-frustrados-com-biden/>. Acesso em: 07/06/2022.

¹⁷ Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c30p8045p13o>. Acesso em: 18/11/2024.

¹⁸ Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/12-estados-tiveram-estradas-bloqueadas-contra-eleicao-de-lula/>. Acesso em: 03/03/2023

¹⁹ Disponível em: <https://midianinja.org/news/apos-70-dias-chega-ao-fim-acampamentos-bolsonaristas-em-frente-aos-quarteis/>. Acesso em: 03/03/2023

²⁰ Disponível em:
https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2023/01/08/interna_politica,1442076/bolsonaristas-furam-bloqueio-e-invadem-o-congresso-nacional-em-brasilia.shtml. Acesso em: 03/03/2023.

A partir dos anos 1990 podemos notar alguns traços de institucionalização e consolidação do sistema democrático e partidário brasileiro com PSDB e PT polarizando a disputa ao executivo nacional (MELO 2007). Alguns autores também consideram como indícios de racionalização e estabilidade do sistema o fato de que entre 1994 e 2006 os mesmos cinco partidos vêm conquistando as maiores bancadas na Câmara dos Deputados (BRAGA, 2009). Em contrapartida, o crescimento da fragmentação parlamentar em todos os níveis da federação parece indicar menor institucionalização e estabilidade. Segundo Nicolau (2017), o número efetivo de partidos (NEP) na Câmara dos Deputados variou de 8,2 em 1995 a 13,4 em 2016.

Nos anos 90, em consonância com a hegemonia neoliberal presente na Europa e nos EUA, o PSDB e sua agenda foram vitoriosos nas eleições com Fernando Henrique Cardoso em 1994 e 1998, resultando assim em um governo que prezava por privatizações e um Estado cada vez menos influente na organização da sociedade, mas também ficou marcado pela estabilidade financeira, proveniente do Plano Real que recentemente havia entrado em vigor.

Na primeira década do séc. XXI, mesmo perdendo a eleição presidencial para o PT, o PSDB ainda continuava com grande destaque no cenário nacional, mas agora era a vez do Brasil experimentar o governo de um partido social-democrata, com características típicas dos partidos semelhantes na Europa, um partido que nasceu e possuía suas bases no operariado. Com a eleição de Lula em 2002, o que se esperava era uma grande mudança nos rumos do país, mas o que se viu não foi bem assim, vale lembrar que nos governos petistas os bancos tiveram lucros exorbitantes²¹ e o agronegócio recebeu uma série de investimentos²² que em nada deixam a desejar as cartilhas neoliberais do mercado globalizado. Todavia, também

²¹ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/economia/bancos-lucraram-8-vezes-mais-no-governo-de-lula-do-que-no-de-fhc/>. Acesso em: 13/06/2022.

²² Disponível em: <https://www.brasildamudanca.com.br/agronegocio>. Acesso em: 13/06/2022.

deve ser destacado o avanço da distribuição de renda²³ no Brasil durante este período.

Após o segundo mandato de Lula, o PT conseguiu eleger sua sucessora Dilma Rousseff, que por sua vez governou o Brasil por quatro anos e foi reeleita em 2014²⁴. Logo após o fim das eleições o candidato derrotado e então senador Aécio Neves do PSDB, ao fazer seu primeiro discurso na retomada de seu mandato, deixou claro sua insatisfação ao fazer severas críticas ao PT, tanto no âmbito do governo quanto da campanha²⁵. A partir deste momento a polarização ficou ainda mais evidente e radicalizada e a crença que a esquerda, sobretudo o PT, era um mal a ser combatido foi disseminada muito rapidamente pelo Brasil (CHAIA, BRUGNANO, 2015). De forma muito semelhante ao que acontecia nos anos 60 e ao longo do Regime Militar, tirar a esquerda do poder passou a ser obsessão de boa parte da classe política e também da população, o que culminou com o impeachment e o encerramento do mandato Dilma Rousseff de forma precoce.

Para que o impedimento fosse consumado a então Presidente Dilma Rousseff deveria sofrer Impeachment mediante aprovação do congresso. Ao longo da votação que encerrou seu mandato vimos deputados federais proferirem seus votos em clima de festa, sem o mínimo de apreço e respeito pela Democracia, pela República, pelo cargo em que ocupavam e até mesmo pelo povo brasileiro, pois ficava claro que muitos ali nem mesmo sabiam que um Deputado Federal é um representante da nação e não de suas famílias, filhos, netos, Deus ou qualquer tipo de clã ao qual eles venham a pertencer²⁶.

Mas sem dúvida a fala mais impactante foi do então Deputado Federal, posteriormente eleito Presidente da República, Jair Bolsonaro que chocou boa parte dos brasileiros ao mobilizar o torturador de Dilma Rousseff

²³ Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/poder/2015/12/1718894-apos-13-anos-de-pt-renda-dos-pobres-subiu-129-mas-investimento-parou.shtml>. Acesso em: 13/06/2022.

²⁴ Em todas essas vitórias petistas o adversário que mais apresentava risco ao partido eram os que o PSDB selecionavam para o pleito.

²⁵ Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2014/11/05/aecio-neves-promete-oposicao-201cincansavel-e-intransigente201d>

²⁶ Disponível em: <https://www.sul21.com.br/areazero/2016/04/show-de-horrores-nada-surpreendente- cientistas-politicos-analisam-a-votacao-do-impeachment/>

no período do Regime Militar em seu voto: "Pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff, pelo exército de Caxias, pelas Forças Armadas, pelo Brasil acima de tudo e por Deus acima de tudo, o meu voto é sim" ²⁷. Nesta passagem ficava claro para todo o Brasil o que aqueles que acompanhavam o congresso com mais afinco já sabiam, Jair Bolsonaro não possui o menor apreço pela ordem democrática e não tem o menor trato para se portar como um representante dos cidadãos e do Estado brasileiro.

Após o impeachment de 2016, Michel Temer, ex-vice de Dilma assume a presidência e coloca em curso uma série de reformas neoliberais, como por exemplo, a PEC 241 (PEC 55 no Senado) que limitava gastos públicos do Governo Federal por 20 anos. Por se tratar de uma Proposta de Emenda Constitucional (PEC) deveria ser aprovada tanto na Câmara dos Deputados quanto no Senado, por três quintos dos representantes em cada casa, e de fato foi o que aconteceu. O mesmo plenário que sediou a votação do Impeachment de Dilma Rousseff agora aprovava uma proposta que limitava o investimento do Estado e beneficiava o setor privado.

Após uma série de denúncias de corrupção que levaram a prisão Eduardo Cunha²⁸ – grande articulador da votação do Impeachment de Dilma Rousseff na Câmara dos Deputados – e outras que atingiam o então Presidente Michel Temer²⁹, além de todo desdobramento da operação Lava-Jato que culminou com a prisão do ex-presidente Lula, a descrença da população na política se tornava cada vez maior. Assim se constituiu um terreno muito produtivo para qualquer tipo de discurso populista que fosse capaz de colocar o povo contra a elite política.

Na eleição de 2018, amparado por todo esse cenário acima descrito e na esteira da eleição de Donald Trump, Jair Bolsonaro e seu discurso populista de direita se tornaram vitoriosos com 57,8 milhões de votos.

Como já foi mencionado, a chegada ao poder da “nova direita” não é

²⁷ Disponível em:

https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160415_bolsonaro_ongs_oab_mdb

²⁸ Disponível em: <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2017/03/eduardo-cunha-e-condenado-mais-de-15-anos-de-prisao-na-lava-jato.html>

²⁹ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47657992>

um fato exclusivo do Brasil. Países como EUA, Hungria, Itália e Israel também presenciaram esse mesmo fenômeno. Uma das semelhanças entre os casos supracitados é a atuação do que o italiano Giuliano da Empoli (2019) chama de “engenheiros do caos”.

Em sua obra “Os engenheiros do caos: como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições”, ele descreve a atuação de algumas figuras como Steve Bannon, Dominic Cummings, Gianroberto Cassalegio e Arthur Finkelstein. Apesar de reservarem algumas particularidades, é perceptível que a forma como esses personagens atuam tem diversas semelhanças, como por exemplo, o uso da internet e a especialização em Big Data, além é claro na disposição de fazer com que lideranças e movimentos de extrema direita tivessem sucesso em suas respectivas empreitadas.

Nas palavras de Giuliano Da Empoli (2019) “Bannon é, de certo modo, o Trotsky da revolução populista, misto de ideólogo e homem de ação”. Entre seus objetivos podemos destacar sua idéia paradoxal de uma Internacional Nacionalista, que tem como objetivo principal lutar contra os anseios da globalização, encarnados muitas vezes no que ele chama de “partido de Davos”³⁰.

Antes de se tornar figura carimbada nos noticiários por ser uma peça importante da campanha que levaria Trump à vitória nas eleições estadunidenses de 2016 e integrar os quadros da Casa Branca em Washington, Bannon passou por diversos locais que são símbolo de poder nos EUA (Virginia Tech, Georgetown, Harvard Business School, Goldman Sachs, Hollywood). (DA EMPOLI, 2019).

Bannon foi responsável por financiar grupos de estudos (think tanks) que possuíam o objetivo de compreender os prejuízos que o establishment poderia trazer para as massas, mobilizou seguidores virtuais para que eles dominassem o debate político nas redes sociais e posteriormente, em 2013, foi o maior entusiasta do lançamento da Cambridge Analytica, que se tornaria

³⁰ Davos na Suíça é onde ocorre a principal reunião do Fórum Econômico Mundial, na qual políticos, empresários e outras personalidades influentes se encontram para discutir questões ligadas ao desenvolvimento econômico de todo o globo.

uma grande comunidade de Big Data destinada a fins políticos. Além disso, se tornou o estrategista oficial da campanha que levou Donald Trump a presidência dos EUA em 2016. (DA EMPOLI, 2019).

Após aproximadamente um ano de governo, Trump demitiu Steve Bannon³¹ e no último dia de seu mandato concedeu indulto presidencial ao seu ex-estrategista³². Porém, ao ficar livre da Casa Branca, Steve Bannon pode se dedicar ao que parece ser seu real objetivo: construir a infraestrutura necessária para que o movimento populista de direita possa operar em escala global.

Desta forma, ele se aproxima de figuras conservadoras na Europa e na América, como por exemplo, a francesa Marine Le Pen e os brasileiros do clã Bolsonaro³³. Assim, aos poucos vai construindo uma rede que visa sustentar a paroxusal Internacional dos Nacionalistas, que seria uma fundação semelhante ao modelo de Soros³⁴, mas como uma agenda oposta. Fechar fronteiras, interromper o processo de globalização e integração de países, como a União Européia, são suas estratégias para alcançar seu objetivo principal: retornar ao modelo de Estado-nação que foi muito vigoroso no passado. (DA EMPOLI, 2019)

Outro “engenheiro do caos” é o italiano Gianroberto Cassalegio, especialista em Marketing digital que após trabalhar por três décadas na empresa de informática italiana Olivetti, decide fundar sua própria empresa a Cassalegio Associati. Como um especialista em marketing digital, Cassalegio apostou que a internet poderia transformar o mundo da política e criou um novo movimento que seria guiado pelas preferências dos eleitores como se estes fossem consumidores. Seu novo modelo de fazer política seria mais capaz de absorver as demandas da população, de uma forma que os partidos

³¹ Disponível em:<https://oglobo.globo.com/mundo/trump-demite-estrategista-chefe-da-casa-branca-steve-bannon-21720803>

³² Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/01/20/donald-trump-concede-indulto-presidencial-a-steve-bannon.ghtml>.

³³ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-20/os-lacos-do-cla-bolsonaro-com-steve-bannon.html>

³⁴ George Soros é um bilionário húngaro fundador da Open Society Foudation que apóia financeiramente grupos da sociedade civil em todo mundo que possuem o objetivo de prezar pela justiça, educação e saúde publica, entre outros de cunho progressista

políticos tradicionais estavam deixando a desejar. Contudo, ele também sabia que somente a dimensão digital era pouco para criar um verdadeiro movimento de massas na Itália (DA EMPOLI, 2019).

Para resolver seu problema o “engenheiro do caos” italiano faz uma aliança com Beppe Grilo, comediante italiano que se popularizou com seus shows recheados de insultos e provocações desferidos por uma figura imponente e voz forte. Desta forma seu movimento digital se tornava encarnado, congregando algoritmos com o tradicional populismo, o Movimento 5 Estrelas nascia.

Porém, alguns anos antes do surgimento do Movimento 5 Estrelas, a dupla seria responsável pela criação de um blog “beppegrillo.it” que ainda em 2005, seu ano de fundação, já era um sucesso. Aos olhos do povo, Grillo é o único responsável, enquanto Casaleggio seria apenas um fornecedor de tecnologia. Mas a realidade é bem diferente, pois as campanhas que viralizaram e foram responsáveis pelo sucesso do blog tinham como incubadora os escritórios da Cassaleggio Associati. (DA EMPOLI, 2019).

A mensagem da plataforma de Grillo e Cassaleggio era simples e inovadora e sustentava que para participar da política não era preciso se filiar a um partido e esperar pela morosidade dos resultados, bastava publicar e difundir comentários e postagens no blog para fazer política a qualquer instante. Primeiramente, “beppegrillo.it” apresentava temas populares que estimulavam os leitores a criarem certa recusa as elites políticas e financeiras. Posteriormente foi-se desenvolvendo uma rede de adeptos que pretendiam se estruturar de forma externa ao blog. Até que finalmente chegou o momento de abandonar a exclusividade da dimensão virtual e ocupar as ruas. (DA EMPOLI, 2019).

Assim é fundado o Movimento 5 Estrelas, que a primeira vista pode parecer um esforço conjunto de milhares de apoiadores virtuais que tomaram as ruas, mas na verdade sua estrutura é bastante fechada em torno de um núcleo que não permite com que seus numerosos participantes tenham consciência do sistema como um todo. Tal núcleo é responsável por expulsar sumariamente qualquer um que não tenha total aderência a visão do chefe, bem como por manter a aparência de estrutura descentralizada de uma

complexa organização. (DA EMPOLI, 2019).

Atualmente o Movimento 5 Estrelas é um importante partido italiano e conta em seus quadros com Luigi Di Maio, líder provisório do movimento que já atuou como Vice-Primeiro-Ministro da Itália e como Ministro do Desenvolvimento Econômico, Trabalho e Políticas Sociais. Todavia, a agremiação mantém sua estrutura essencialmente privada e sua estratégia de fornecer as informações necessárias para que seus adeptos não precisem sair da bolha. Porém, atualmente, a chefia passou para as mãos de Davide Casaleggio, filho do falecido Gianroberto Casaleggio, que segue o legado do pai fazendo com que o partido-algoritmo continue satisfazendo de modo rápido a demanda de seus consumidores, ao mesmo tempo em que não apresenta nenhum tipo de programa ou qualquer conteúdo que possa ser denominado de agenda.

Dominic Cummings é o britânico que se notabilizou pela forma que dirigiu a campanha em favor da saída do Reino Unido da União Européia (Brexit) e posteriormente se tornou consultor do ex-primeiro ministro britânico Boris Johnson.

Em sua campanha para convencer os britânicos a votarem pelo Brexit, Cummings abriu mão de especialistas e comunicadores do mundo da política tradicional. Sua estratégia foi de utilizar a mão de obra de especialistas em Big Data, provenientes de Universidades dos EUA e da empresa canadense AggregateIQ, que possuía proximidade com a Cambridge Analytica. Sua esperança era que esses cientistas da tecnologia fossem capazes de auxiliá-lo no direcionamento de sua campanha, indicando para quem mandar e-mails ou mensagens nas redes sociais e com qual conteúdo. (DA EMPOLI, 2019).

Assim como a eleição de Trump, o Brexit foi bem-sucedido, graças a um fenômeno recente que pretende reduzir a sociedade a uma equação matemática, capaz de limitar muito as incertezas típicas do comportamento humano. Tal fenômeno foi possível por conta do avanço tecnológico envolvendo a internet e os algoritmos que possibilitaram a quantificação dos comportamentos humanos gerando assim um grande fluxo de informações que alimentam enormes bases de dados. Porém, não basta à atuação

exclusivamente da máquina, é necessário que seres humanos tenham a predisposição de utilizar essas ferramentas para que o mundo da política se encontre em transformação. Dominic Cummings foi um dos primeiros a perceber o potencial dessas ferramentas tecnológicas e as utilizou muito bem para seu propósito.

Segundo Da Empoli (2019), no caso da campanha favorável ao Brexit, os físicos estatísticos cruzaram dados de pesquisas do Google, das redes sociais e outros bancos de dados mais tradicionais, com o intuito de mapear os possíveis apoiadores do voto pela saída (vote leave). Em seguida, com o auxílio do Facebook – e suas ferramentas altamente difundidas entre empresas que contratam seus serviços – os eleitores com potencial para serem convencidos foram identificados. Posteriormente, Cummings e sua equipe começaram a enviar mensagens personalizadas para cada nicho de simpatizantes em potencial. Em dez meses de campanha foram produzidas quase um bilhão de mensagens altamente personalizadas. Se essa estratégia não foi a única responsável pelo sucesso do “vote leave”, podemos ao menos dizer que foi determinante.

Outro “engenheiro do caos” é o americano Arthur Finkelstein, ex-consultor do Partido Republicano, falecido em 2017 após quarenta anos de carreira, pelos quais passou em altas esferas de poder trabalhando para candidatos de direta nos EUA, Israel, Canadá e Europa. Os americanos Richard Nixon e Ronald Reagan, o israelita Benjamim “Bibi” Netanyahu e o atual primeiro-ministro húngaro Viktor Orban são nomes famosos para os quais Finkelstein trabalhou.

Muito antes do auge da internet, Finkelstein já trabalhava com análises demográficas bastante sofisticadas e sondava através de pesquisas de boca de urna os eleitores das primarias nas eleições estadunidenses. Sua estratégia de “microtargeting” possibilitava a identificação dos mais variados grupos que suas mensagens (via carta de papel ou telemarketing) personalizadas deveriam atingir. Todavia, seu talento mais proeminente sempre foi abalar a imagem de seus adversários políticos (negative campaigns) destacando seus defeitos. Com o passar dos anos, Finkelstein se torna cada vez mais relevante entre os Republicanos e forma discípulos

que seriam importantes para vitória de George W. Bush e Donald Trump (DA EMPOLI, 2019)

Nos anos noventa, ele leva suas estratégias para outros países, como por exemplo, para Israel, onde ajuda eleger Bibi Netanyahu através de uma campanha difamatória que pintava seu oponente como um traidor da pátria e Bibi como um verdadeiro patriota. Em 2009, Finkelstein chega até a Hungria, país no qual encontraria um de seus principais clientes, Viktor Orban que adota a estratégia difundida por Carl Schmitt de identificar seu inimigo e se diferenciar dele, para que então seja possível construir um grupo de pessoas unidas em prol de uma mesma luta. (DA EMPOLI, 2019).

Segundo Giuliano Da Empoli (2019), na Hungria de 2009 o inimigo era facilmente distinguível na figura da Europa, responsável por fazer com que o país de Orban entrasse em uma crise financeira que só seria possível de superar com a ajuda do Fundo Monetário Internacional (FMI), que por sua vez exigia políticas de austeridade que sufocavam as classes medias. Viktor Orban já havia governado a Hungria por quatro anos com uma agenda pró-européia, mas quando percebeu a oportunidade de derrotar o tecnocrata Gordon Bajnai, nitidamente alinhado com os mercados internacionais, não teve o menor pudor em mudar de direção. Com a ajuda de seu “engenheiro do caos”, Arthur Finkelstein, sua campanha é orientada pela forma violenta com que se opunha aos liberais corruptos e submissos aos estrangeiros que traíram o povo húngaro. Em 2010 Orban é eleito com 57,2% dos votos e os “velhos partidos” de centro-esquerda e centro-direita que dominavam a Hungria desde 1989 se viram fracassados.

Com o passar dos anos a popularidade de Orban despencou graças a uma série de escândalos de corrupção que atingem pessoas próximas ao primeiro-ministro. Logo Finkelstein elabora uma estratégia para recuperar o prestígio de seu cliente e enxerga na crise migratória de 2015 uma ótima oportunidade. Desta forma, transforma o Islã e os imigrantes oriundos do Oriente Médio nos novos inimigos do povo húngaro, mesmo com os estrangeiros correspondendo na época a 1,4% da população da Hungria, e entre eles os de origem mulçumana configuravam uma parcela ainda menor. Contudo, conforme a crise aumenta mais imigrantes chegam a Europa e

muitos deles tentam atravessar a Hungria rumo a seu destino final, que seria a Alemanha. Tal fato se tornou um terreno fértil para Viktor Orban, orientado por Finkelstein, a destilar seus discursos de ódio contra os imigrantes e recuperar sua popularidade através de sua política de tolerância zero com relação à imigração. (DA EMPOLI, 2019).

No Brasil podemos considerar Olavo de Carvalho como nosso “engenheiro do caos” particular. Carvalho foi um grande formador de opinião e financiador do discurso “da nova direita”, bem como motivador das manifestações pró-impeachment. Além disso, Olavo apresentava perfil conservador compartilhando idéias de caráter autoritário e segregador, assim como os outros “engenheiros do caos” já descritos.

Falecido em 2022, Olavo de Carvalho se definia como filósofo, apesar de não possuir formação neste campo de conhecimento. Fundou em 2002 o site “Mídia Sem Mascara” e foi seu editor chefe até o dia de sua morte. Em seu site expunha matérias que tem como objetivo combater os diversos grupos de esquerda e o comunismo internacional, assim como frequentemente fazia ataques a mídia brasileira e alguns intelectuais. Além do site, Carvalho também fez muito sucesso no Youtube e no Facebook e além de ter publicado mais de 20 livros. Apesar de ser paulista, residia nos EUA, país no qual possuía vínculos de financiamento com o Atlas Network e o Independent Republican Institute que é ligado ao Partido Republicano dos EUA. (MESSEMBERG, 2017)

Possuia grande sucesso na internet e nas redes sociais, sendo considerado por muitos de seus seguidores como: professor, mestre e oráculo. Sem dúvida é uma inspiração para direita brasileira, indicando inclusive nomes para os ministérios de Jair Bolsonaro³⁵.

Olavo de Carvalho, nomeado aqui de o “engenheiro do caos” brasileiro, dedicou-se ao seguinte objetivo: expurgar a esquerda do poder e abrir espaço para que seu público escolhesse um candidato mais alinhado com suas ideias, que envolvem o antipetismo e o conservadorismo moral. Para que isso fosse possível as estratégias utilizadas, foram muito parecidas com as utilizadas pelos “engenheiros do caos” europeus e eu as descrevo a seguir.

³⁵ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46802265>

A primeira das ferramentas utilizadas pelo “engenheiro do caos” brasileiro foi escolher “bodes expiatórios”. Essa é uma estratégia comum para quem deseja canalizar as insatisfações difusas da população e ao mesmo tempo atacar seus adversários políticos. Desta forma, uma vez que o mal se torna encarnado (petistas, comunistas, bolivarianistas, judeus, imigrantes, negros, gays e etc), fica mais fácil de se reconhecer enquanto diferente dele e identificar seus adversários como o próprio mal. Segundo Raoul Girardet (1987), estigmatizar um grupo como o grande mal da sociedade é uma das bases do “mito do complô” que tem como uma de suas finalidades o agrupamento de fatos, que perturbam uma parcela da população, em uma única e simplista causalidade. Assim, torna essas perturbações mais inteligíveis à medida que os culpados são indicados, sendo eles os reais responsáveis ou não por tais acontecimentos.

Para os “engenheiros do caos” como Olavo, associar o PT ao comunismo é tarefa mais do que trivial³⁶. Contudo, como nos alerta Débora Messenberg (2017):

“A narrativa mítica do complô – ainda que mantenha vínculos com dados factuais, inerente a toda construção mitológica – estabelece uma verdadeira transformação qualitativa da realidade, já que, na maioria das vezes, não só ultrapassa qualquer ordem cronológica, como abdica da relativização dos fatos e situações históricas” (MESSEMBERG, 2017)

Fazer esse tipo de distinção entre “nós” e “eles”, além de ser uma análise instrumentalizada da realidade, frequentemente incentiva a violência e torna irreconciliáveis as divergências entre os dois grupos. Mas, pensando pela ótica do “engenheiro do caos”, o “mito do complô” é uma ferramenta produtiva para arregimentar parcelas da população que acreditam que estão sendo ameaçadas, à medida que seu modo de vida é contestado por outros grupos que não comungam do seu universo moral.

O conservadorismo moral é outra característica marcante no discurso do “engenheiro do caos” brasileiro. Segundo Hirschman (1992), o conservadorismo é pautado pela afirmação dos alicerces da sociedade

³⁶ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/felipe-moura-brasil/olavo-de-carvalho-e-o-papel-do-pt-no-comunismo>. Acessado em 15/06/2022.

tradicional (religião, família e a idéia nação) em detrimento de pautas articuladas pelas sociedades modernas (secularização do Estado, cosmopolitismo e expansão de direitos). Desta forma, é comum encontrar nos discursos do Olavo de Carvalho a defesa exacerbada de elementos como a “família tradicional”, o “resgate da fé cristã” e o “patriotismo”.

Assim como o “mito do complô”, o conservadorismo moral também reforça a intolerância a heterogeneidade da nossa sociedade, ao mesmo tempo em que promove a revolta da classe média, ao difundir a ideia de que o “diferente” estaria ocupando os espaços que tradicionalmente pertenciam a ela.

A estratégia utilizada pelos “engenheiros do caos” aqui descritos, no Brasil ou no resto do mundo, não se baseia mais em aglutinar pessoas em torno de um denominador comum, mas, ao contrário, a estratégia atual é exaltar as paixões do maior número possível de pequenos grupos. Para alcançar uma maioria, a ideia não é mais convergir para o centro, e sim exaltar os extremos. (DA EMPOLI, 2019)

O primeiro ponto de convergência entre o fenômeno da ascensão da “nova direita” no Brasil e no mundo é a presença de Steven Bannon em vários casos. Além de ser o principal estrategista da campanha que elegeu Donald Trump, ele também possui atuação em outros países, como por exemplo, a Itália³⁷ e, ao longo do tempo estreitou relações com outros líderes de extrema direita, como Marine Le Pen na França, Viktor Orban na Hungria e Jair Bolsonaro no Brasil³⁸.

Outra semelhança que merece destaque é entre o caos brasileiro e o italiano. Além de Bolsonaro e Matteo Salvini receberem o apelido de capitão, ambos pertencem a países que tem sua trajetória recente marcada por uma revolução no judiciário. No inicio dos anos 1990, a operação Mão Limpas desgastou muito a classe política italiana, entre os anos 1992 e 1994 parte dos membros do parlamento que pertencia a partidos do governo foi investigada e alguns foram presos. A operação “Mão Limpas” inaugurou um

³⁷ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/bannon-usa-mosteiro-na-italia-para-criar-guerreiros-da-direita>. Acessado em 15/06/2022.

³⁸ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/bannon-bolsonaro-e-salvini-sao-os-politicos-mais-importantes-do-mundo>. Acessado em 15/06/2022.

período de abordagem populista na Itália, opondo pequenos juízes contra elites corruptas. Alguns desses juízes entraram para política nos anos que se seguiram e desde então os italianos passaram a procurar elites alternativas para governar seu país no lugar das elites políticas tradicionais extremamente desgastadas. Desta forma surge a figura de Silvio Berlusconi que afirmava que o poder deveria ficar nas mãos dos empresários e posteriormente o Movimento 5 estrelas e a Liga transformaram a Itália na terra prometida do populismo (DA EMPOLI, 2019)

No Brasil, fato semelhante ocorreu em 2014 com a deflagração da “Operação Lava-Jato” que expediu milhares de mandados de busca e apreensão, de prisão e condução coercitiva, culminando na prisão do ex-presidente Lula e então principal adversário de Jair Bolsonaro na eleição nacional de 2018. Durante essa operação o nome mais famoso foi o do ex-juiz Sergio Moro, que ganhou notoriedade no cenário nacional e após a eleição de Bolsonaro assumiu a pasta do Ministério da Justiça e nas eleições de 2022 foi eleito Senador da República pelo estado do Paraná. A operação “lava-jato” foi responsável por grande desgaste da classe política brasileira, mas vale lembrar que tal desgaste já ocorria há alguns anos, sobretudo desde o escândalo do mensalão em 2005 (Fontainha e Cavalcanti de Lima, 2018).

A grande diferença do caso brasileiro para o italiano é que com o descontentamento da população com a elite política e o desejo por eleger políticos outsiders, no Brasil o que se viu foi a eleição de um candidato que passou os últimos 30 anos como deputado e graças a sua popularidade emplacou candidaturas de seus três filhos mais velhos. Tal fato nos faz questionar se Jair Bolsonaro realmente era um nome que não pertencia à elite política e de fato era um representante da novidade, como foi difundido em sua campanha.

Outro ponto de convergência que merece destaque se deu entre o caso brasileiro e húngaro. Em ambos os países os partidos tradicionais que ocuparam o jogo político após a redemocratização (Hungria em 1989 e o Brasil em 1988), fracassaram algumas décadas depois, abrindo espaço para lideranças populistas e autoritárias de extrema direita. Orban e Bolsonaro,

com ajuda de seus “engenheiros do caos” souberam muito bem ocupar o vácuo deixado pelos partidos tradicionais.

Uma característica compartilhada por Bolsonaro e Orban é não possuir o menor pudor em voltar atrás em seus pontos de vistas³⁹ e emplacar qualquer tipo de mentira⁴⁰ visando sua popularidade e aprovação, neste caso também se deve incluir Donald Trump⁴¹.

Outro ponto convergente entre as estratégias da extrema direita mundial é fazer uma distinção clara entre “nós” e “eles”, se posicionando como os verdadeiros patriotas. Essa é uma característica típica de líderes populistas e foi colocada em prática por Bibi Netanyahu (o verdadeiro judeu e patriota contra Shimon Peres traidor alinhado com práticas globalistas neoliberais), Jair Bolsonaro (Patriota nacionalista contra os esquerdistas que querem transformar o Brasil em Cuba/Venezuela), Viktor Orban (Patriota húngaro que vai defender seu povo contra imigrantes e contra globalização neoliberal) e Donald Trump (responsável por fazer a América grande de novo e barrar os ataques das minorias aos direitos/privilégios dos verdadeiramente americanos).

Outra semelhança que podemos notar entre o caos brasileiro e o estrangeiro é a respeito do compromisso mínimo com a democracia e a forma pela qual ela é ameaçada. Segundo autores como Przeworski (2019) e Runciman (2018) o populismo de direita da atualidade desgasta a democracia de dentro para fora e não mais como no séc. XX, com o auxílio da força dos militares, por exemplo. No Brasil, a situação ocorreu de forma semelhante, pois Bolsonaro e seus seguidores frequentemente ameaçam nossa democracia com pedidos de fechamento do STF⁴² e até mesmo intervenção militar⁴³, com o passar dos anos seremos capazes de avaliar se

³⁹ Viktor Orban já governou a Hungria com apoio na agenda neoliberal que ele tanto critica atualmente.

⁴⁰ <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/11/26/bolsonaro-nega-que-tenha-chamado-o-virus-da-covid-19-de-gripezinha.htm>

⁴¹ <https://g1.globo.com/mundo/eleicoes-nos-eua/2020/noticia/2020/11/09/relembre-as-mentiras-mais-famosas-de-trump.ghtml>

⁴² Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/basta-um-soldado-e-um-cabo-para-fechar-stf-disse-filho-de-bolsonaro-em-video.shtml>

⁴³ Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-quem-decide-se-o-povo-vai-viver-em-uma-democracia-ou-ditadura-sao-as-forcas->

de fato tais ameaças serão sustentadas ou se não passaram de bravatas.

Para não dizer que tudo são semelhanças precisamos destacar também diferenças. A primeira delas é justamente sobre essa divisão entre “nós” e “eles”. O Brasil não apresenta uma questão tão forte com relação aos imigrantes, ao contrário dos Estados Unidos, Itália, Inglaterra e Hungria. Dominic Cummings, “engenheiro do caos” por trás do Brexit fez uma campanha ferrenha contra os imigrantes, Matteo Salvini decretou o fechamento dos portos italianos para refugiados, Viktor Orban não permitiu a entrada de refugiados muçulmanos em seu país (mesmo que estes estivessem apenas de passagem para países maiores e mais prósperos como a Alemanha) e Trump ficou famoso por sua promessa de construção de um muro para conter a imigração mexicana.

Todavia, no Brasil não temos a questão migratória, logo para fazer a distinção entre “nós” e “eles” outro alvo deveria ser escolhido. Sustentado por heranças da Ditadura Militar, o inimigo preferencial da nova direita são os comunistas/esquerdistas, fazendo com que a distinção brasileira gravitasse pelo binômio direita/esquerda, que por muitas vezes já havia sido extrapolada na estratégia dos populistas de outros países.

Todos os personagens citados foram exímios mobilizadores do descontentamento que boa parte da população de seus países nutria sobre as instituições tradicionais. Utilizando mensagens personalizadas, nem sempre comprometidas com a realidade dos fatos, transformaram a insatisfação em raiva e desfrutaram muito bem os espaços deixados pela crise da hegemonia do liberalismo para direcionar seus clientes a ocupação dos espaços deixados por lideranças tradicionais.

Outra característica que mostra que o Brasil está inserido em um contexto maior que nossas fronteiras são a atuação de think tanks no financiamento e difusão de ideias de direita que permeiam o imaginário tanto de políticos quanto de eleitores.

A organização não governamental Atlas Network, baseada nos Estados Unidos da América, tem como objetivo difundir ideias libertárias e de livre mercado pelo mundo. Possui aproximadamente 500 organizações parceiras

que estão espalhadas por diversos países⁴⁴. Segundo Alejandro Chaufen, diretor da Atlas Network, a crise política instaurada no Brasil e em outros países do mundo proporcionou uma oportunidade de ação para os grupos pertencentes a sua rede. Quando surgiram as demandas por mudança, a rede de think tanks impulsionados pela Atlas Network, havia treinado pessoas para pressionar por políticas de cunho ultraliberal⁴⁵.

Ministros do governo conservador argentino de Mauricio Macri (2015-2019), senadores bolivianos e lideranças do MBL (Movimento Brasil Livre), que ajudaram na derrubada do governo Dilma Rousseff, são exemplos do trabalho da rede Atlas.

Em suma, o sucesso eleitoral da ultradireita nas eleições nacionais em 2018, faz parte de um movimento que aconteceu em outros países espalhados pelo globo. Contudo, obviamente a direita não nasce no Brasil e nem tão recentemente assim. Na próxima seção, o objetivo será mapear a direita, do passado até chegar à direita que nos governa hoje, bem como destacar a literatura que aborda esse tema.

A ascensão da "nova direita" no Brasil deve ser compreendida em um contexto mais amplo, que reflete uma conjuntura global de crise do neoliberalismo (FRASER, 2019). Essa crise não apenas expôs a vulnerabilidade das estruturas políticas tradicionais, mas também resultou na erosão da legitimidade das elites que antes detinham o poder. Ao longo da análise histórica, é possível perceber que as contradições inerentes ao liberalismo criaram um vácuo que foi rapidamente preenchido por ideologias mais conservadoras e autoritárias. Este fenômeno não se manifesta apenas como uma reação a crises econômicas e políticas, mas também como um reflexo das transformações sociais que exigem novas narrativas e soluções. Assim, compreender o contexto em que essa nova direita se desenvolveu é fundamental para decifrar as táticas políticas e os discursos que emergiram ao longo da última década, permitindo uma análise mais profunda das forças que atualmente moldam o cenário político brasileiro.

⁴⁴ Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/>

⁴⁵ Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/08/14/think-tanks-organizacoes-por-tras-da-guinada-da-direita-na-america-latina/>

2.2 Desvendando o Perfil Ideológico da Nova Direita: Tendências e Fundamentos.

Aparentemente vimos a constituição de uma “nova direita” no Brasil a partir das eleições de 2018. Entretanto, não podemos partir do princípio de que a direita é um fenômeno novo no Brasil e no mundo. A nova direita que surgiu nos últimos anos carrega traços provenientes do passado, bem como também apresenta novidades só recentemente incorporadas (SINGER, 2021). Portanto, se faz necessário contextualizar a direita atual à luz da nossa história. Esta seção será responsável por realizar esse objetivo, considerando o percurso da direita ao longo do tempo à medida que pontua a bibliografia responsável por abordar esse tema.

O universo político é fundamentalmente conflituoso, o embate entre ideias e políticas opostas está em sua gênese. A utilização da diáde esquerda/direita remonta ao período da Revolução Francesa há aproximadamente 200 anos. Apesar da validade dessa dicotomia ser frequentemente contestada, esses conceitos ainda se mostram efetivamente vívidos tanto no meio acadêmico quanto no linguajar recorrente do universo político.

O italiano Noberto Bobbio, em sua obra *Direita e esquerda: razões e significados* de uma distinção política, dedica-se a defender a legitimidade da diáde direita/esquerda. Após ressaltar pontos de crítica à dualidade em questão, o autor posteriormente expõe seu critério para diferenciar as definições a partir da centralidade da ideia de igualdade. Nas palavras do autor, “De um lado estão aqueles que consideram que os homens são mais iguais que desiguais, de outro, os que consideram que são mais desiguais que iguais” (BOBBIO, 2001, p. 105).

Segundo Bobbio (2001), são muitas as afirmações de que a distinção entre esquerda e direita não faz mais sentido. Um dos principais argumentos que possui o objetivo de refutar a diáde direita/esquerda está baseado na alegação que os dois rótulos esquerda e direita se transformaram ao longo do

tempo em meras ficções. A distinção entre os programas formulados e propostos por ambos os lados seria quase inexistente, logo essa forma de analisar a diáde em questão sugere que não há mais a necessidade de nomes distintos para os polos do espectro político (BOBBIO, 2001).

Outros argumentos mobilizados para desqualificar a utilidade da diáde esquerda/direita são: a crise das ideologias, a complexidade das sociedades democráticas atuais e o surgimento de movimentos e questões que extrapolam o esquema tradicional que se orienta pelo par direita e esquerda. Contudo, para Bobbio (2001), “não há nada mais ideológico do que a afirmação de que as ideologias estão em crise”. Além disso, para dar conta do aumento da complexidade social, o autor afirma que a distinção entre esquerda e direita não exclui posições intermediárias. Logo, é possível considerar o espectro ideológico composto por esquerda, centro-esquerda, centro, centro-direita e direita, aumentando assim o leque de posições onde os indivíduos e grupos possam se enquadrar.

Para demonstrar a validade da diáde, Bobbio (2001) julga necessário elaborar uma distinção entre esquerda e direita. Para tal tarefa, o autor italiano salienta o contraste entre a compreensão de desigualdade entre os polos, em que a esquerda considera a desigualdade enquanto uma construção social, portanto elimináveis, e a direita enxerga a desigualdade como uma questão natural, então não eliminável.

Essa tese é considerada por Bobbio (2001) como um nível de abstração elevado, que tem como finalidade distinguir dois tipos ideais. Para aproximá-la do mundo empírico, agregando valor à sua teoria, o autor direciona sua atenção para questões políticas específicas. De forma mais concreta, a distinção entre esses dois grupos pode ser avaliada a partir de temas como a discriminação, a questão migratória, o voto feminino e outros casos da realidade social. Em suma, os grupos que se orientam por doutrinas de esquerda, apoiam políticas que tem como finalidade amenizar as desigualdades. (BOBBIO, 2001)

Além da dualidade igualdade-desigualdade, Bobbio (2001) destaca outra dualidade bastante relevante: liberdade-autoridade. Se por um lado a postura perante a igualdade é o que define os grupos de esquerda e os de direita, por

outro lado a forma como a liberdade é compreendida distingue os extremistas e moderados no interior de cada um dos campos ideológicos.

Por fim, pode-se considerar que o autor ainda crê na divisão direita-esquerda como uma ferramenta importante para que as pessoas se orientem politicamente, sendo um meio relevante para o cidadão escolher seus candidatos e guiar suas práticas políticas. Além disso, os políticos profissionais frequentemente mobilizam essa dicotomia em seus discursos, de forma que essa dualidade ainda está presente no cotidiano dos representantes, seja em âmbito nacional, estadual ou municipal.

O britânico Michael Freeden (2003) é outro que se dedica a analisar as categorias esquerda e direita. Para ele, o que qualifica grupos ou organizações como pertencentes a determinada categoria são as ideologias políticas. Tais ideologias políticas são constituídas por um conjunto de valores, crenças, ideias e opiniões, que por sua vez, possuem um padrão recorrente, são mobilizadas no debate sobre políticas públicas, buscam ratificar ou contestar certos arranjos socioeconômicos e por fim, mas não menos importante, são sustentadas por grupos relevantes (FREEDEN, 2003). Desta forma, as ideologias políticas estão enraizadas na prática política e influenciam atores políticos e a opinião pública.

Ainda segundo o cientista político Freeden (2003), no decorrer do século XX teriam se estabelecidas macro ideologias, como por exemplo, liberalismo, conservadorismo, socialismo, comunismo e fascismo. Com o objetivo de se legitimarem política e socialmente e predominarem tanto no âmbito nacional quanto internacional, essas macro ideologias travaram diversas batalhas entre si, sobretudo no século passado.

Todavia, as macro ideologias disputam espaço com ideologias políticas menos desenvolvidas, caracterizadas por Freeden (2003) como segmentares ou ideologias modulares. Neoliberalismo e libertarianismo são exemplos de ideologias segmentares alicerçadas em princípios da macro ideologia liberal, mas que se orientam por tradições diferentes, de modo que não necessariamente possuem coerência entre si.

Desta forma, há diversas ideologias políticas sob o guarda-chuva da macro ideologia liberal, como por exemplo, o liberalismo econômico, o

liberalismo político, o liberalismo igualitário e o libertarianismo. Grupos orientados por tais ideologias modulares podem inclusive serem conflitantes entre si ou eventualmente congregarem forças em prol de determinado objetivo.

Ao examinar o conservadorismo e a extrema direita na Europa e no Brasil, Michel Lowy (2015) constata variação de padrões à medida que os grupos se diferenciam. O autor parte da ideia de que após as décadas de 1930 não se observam traços marcantes de fascismo/nazismo até o período atual. Por analisar de forma mais atenta o cenário europeu, Lowy assume a ausência de informações qualificadas para o caso latino-americano em que estamos inseridos. Contudo, no Brasil e em nossos vizinhos, também é possível perceber a ocorrência de grupos de extrema direita e suas distinções.

No que diz respeito a Europa, Lowy (2015) destaca um arcabouço de variáveis presentes, com mais ou menos intensidade, nos países com presença de grupos caracterizados como fascistas/nazistas, semifascistas ou de extrema direita. As variáveis mais recorrentes são: nacionalismo, xenofobia, beligerância, intolerância e racismo. Além dessas variáveis o autor também encontra diferenças nas abordagens desses grupos sobre o capitalismo, na aversão ao comunismo, na escolha do inimigo (externo ou interno) e na adoção de ideias antissistêmicas ou mais institucionais.

Outro autor que se dedica a diáde esquerda e direita é o radical libertário Murray Rothbard (1988) que ao analisar o caso estadunidense na década de 1970, considera o liberalismo como uma alternativa à esquerda dos conservadores. A premissa de Rothbard é que os conservadores norte-americanos são caracterizados pelo dogmatismo e uma visão de mundo imobilista, sem abertura para novas interpretações. Já os liberais que compartilham do mesmo país tendem a ser mais progressistas, racionais e tolerantes. Devemos destacar que a obra do autor em questão tem objetivos menos acadêmicos e mais de intervenção na organização política e econômica dos norte-americanos.

Já o cientista político português João Pereira Coutinho (2018) aborda a ideia de conservadorismos no plural. Segundo o autor, o pensamento conservador pode ser responsável por expressar um modelo específico e

diverso em cada época. Entretanto, o português, que é expoente da direita em seu país, considera como características típicas do conservadorismo a existência de uma ordem natural que afeta indivíduos e instituições e a desaprovação das propostas de mudanças drásticas e utópicas.

Outro autor que aborda o tema do conservadorismo é Albert Hirschman (1992) em seu livro “A retórica da intransigência: perversidade, futilidade, ameaça”, destaca de maneira histórica e analítica os discursos, argumentos e a retórica utilizados, em grande medida, pelos conservadores, mas também pelos progressistas (como é possível ver nos últimos capítulos de seu livro). Estes fenômenos analisados pelo autor podem ser considerados “superficiais”, tendo em vista o fato dele não se preocupar com o perfil conservador ou progressista.

Para orientar sua análise sobre as reações contrárias a expansão de direitos, Hirschman utiliza a compreensão de Marshall sobre como se deram as conquistas dos cidadãos em torno de seus direitos. Ao olhar para Inglaterra, Marshall traça uma linha em que os direitos civis, políticos e sociais foram adquiridos de forma sequencial ao longo de três séculos (séc. XVIII, séc. XIX e séc. XX), concentrando seu esforço muito mais nas conquistas do que nas lutas em torno desses direitos. Assim, Hirschman utiliza três grandes fatos históricos, a Revolução Francesa como o grande marco dos direitos civis, a ampliação do sufrágio como um marco dos direitos políticos e o Welfare State como símbolo das conquistas sociais. Em paralelo a essas três conquistas o autor elabora três teses reacionárias a serem discutidas ao longo do livro, a primeira ele chama de tese da perversidade, a segunda de tese da futilidade e a terceira de tese da ameaça.

De acordo com a tese da perversidade, qualquer ação proposital para melhorar um aspecto da ordem econômica, social ou política só serve para exacerbar a situação que se deseja remediar. A tese da futilidade sustenta que as tentativas de transformação social serão infrutíferas, que simplesmente não conseguirão “deixar uma marca”. Finalmente, a tese da ameaça argumenta que o custo da reforma ou mudança proposta é alto demais, pois coloca em perigo outra preciosa realização anterior. Hirschman (1992, p. 15)

Segundo Albert Hirschman (1992), esses argumentos não são

exclusivos dos discursos reacionários e podem ser utilizados por qualquer grupo que se oponha a uma nova política. Contudo eles são mais comuns em ataques conservadores as políticas progressistas e geralmente seus protagonistas foram pensadores de caráter conservador.

Segundo Vera Alves Cepeda (2018) os três modelos de retóricas abordadas por Hirschman foram ferramentas mobilizadas pela nova direita brasileira na disputa ideológica no que tange a argumentação racional:

No caso do debate recente no Brasil, seus usos, em especial quanto aos efeitos das políticas novodesenvolvimentistas (uso das políticas públicas como instrumentos de promoção de inclusão, empoderamento, capacitação e equidade - bem ao estilo das teses de Amartya Sen), são incontestes. Mas uma característica nacional que precisa ser examinada com muito vagar é a luta ideológica fora do escopo da argumentação racional - a guerra híbrida, com o recurso à falsificação da história e do marco teórico, com associações perversas entre temas, eventos, ideias que de fato não ocorreram. O advento da guerra híbrida como estratégia política soma um novo caminho às retóricas de Hirschman (que não são abandonadas, ao invés disso, incorporada neste novo sistema apoiado especialmente nas fake news) e robustecem tanto o papel das ideologias e de seus porta-vozes: intelectuais, ideólogos militantes, formadores de opinião; quanto suas arenas (imprensa, mídias sociais e mundo acadêmico). Cepeda (2018, p. 49).

O liberalismo econômico ou laissez-faire, doutrina amplamente divulgada no mundo no século XIX e uma característica clássica da direita ao longo do tempo, começou a ser questionado por autores liberais posteriormente aos anos de 1850 e entrou em colapso com a crise de 1929. Em 1938 com o Colóquio Walter Lippmann e a primeira reunião da Sociedade de Mont Pèlerin em 1947 foi estruturado um campo de debate entre representantes da Escola Austríaca, os Ordoliberais alemães, membros da Escola de Chicago e os ingleses da London School of Economics e da Manchester School, que comungavam com a idéia de um mercado livre do intervencionismo econômico e do planejamento estatal centralizado aos moldes do keynesianismo, dos desenvolvimentistas ou dos socialistas. Porém, esses grupos não concordavam sobre as normas da política econômica, sobre o real e legitimo papel do Estado ou sobre a experiência do laissez-faire do século XIX (Peck, 2010).

A adoção do prefixo neo marca uma alteração importante em relação ao liberalismo econômico do século XIX. Para os franceses Pierre Dardot e Christian Laval (2016) o liberalismo laissez-faire defende a não intervenção estatal na regulação econômica, ao passo que o neoliberalismo conta com a presença do estado para desenvolver o livre mercado à medida que proporciona o aparato jurídico-legal necessário para seu funcionamento em boas condições.

Já o libertarianismo pode ser caracterizado por uma defesa extrema do sistema capitalista sem qualquer tipo de restrição, frequentemente associado a uma questão moral e política que envolve o direito de os seres humanos serem livres de qualquer tipo de coação, seja por outros seres humanos ou pelo Estado (DOHERTY, 2009).

O holandês Cas Mudde é outro cientista político que se dedica a compreender a direita, sobretudo a direita mais extremada. Em sua obra *The far right today*, publicada em 2019 o autor aborda a centralidade alcançada pelo que ele chama de far right no século XXI, sobretudo se considerar o crescimento da vertente populista radical de direita. O autor não se preocupa com a direita mainstream, como conservadores ou liberais, mas volta sua atenção para a direita antissistema, que por muitas vezes se mostra hostil a democracia liberal. É o que ele chama de far right, que pode ser dividida em dois subgrupos: a extrema direita que se opõe a soberania popular e a regra da maioria, ou seja, rejeita a essência da democracia, como por exemplo, o regime nazista na Alemanha do terceiro reich; o outro subgrupo é a direita radical, que aceita a essência da democracia, mas rejeita elementos da democracia liberal, como por exemplo, direito das minorias e separação de poderes (MUDDE, 2019).

Em sua obra, Mudde (2019), inspirado pelo cientista político alemão Klaus von Beyme (1988), divide a história da far rigth em quatro ondas a partir da Segunda Guerra Mundial. A primeira onda que durou de 1945 até 1955, Mudde (2019) chama de “neofascismo” e destaca a característica de que nesse período a far right e suas políticas eram amplamente rejeitadas e os grupos neofascistas viviam a margem da sociedade, tendo partidos políticos de cunho neofacistas banidos nos anos 1950, como por exemplo, na Alemanha e

Holanda.

A segunda onda, que abrange o período entre 1955 e os anos 1980 é onde surgem os partidos populistas de direita radical, enquanto os grupos neofascistas continuam a margem da sociedade. Os populistas de direita radical podem ser definidos por sua oposição as elites do pós-guerra e são apegadas as críticas a marginalização das populações rurais e periféricas, bem como ao desenvolvimento do estado de bem-estar social. Muitos dos partidos que surgem nesse período são uma mistura entre a velha extrema direita, com frequência neofascistas, e novas ideias da direita radical populista (MUDDE, 2019).

Já a terceira onda, que ocorre entre os anos 1980 e 2000, é a era dos partidos de direita radical, que são impulsionados pelo desemprego e as grandes migrações. É neste período que os partidos de direita radical conseguem, mesmo que lentamente, ocupar espaços nos parlamentos, deixando assim de ficar completamente a margem da política. Outra característica da terceira onda são os partidos tradicionais que são transformados em partidos populistas de direita radical por seus novos líderes, como por exemplo, Partido da Liberdade (FPÖ) na Áustria e o Partido Popular Suíço (SVP). Com a queda do muro de Berlin, alguns países que pertenciam ao bloco soviético também presenciaram os surgimentos de partidos Far Right. (MUDDE, 2019).

Com o passar dos anos, os partidos populistas de direita radical se tornaram a ideologia dominante entre os Far Right na Europa. Apesar de haver diferenças nacionais e regionais, tais partidos apresentam algumas semelhanças, como por exemplo, a combinação entre nacionalismo, autoritarismo e populismo, além de suas críticas as elites europeias e nacionais, a imigrantes e outras minorias. Ao passo que se consideram os porta vozes do povo, a medida que somente eles sabem o que o povo realmente pensa. Fora da Europa, os partidos populistas de direita também ganham importância nesse período, Israel, África do Sul e Australia são alguns exemplos (MUDDE, 2019).

A quarta onda destacada por Mudde (2019) tem início a partir dos anos 2000, período no qual três crises afetaram as democracias ocidentais e

alimentaram os partidos populistas de direita radical. A primeira crise teve início com os ataques terroristas em 11 de setembro de 2001 nos EUA, a segunda foi a recessão em 2008 e por ultimo a crise dos refugiados em 2015.

Segundo Mudde (2019) a principal diferença entre a quarta onda e as ondas anteriores é que os partidos populistas de direita radical não estão mais a margem da sociedade e da política. Cada vez mais em muitos países tais partidos e seus políticos são mais aceitos para formação de coalizões, suas ideias cada vez mais debatidas nos círculos de discussão sobre política e até mesmo algumas de suas propostas políticas são adotadas pelos partidos tradicionais. Desta forma, a integração da extrema direita que caracteriza a quarta onda tornou cada vez mais difícil estabelecer as fronteiras entre a direita radical e a direita dominante.

Outras características dos partidos populistas de direita radical na quarta onda destacadas pelo autor (2019) são: a heterogeneidade; o fato de sua ascensão ocorrer em países que anteriormente marginalizavam tais partidos, como por exemplo, Alemanha, Holanda, Hungria e Suécia; muitos desses partidos figuram hoje como os maiores em seus países; temas como nacionalismo, autoritarismo, islamofobia, segurança, corrupção, política estrangeira, religião e oposição a imigrações e ao politicamente correto são frequentemente abordado em seus discursos.

A importância da Far Right extrapola as fronteiras europeias. O presidente do Brasil Jair Bolsonaro, o ex-presidente americano Donald Trump, o Primeiro Ministro indiano Narendra Modi e o israelense Benjamin Netanyahu são alguns exemplos de líderes da extrema direita populistas espalhados pelo mundo.

Para finalizar seu livro Cas Mudde (2019) nos apresenta doze teses sobre a quarta onda dos partidos far right: são partidos extremamente heterogêneos; atualmente podem ser considerados com pertencentes a política mainstream; a política de direita radical não está mais limitada aos partidos de direita radical; a fronteira entre os partidos de direita e os partidos de direita radical está cada vez mais fluida; o crescimento dos partidos populistas de direita radical foi normalizado; a extrema direita (nazistas e fascistas) são considerados como patologia e apoiada por pequenos grupos, ao passo que a

direita radical é considerada como uma radicalização da direita tradicional e conta com um apoio maior e mais plural; o surgimento da direita radical é fruto de um realimento político; far right é um fenômeno de gênero, muitos dos partidos que integram esse grupo são sexistas; nenhum país está imune a quarta onda dos partidos far right; os partidos far right vieram para ficar; não há um único e melhor caminho para combater os partidos far right, sobretudo por considerar sua heterogeneidade; e por fim o autor julga que devemos dar mais ênfase para a democracia liberal em detrimento de partidos que buscam minar essa forma de instituição.

Todas essas correntes, apesar de eventualmente se encontrarem em disputas ideológicas, podem ser posicionadas no campo da direita. A explanação de autores e teses aqui presente tem como objetivo salientar a complexidade da direita, por isso se faz necessário atentar para multiplicidades de características que devem ser levadas em consideração quando o intuito é examinar a ideologia e as pautas abrigadas no campo heterogêneo que a direita representa.

Para o caso brasileiro, existem atualmente diversos trabalhos que possuem o objetivo de analisar a nova direita. Entre eles se destacam autores que pertencem a nova direita e que acreditam que a nova direita é um movimento com profundas ligações com a direita do passado e dessa forma seria a herança de pensamentos que nunca deixaram de permear o imaginário político brasileiro (VELÈZ-RODRIGUES, 2015; 2018; BERLANZA, 2017). Contudo, também há aqueles autores que abordam o mesmo tema sobre um prisma diferente e consideram que a “nova direita” brasileira representa mudanças no que diz respeito a suas formas de articulação, suas ferramentas de atuação e sua compreensão sobre as instituições políticas (JUDENSNAIDER, LIMA e ORTELLADO, 2013; CRUZ et al, 2015; TATAGIBA, TRINDADE, TEIXEIRA, 2015; CHAIA, BRUGNANO, 2015; CEPEDA, 2018; CHALOUB, 2020).

Débora Messenberg (2017) dedica seus esforços a compreender a nova direita a partir dos principais formadores de opinião dos manifestantes da direita brasileira e a cosmovisão que eles elaboraram para orientar essa militância a partir de termos que funcionariam como chaves, como por

exemplo, os princípios neoliberais, o conservadorismo moral e a aversão a esquerda, sobretudo ao petismo.

Madeira e Tarouco (2011) analisam a esquerda e a direita com o foco nos conceitos e fazem um levantamento dos elementos que compõe tais conceitos na bibliografia brasileira e também internacional. Assim, destacam que durante o século XX os conceitos de esquerda e direita eram importantes nas análises que visavam classificar os partidos políticos, mas nas duas últimas décadas essa configuração se alterou. Todavia, a alteração na forma de analisar a escala direita/esquerda deve ser observada levando em consideração questões geográficas, históricas e culturais de cada país. Posteriormente, Tarouco e Madeira (2013) abordam a ideologia dos partidos brasileiros a luz do conteúdo presente em seus programas e elaboram uma escala para captar as particularidades brasileiras que muitas vezes são negligenciadas pelos estudiosos internacionais.

Jorge Chaloub e Fernando Perlatto (2016) ao abordar questões de cunho ideológico, o contexto histórico e o recém observado padrão de disputa na arena política, elaboram seis hipóteses com objetivo de elucidar o papel central de que os intelectuais de direita adquiriram recentemente no Brasil.

A primeira hipótese seria de que a nova direita brasileira faz parte de um movimento que extrapola nossas fronteiras, pertencendo assim ao um fenômeno global. A segunda hipótese parte do princípio de que a distância temporal da ditadura militar ofusca a visão sobre os problemas perpetrados pelo regime que teve início em 1964, formando uma nova geração que não conhece os riscos que a ausência de um Estado de Direito democrático pode representar. Já a terceira hipótese está intimamente ligada a mudanças da indústria cultural, como, por exemplo, alterações no mercado editorial, no perfil de jornais de grande veiculação e, sobretudo na expansão e popularização da internet. A quarta hipótese aborda a articulação e atuação de organizações que defendem valores liberais e operam como think tanks divulgando clássicos liberais e promovendo fórum de discussões para uma militância social e virtual, como o Instituto Liberal, o Instituto Millenium, o Instituto Ludwig Von Misses, o Instituto Liberdade, o Instituto de Estudos Empresariais, o Estudantes pela Liberdade e o Instituto Ordem Livre. A quinta hipótese diz respeito a presença

do governo do PT ao longo dos últimos anos, fato que proporcionou a existência de certa polarização, seja pelos seus sucessos ou fracassos. A sexta e última hipótese compreende a crise do sistema partidário e da representação democrática, o que teria contribuído para o surgimento de manifestações antidemocráticas (CHALOUB, PERLATTO, 2016).

Por mais que tratei a nova direita até aqui como um bloco único, deve ser considerado que na realidade esse fenômeno é constituído por diversos projetos, ideias, intenções, valores e concepções sobre política que nem sempre comungam. A palavra “novo” sugere um novo cenário, marcado por novas formas de atuação e novos alvos, bem como novas tecnologias que facilitaram a comunicação de massas. Contudo, elementos típicos da política tradicional não foram descartados, como por exemplo, partidos, eleições e retóricas como proposto por Hirschman. A heterogeneidade da nova direita promoveu disputas por identidades e militantes, o que fomentou a divisão em subgrupos e o eventual atrito entre seus representantes (CEPEDA 2018).

Outra característica da nova direita é a formação de um contrapúblico, que por não ter espaço nas mídias tradicionais se consolida na internet e só posteriormente toma corpo e pode se apresentar fora das redes. Em períodos de crise aumenta a possibilidade de determinados grupos da sociedade civil se fazerem ouvir, como por exemplo, contrapúblicos radicais, de esquerda ou direita. No Brasil vimos intelectuais da direita, como Olavo de Carvalho, fazer sucesso na internet com uma linguagem agressiva que não seria aceito nos meios de comunicação tradicionais e conforme a crise do nosso sistema político se tornava mais aguda, suas ideias começaram a serem aceitas e difundidas mais amplamente, apesar da sua característica agressiva e vulgar (ROCHA, 2018).

É possível perceber certa continuidade da nova direita com seus pares do passado, sobretudo se considerarmos o discurso e suas ligações com redes e organizações liberais ao redor do planeta que serviram e ainda servem como fiadoras do empreendimento da direita brasileira. Entretanto, com o avanço tecnológico e a difusão da internet na primeira década do século XXI possibilitou a formação de uma militância jovem, composta por estudantes e profissionais liberais de classe média que reformularam a ação da direita, tanto

na sociedade civil quanto na arena pública, o que por sua vez possibilitou uma amalgama ideológica nova em nosso país. O ultra liberalismo e o conservadorismo são as bases dessa combinação e constituíram o cerne ideológico de diversos políticos que chegaram ao poder nas eleições de 2018 (ROCHA, 2018).

O perfil ideológico da "nova direita" no Brasil reafirma que, embora se apresente como um movimento inovador, ele carrega consigo legados históricos que continuam a influenciar sua identidade contemporânea (SINGER, 2021). A distinção clássica entre esquerda e direita, apesar de frequentemente contestada, permanece uma ferramenta analítica relevante para a compreensão do panorama político brasileiro. Autores como Noberto Bobbio e Michael Freeden contribuem significativamente para a discussão ao enfatizar que a ideologia não é uma entidade estática, mas sim um conceito dinâmico, sujeito a reinterpretações e adaptações ao longo do tempo. O fortalecimento de uma nova direita que se articula em torno de princípios como o neoliberalismo e o conservadorismo moral ilustra a complexidade do espectro político atual. Portanto, esta seção nos incita a refletir sobre as continuidades e rupturas que caracterizam a trajetória da direita no Brasil, evidenciando a importância de um olhar atento às intersecções entre passado e presente para promover uma compreensão mais acurada e abrangente do fenômeno político contemporâneo.

O objetivo da próxima seção é caracterizar as duas legendas que abrigam os políticos entrevistados. Destacar suas características é importante para ilustrar o perfil que tais partidos representam e ao compará-los com o congresso e outros partidos, podem nos sugerir se eles tão mais alinhados ou distantes de outras agremiações no que diz respeito a suas características.

3 Dinâmica do Sistema Político-Partidário Brasileiro: Ênfase nos Partidos PSL e NOVO.

O presente capítulo tem como finalidade analisar minuciosamente as características dos partidos NOVO e PSL, com o intuito de proporcionar uma compreensão mais aprofundada sobre o contexto que levou à sua formação, bem como sobre seu posicionamento político e o perfil dos membros que integram essas agremiações. Para atingir esse propósito, o capítulo foi estruturado em três seções distintas, que se complementam mutuamente para oferecer uma visão abrangente dos temas abordados.

Inicialmente, será conduzida uma análise das teorias sobre partidos políticos e do sistema partidário brasileiro na Nova República, com o objetivo de situar o leitor nas características que moldaram nosso sistema atual. Essa contextualização teórica é essencial para compreender as bases sobre as quais se erguem os partidos em questão.

Na segunda seção, será realizada uma análise histórica aprofundada dos partidos NOVO e PSL, explorando suas origens, as circunstâncias que propiciaram sua formação e o desempenho nas diversas eleições que disputaram ao longo dos anos. Essa análise histórica não apenas contextualiza a trajetória dos partidos, mas também permite identificar os fatores que influenciaram sua ascensão e popularidade, especialmente no cenário político brasileiro contemporâneo.

A terceira e última parte do capítulo se concentrará no perfil dos candidatos eleitos pelos partidos NOVO e PSL nas eleições de 2018. Esse período é de particular relevância, pois foi nesse momento que a retórica da novidade foi amplamente adotada por seus integrantes, resultando em um desempenho eleitoral sem precedentes para essas siglas. A análise do perfil dos eleitos considerará aspectos como formação acadêmica, experiências profissionais e as propostas políticas apresentadas durante suas campanhas. Tal abordagem permitirá não apenas compreender as características individuais dos membros eleitos, mas também como essas características se refletem nas agendas e estratégias políticas dos partidos, contribuindo para a configuração do panorama político atual.

Assim, este capítulo visa delinear um retrato mais completo e detalhado do NOVO e do PSL, oferecendo insights que possibilitem entender a dinâmica política que envolve esses partidos e sua influência no cenário eleitoral do Brasil

3.1 Estrutura e Dinâmicas do Sistema Político-Partidário Brasileiro.

O sistema democrático brasileiro atual possui suas raízes no sistema que vigorou de 1946 até 1964, com forças e atores que já possuíam expressão política e partidária em nossa primeira experiência democrática e continuaram a exercer papel central no jogo político (AMES, 2003; MAINWARING, 1991; 1993). Todavia, podemos considerar o surgimento da democracia brasileira como tardio, aliado a sucessivas rupturas de regimes, resultando em uma dinâmica política caracterizada pela dificuldade da identificação partidária por parte dos eleitores e pelas relações políticas de caráter altamente personalistas, com potencial para comprometer o bom funcionamento dos partidos na arena eleitoral. Essas características foram fundamentais para dificultar a constituição de um sistema partidário que possuísse conexão com a população, inserindo-a no processo decisório. Tal inserção seria fundamental para qualquer sistema político pois, como afirma Dalton et al (2003, p. 316): “O partidarismo, ou os sentimentos de identificação partidária, proporciona um quadro de referência para a avaliação e interpretação da informação política; o partidarismo orienta a tomada de decisões políticas e estimula o envolvimento do público com as instituições e processos da democracia representativa”.

O fato é que, desde o século XIX, o Brasil viveu uma série de descontinuidades de regimes, proporcionadas por golpes e ditaduras (como o período pós 1964 em que o Regime Militar rompeu com a estrutura partidária vigente e impôs um bipartidarismo em torno de ARENA e MDB) e que, consequentemente, resultaram em muitas alterações em seu sistema partidário. Dessa forma, os partidos que possuíam capacidade de porventura criarem vínculos mais estreitos com a sociedade não tiveram tempo hábil para que isso se concretizasse. Enquanto em alguns países da Europa os partidos de massa imperavam dentro do que Bernard Manin (1995) chamou de

“democracia de partido”, as experiências partidárias brasileiras pouco se aproximaram das características europeias. Podemos considerar que nosso processo de nacionalização partidária se deu de forma incompleta e que ainda é muito recente, havendo apenas dois partidos (PMDB e PT) presentes na maioria dos estados da federação. Entretanto, os novos partidos analisados neste trabalho surgem no período que Manin chama de “democracia de público”⁴⁶, na qual os partidos não são mais instituições centrais e precisam competir com outras instituições e canais formais e informais de canalização de preferências e intermediação de interesses.

Como resultado da reforma do sistema partidário em 1979, o Brasil passou a contar com seis partidos com registro: PMDB, PDS, PT, PDT, PTB e PP⁴⁷. Com o processo de redemocratização, na década de 1980, surgiu no Brasil uma esperança sobre o futuro de nosso sistema partidário. Existia uma forte expectativa de que nossos partidos ficariam mais fortes, caso eleições livres, periódicas e competitivas ocorressem em sequência. Esses fatores são indispensáveis para a criação de laços entre partidos e eleitores, sobretudo no contexto do Brasil – e na grande maioria das democracias consolidadas – onde os partidos são os atores que conduzem os candidatos na disputa eleitoral (MELO, 2007). Existem indícios de “institucionalização” e da “consolidação” do nosso sistema, sobretudo desde 1989. Contudo, ao lado destes indícios, há outros, tão significativos quanto, que apontam na direção oposta⁴⁸.

Ao lado da história do nosso sistema partidário, também é importante destacar a combinação institucional brasileira. O presidencialismo combinado com um Congresso bicameral, o qual adota um sistema de representação majoritária no Senado e proporcional na Câmara dos Deputados dentro de uma estrutura federativa, também impõe dificuldades ao sistema partidário brasileiro

⁴⁶ Com o desenvolvimento tecnológico, sobretudo dos meios de comunicações, a mídia passou a exercer grande impacto sobre a política. Este fato, combinado ao aumento da diversificação social e à multiplicação das clivagens sociais culminou com o nascimento do terceiro modelo ideal de governo representativo, segundo Manin, a “Democracia do Público” (1995).

⁴⁷ O PP liderado por Tancredo Neves se funde com o PMDB de Ulysses Guimarães em 1981 e não disputa a primeira eleição pós Regime Militar.

⁴⁸ Para mais informações sobre esse debate ver CARREIRAO, Yan de Souza. *O sistema partidário brasileiro: um debate com a literatura recente*. Rev. Bras. Ciênc. Polít., Brasília , n. 14, p. 255-295, ago. 2014 .

na medida em que dispersa poder, multiplica os pontos de voto e aumenta as exigências de coordenação partidária horizontal e vertical. Esse quadro institucional gera incentivos múltiplos e, por vezes, contraditórios.

O multipartidarismo, característico de ambos os períodos democráticos que vivemos e que, segundo Abranches (1988), é equivalente à complexidade e heterogeneidade do Brasil, também é merecedor de destaque em nosso arranjo político. A lista aberta apresentada pelos partidos nas eleições proporcionais também é relevante para essa questão, uma vez que ela contribui para uma disputa cada vez mais centrada na figura do candidato (CARVALHO, 2000). Para tornar a imagem dos partidos junto aos eleitores ainda mais opaca, as coligações nas eleições proporcionais não são apenas permitidas, porém adotadas de maneira generalizada. Esse fator contribui ainda mais para a falta de identificação entre partido e eleitor, principalmente se considerarmos que as coligações ocorrem de forma diferente nos diversos níveis da federação.⁴⁹

Ao nos depararmos com a literatura especializada em ciência política, é comum, no caso brasileiro, autores abordarem nossas instituições a partir de suas fragilidades, considerando nosso sistema partidário como pouco consolidado, com combinações institucionais que dificultariam a governabilidade e incapazes de canalizar as demandas dos cidadãos e construir certa identidade entre eleitores e partidos. Autores como Barry Ames (2003) e Scott Mainwaring (1991, 1993, 2001) representam essa forma de observar as instituições políticas brasileiras de maneira pessimista. Outros autores como Melo (2000, 2007) e Figueiredo e Limongi (1995, 1996, 1998, 2002) têm um olhar mais positivo sobre nossas instituições após o período de redemocratização.

Assim, temos, pelo menos, dois grupos de analistas. O primeiro, de teor mais pessimista, no processo de redemocratização atacava o presidencialismo – sobretudo em sua tendência de produzir conflitos de difícil resolução entre o Executivo e o Legislativo – e as leis eleitorais – que deveriam ser reformadas para construir um sistema eleitoral com um número menor de partidos e que

⁴⁹ Através da PEC 33/2017, as coligações nas eleições proporcionais foram proibidas. A regra, contudo, só valerá a partir das eleições municipais de 2020.

apresentassem mais disciplina. Por outro lado, o segundo grupo, com uma visão mais otimista, considera que as bases institucionais do arranjo político brasileiro foram modificadas na Constituinte de 1988, se comparado com a nossa primeira experiência democrática, com a introdução de elementos que favorecem a disciplina partidária e a coordenação entre os poderes. Entre as principais modificações, eles apontam o aumento dos poderes de legislar do Presidente e as ferramentas institucionais à disposição dos líderes partidários no congresso.

Após esse breve resumo sobre nossas instituições políticas, a abordagem que aqui se segue se dará a partir dessas duas formas de compreender o funcionamento do arranjo institucional brasileiro. Iniciaremos por Ames e Mainwaring e, posteriormente, nos dedicaremos às contribuições de Melo e Figueiredo e Limongi.

Barry Ames em sua obra *Os entraves da democracia no Brasil* (2003) parte do princípio de que as instituições brasileiras (o sistema eleitoral, as regras de formação de partidos, a natureza da presidência e a separação de poderes entre o governo federal, governos estaduais e prefeituras, entre outras) não funcionam bem. Quando combinadas, nossas instituições são responsáveis por gerar um número elevado de veto players, que por sua vez é um fato que tenderia a produzir uma crise de governabilidade permanente. Logo, os políticos são motivados a buscar o aumento de ganhos particulares, ao mesmo tempo em que se empenham em elaborar projetos e destinar recursos apenas para suas clientelas específicas (AMES, 2003).

O autor reconhece que existem políticos orientados pelo programa e pela ideologia de seus partidos, contudo, estes seriam minoria. Segundo Ames (2003), a parcela majoritária dos parlamentares brasileiros é composta por políticos que elaboraram as regras necessárias para que práticas paroquialistas sejam adotadas no legislativo livremente. Enquanto o presidente do Brasil é obrigado a construir maiorias a qualquer custo, os líderes partidários não têm controle sobre suas bancadas. Isso permite que políticos individualmente ou em grupos, que extrapolam os limites partidários, negociem com junto ao Executivo nacional o apoio deste.

Assim, ainda segundo Ames (2003), a combinação institucional brasileira produz um regime político incapaz de tomar decisões relevantes e rápidas e que frequentemente é obstruído pelo parlamento. O Executivo se mostra ineficaz em aprovar seus projetos e os legisladores geralmente exigem uma compensação de cunho fisiológico, sobretudo em questões que tenham como objetivo a alteração do status quo. Para Ames (2003), a democracia brasileira ainda funciona baseada em instituições muito semelhantes às que nos orientavam em nossa primeira experiência democrática, pois “os redatores da Constituição de 1988 conservaram o quadro institucional sobre o qual viveram entre 1947 e 1964, antes do golpe militar” (AMES, 2003, p. 46).

Em sua obra, Ames também analisa as estratégias de campanha adotadas pelos candidatos ao Congresso em um contexto de representação proporcional de lista aberta. Apoiado em concepções oriundas da escolha racional, o autor avalia onde os candidatos buscam seus votos. Assim, analisa os parlamentares que se recandidataram em 1990 e recorre às emendas orçamentárias apresentadas por eles como um indicador de suas intenções de obter votos em determinadas regiões. Ames conclui que a maioria dos candidatos analisados “procuram manter redutos garantidos, buscam municípios vulneráveis e tentam superar sua própria fraqueza eleitoral com barganhas fisiológicas” (Ames 2003, p. 130). Logo, o sistema eleitoral brasileiro colabora para que os deputados trabalhem dentro da lógica de proporcionar benefícios para grupos isolados de clientes.

Em boa parte de seu livro, Ames (2003) dedica-se a investigar a arena parlamentar. Segundo o autor (2003), o Congresso Nacional brasileiro é bastante ativo, no entanto, é a natureza destas atividades que produz o problema, pois seu caráter é, em grande medida, obstrucionista. Três fatores são o alicerce para tal obstrucionismo: muitos partidos com divergências ideológicas profundas, poucos parlamentares preocupados em legislar em prol de interesses nacionais e uma série de entraves regimentais. Em suas palavras, o congressista brasileiro “se volta com demasiada freqüência para protelar a legislação até que o Executivo atenda aos pedidos particularistas de pequenos grupos de deputados” (AMES, 2003, p. 180).

Assim, diante de todo esse arcabouço institucional, como o Presidente da República pode ser capaz de manter sua base estável? Para o autor, as prerrogativas constitucionais que o Presidente do Brasil possui importam pouco. Segundo Ames, o Congresso brasileiro submete os projetos do Executivo a diversas negociações que são orientadas por interesses paroquiais e a maioria dos parlamentares despreza as questões nacionais em detrimento de seus interesses particulares e de seu eleitorado pessoal. Logo, para dar andamento em sua agenda “os presidentes se utilizam da distribuição política de cargos e programas de obras públicas para arregimentar apoio e fazem alterações táticas nesses incentivos no decorrer de sua administração” (AMES, 2003, p. 235).

Ainda sob a perspectiva de Ames (2003) nem o Presidente da República nem o Colégio de Líderes seriam capazes de amenizar os incentivos ao paroquialismo. Para o autor (2003), nossos deputados gozam de grande autonomia, a qual é conservada desde períodos anteriores a Carta de 88, sobretudo se considerarmos a facilidade de mudar de partidos para evitar punições mais severas por parte dos líderes. Dessa forma, o estudioso em foco traça uma imagem do predomínio de um comportamento individualista em detrimento da orientação partidária e de um sistema partidário pouco estruturado.

Outro autor que em seus estudos analisa o arranjo institucional e o sistema político brasileiro é Scott Mainwaring. Para ele, os sistemas eleitorais afetam as estratégias dos eleitores, dos políticos e a organização interna dos partidos. Nesta linha de raciocínio ele argumenta que os partidos brasileiros são subdesenvolvidos, sobretudo se considerarmos o grau de modernização do Brasil e sua experiência de democracia liberal entre os anos de 1946 e 1964. Seu argumento é o de que o sistema eleitoral vigente no Brasil obstrui os caminhos para que os partidos se constituam de forma mais efetiva. Assim, as características da legislação brasileira – ao estimular o comportamento individualista e tolerar índices baixos de disciplina e fidelidade partidária – proporcionam aos políticos grande autonomia perante seus partidos (MAINWARING, 1991).

Além da combinação entre a representação proporcional e o sistema de lista aberta (amplamente destacada pela literatura especializada), outras características da legislação brasileira contribuem para que os políticos tenham cada vez mais autonomia vis-à-vis seus partidos. Segundo Mainwaring (1991), uma dessas características é a candidatura nata⁵⁰. Segundo essa regra, os políticos que ocupavam algum cargo no legislativo tinham o direito de concorrer à reeleição nas próximas eleições independentemente da anuência do partido a que fosse filiado. Outra característica destacada por Mainwaring (1991) é o incentivo que a legislação eleitoral brasileira dá para os partidos apresentarem um número muito elevado de candidatos nas eleições proporcionais. Um partido pode apresentar até uma vez e meia o número de cadeiras a serem preenchidas; se o partido se coliga com outro pode apresentar até o dobro do número de candidatos; e se a coligação for composta por três partidos, pode ser apresentado o triplo do número de candidatos⁵¹. Segundo o autor:

A existência de um grande número de candidatos aumenta as dificuldades do eleitorado de se lembrar quem o representa no Congresso. No presente contexto, é mais importante o fato de que esse número incomumente alto de candidatos reduz o controle partidário sobre os eleitos e aumenta a importância dos esforços individuais na campanha. Na maioria dos países, os partidos apresentam um candidato por cadeira, o que lhes dá um controle um pouco maior sobre os eleitos (MAINWARING, 1991, p.40).

A falta de obstáculos à troca de partidos também era vista pelo autor como uma singularidade de nosso arranjo com consequências negativas (1991). Outra ausência que se traduz em frouxidão no relacionamento entre políticos e partidos é a de mecanismos que estabeleçam minimamente algum nível de relação entre os representantes e seus compromissos programáticos. Com exceção dos partidos de esquerda, no Brasil, os partidos não apresentam ferramentas para que seus membros acompanhem os líderes em votações importantes (MAINWARING, 1991).

⁵⁰ A candidatura nata foi suspensa em 24 de abril 2002.

⁵¹ Essa regra foi alterada pela Lei nº 13.165/2015. A partir da eleição de 2016 cada partido ou coligação poderá registrar candidatos para a Câmara dos Deputados, a Câmara Legislativa do DF, as Assembléias Legislativas e as Câmaras Municipais no total de até 150% do número de lugares a preencher.

Na contramão da maioria dos sistemas de representação proporcional, o Brasil não apresenta uma porcentagem mínima de votos que os partidos devem obter para ter direito à representação no parlamento. Todavia, alguns especialistas consideram o quociente eleitoral como uma espécie de cláusula de barreira, mesmo que seja visto como uma exigência baixa. Fato que, segundo Mainwaring, permite “a representação de um número exageradamente alto de partidos no Congresso, especialmente para um sistema presidencialista” (MAINWARING, 1991. p. 42). Por fim, a crítica de Mainwaring é direcionada para as regras de funcionamento interno do Congresso que contribuem para que novos partidos sejam criados, haja vista que “Um partido com apenas um representante consegue virtualmente todos os privilégios congressuais concedidos aos partidos maiores: espaço para a liderança partidária, assistência de secretaria, telefones, um automóvel etc.” (MAINWARING, 1991. p. 42). Pelo prisma do autor em questão, as regras são importantes, pois elas são o alicerce que sustentam as ações e a lógica dos políticos dentro ou fora das organizações partidárias. Portanto:

Algumas regras dão fortes incentivos para que os políticos cooperem com outros representantes parlamentares e candidatos. Outras fazem exatamente o oposto, de modo que seria de se esperar práticas individualistas. Por outro lado, a natureza dos partidos e suas ligações com a sociedade civil e o Estado são afetadas pelo fato de os partidos serem ou não (e de que maneira) unificados e disciplinados (MAINWARING, 1991. p. 42).

Outro ponto explorado por Mainwaring diz respeito à responsabilidade da legislação eleitoral por institucionalizar um conjunto de regras que não promove a disciplina e a coesão partidária. Nas campanhas eleitorais, é bastante nítido o caráter autônomo dos políticos em relação aos seus partidos, uma vez que nossas regras eleitorais contribuem para que as disputas no interior do partido sejam, por vezes, mais acirradas do que as disputas entre os partidos. Para o estudioso, nosso sistema eleitoral também contribui para a corrupção de campanha: “Devido à existência de tal recompensa para as campanhas individuais e devido aos significativos benefícios provenientes da vitória, o sistema de representação proporcional com lista aberta estimula uma enorme

despesa individual e a corrupção financeira nas campanhas” (MAINWARING, 1991. p. 44).

O autor conclui que a possibilidade de se constituirem, no Brasil, organizações partidárias estruturadas programaticamente foi seriamente afetada pela relação entre os políticos e os partidos, o que contribui para os baixos níveis de identificação partidária e para a falta de prestígio dos partidos. Ainda segundo ele, a legislação eleitoral brasileira não surge accidentalmente, ela foi elaborada e aprovada pela classe política com o objetivo de garantir que os partidos tenham pouco controle sobre seus membros. “Os políticos brasileiros, não obstante, escolheram sempre sistemas eleitorais que maximizam sua autonomia vis-à-vis seus partidos” (MAINWARING, 1991. p. 51). Os sistemas eleitorais são construídos, aplicados e alterados visando proteger e favorecer alguns interesses. Logo, os políticos brasileiros optaram pela vigência de um conjunto de regras eleitorais que enfraquecesse os partidos, mesmo que isso representasse o subdesenvolvimento das organizações partidárias (MAINWARING. 1991).

Contudo, não é apenas o sistema eleitoral brasileiro e suas características pouco comuns em outras democracias que proporciona essa autonomia dos políticos vis-à-vis seus partidos. Outras características do contexto brasileiro também justificam esse problema na visão de Mainwaring (1991): partidos fracos e pouco enraizados na sociedade civil; o sistema presidencialista que possui menos mecanismos para estimular a coesão partidária, se comparado ao parlamentarismo; o sistema federalista do Brasil que não contribui para a unidade partidária, pois obriga os partidos a conviverem com a diversidade e a autonomia das esferas federativas; e, por fim, os baixos níveis de informação e de identificação com os partidos por parte dos eleitores, que contribui para que os políticos possam barganhar da forma que convier sem sofrerem muitas sanções do eleitorado.

Mainwaring (1991) não considera os políticos como simples produtos do sistema político; ele os considera como responsáveis por criar as instituições que balizam o sistema político. Assim, a fragilidade aparentemente natural dos partidos no Brasil deve-se, em alguma medida, às preferências de nossos políticos.

[...] a legislação eleitoral brasileira tem várias características incomuns que institucionalizaram uma estrutura de incentivo que autoriza e estimula os políticos a terem um comportamento antipartidário. Ela contribuiu decisivamente para o subdesenvolvimento partidário, e em última instância para a sustentação de um padrão altamente elitista de dominação e para a instabilidade democrática (MAINWARING, 1991. p. 56).

Outra crítica elaborada por Mainwaring (1993) às instituições brasileiras é sobre o presidencialismo multipartidário. Ele argumenta que a combinação de presidencialismo em um sistema multipartidário pode gerar problemas para a estabilidade da democracia. No Brasil, muitas singularidades do sistema eleitoral contribuíram para que um sistema com muitos partidos e com alta fragmentação fosse criado, logo o partido do presidente raramente representa a maioria do parlamento. Quando o Presidente da República se encontra em minoria, impasses entre o Poder Executivo e o Poder Legislativo se tornam muito frequentes, gerando certa instabilidade política. No presidencialismo, graças ao calendário eleitoral rígido e ao fato de tanto o executivo quanto o legislativo serem eleitos de forma independente, não existiriam ferramentas institucionais para lidar com esse tipo de situação⁵².

Há mais uma característica do sistema partidário brasileiro que também contribui para esse problema: a fraqueza dos partidos políticos. Isso ocorre quando o chefe do executivo goza de ampla popularidade e políticos das mais diversas posições no espectro político o apoiam. Porém, quando o Presidente não é popular, a dificuldade em encontrar apoio é grande, inclusive dentro de seu próprio partido. Assim, a falta de disciplina dos partidos brasileiros acentua o grave problema proporcionado pelo presidencialismo aliado ao multipartidarismo (MAINWARING, 1993).

Para conseguir resolver o problema da falta de sustentação parlamentar, frequentemente os presidentes formam coalizões compostas por diversos partidos a fim de conseguir maioria no Congresso. Para amarrar essa coalizão o presidente deve utilizar uma série de recursos como, por exemplo, a oferta de

⁵² O *impeachment*, diferentemente da moção de desconfiança e da dissolução do parlamento no parlamentarismo, não pode ser visto exatamente como uma saída institucional para impasses entre os poderes já que só pode ser acionado em caso de comprovado crime de responsabilidade do chefe do Executivo.

cargos em empresas estatais ou ministérios para membros de um determinado partido em troca do apoio de seus correligionários no parlamento, o que é uma prática comumente conhecida como patronagem. Mesmo utilizando esses expedientes, os “presidentes minoritários” têm dificuldades de governar em um contexto com muitos partidos pouco disciplinados (MAINWARING, 1993). Contudo, também devemos destacar a possibilidade de haver essa dificuldade em contextos onde há poucos partidos indisciplinados, o que pode sugerir que o problema maior não é o número de partidos, mas sua falta de disciplina.

Scott Mainwaring (1993), escrevendo no início da década de 1990, considerava bastante improvável que os presidentes fossem capazes de conseguir maioria no congresso em um sistema que combina presidencialismo e multipartidarismo, com partidos que apresentam pouca ou nenhuma coesão. Além disso, o presidencialismo dificulta a resolução dos impasses provenientes deste tipo de conflito, pois não apresenta nenhum recurso para substituir governos minoritários até a data da próxima eleição. Portanto, para o autor, a adoção de um regime presidencialista em um sistema partidário altamente fragmentado e composto por muitos partidos não seria saudável para o surgimento e a manutenção de uma democracia eficaz, sendo que com esse arranjo institucional impasses entre os poderes executivo e legislativo são frequentes e muitas vezes levam à paralisação decisória (MAINWARING, 1993).

Na tentativa de se opor aos prognósticos de Ames (2003) e Mainwaring (1991, 1993) sobre o arranjo institucional brasileiro, Limongi e Figueiredo (1998) oferecem um conjunto de explicações alternativas sobre o funcionamento do sistema político brasileiro. Os autores também partem de uma perspectiva institucionalista, mas mudam o foco de observação do sistema de governo e da legislação eleitoral e partidária para outros dois traços do sistema: a organização interna do Congresso e os poderes legislativos do presidente. Segundo eles, a Constituição de 1988 e o regimento interno do Congresso dotaram os partidos de diversos recursos fundamentais para estruturar o jogo político no parlamento, conferindo a eles posição privilegiada como base para sustentação dos governos. Esse é o argumento central de Figueiredo e Limongi (1995, 1996, 1998 e 2002): o aumento do poder de agenda do chefe do Executivo e a centralização do processo legislativo nas

mãos dos líderes partidários fizeram com que os partidos se tornassem estruturadores dos trabalhos dentro da Câmara, reduzindo os incentivos para o comportamento individualista e particularista e recompensando o comportamento disciplinado das bancadas partidárias⁵³.

Com isso, na arena eleitoral, os partidos tornam-se frágeis e seu papel fica em segundo plano, com o foco maior sobre a figura do candidato. Contudo, uma vez eleito, o parlamentar julga mais racional agir em consonância com seu partido, o que o proporciona maior poder de barganha frente ao Executivo, ao passo que individualmente esse poder de barganha seria reduzido. Outro aspecto que desmotiva as atitudes individualistas, segundo Figueiredo e Limongi (2002), remete ao processo orçamentário, no qual emendas de caráter individual são preteridas em favor das emendas orçamentárias coletivas. Para eles, essas formas de controle são suficientes para que os partidos atuem de maneira disciplinada e as coalizões sejam capazes de sustentar governos⁵⁴.

Essa perspectiva só é possível se compreendermos que as constituições de 1946 e 1988 não são tão parecidas quanto Ames (2003) e Mainwaring (1991, 1993) julgavam ser. Limongi e Figueiredo (1998) destacam dois pontos que foram alterados de uma constituição para outra sem que os analistas tivessem percebido. Primeiramente, os poderes legislativos do chefe do executivo brasileiro foram ampliados em 1988 se comparados à carta de 1946. Como uma herança do período militar, a Constituição Cidadã de 1988 “manteve as inovações constitucionais introduzidas pelas constituições escritas pelos militares com vistas a garantir a preponderância legislativa do Executivo e maior presteza à consideração de suas propostas legislativas” (LIMONGI e FIGUEIREDO, 1998, p. 82). O segundo ponto que merece destaque é o aumento dos recursos legislativos através dos regimentos internos das casas

⁵³ Os trabalhos de Figueiredo e Limongi foram escritos em um período de rara estabilidade na história do Brasil. A explicação dos autores passou a ser mais contestada após 2013 em função dos conflitos e crises que tomaram conta do país. Argumenta-se que eles teriam colocado foco excessivo nas variáveis institucionais relegando a um segundo plano as variáveis políticas que remetem aos atores, suas preferências e estratégias.

⁵⁴ No segundo mandato de Dilma, com Eduardo Cunha na posição de presidente da Câmara dos Deputados, essa dinâmica descrita pelos autores sofreu modificações. Apesar do PMDB fazer parte da base aliada do Governo Federal (sendo o então vice-presidente da República filiado a esse partido), alguns de seus deputados, liderados por Eduardo Cunha, fizeram oposição ao Governo Dilma.

legislativas, sendo que os líderes partidários passaram a dispor deles para capitanejar suas bancadas. Assim, “a unidade de referência a estruturar os trabalhos legislativos são os partidos e não os parlamentares” (LIMONGI e FIGUEIREDO, 1998, p. 82).

Pelo viés da teoria explorada anteriormente, não deveria ser possível que no Congresso Nacional existisse disciplina partidária. No entanto, essa previsão sobre o Congresso foi contrariada pelas observações de Figueiredo e Limongi (1995, 1996). Analisando o comportamento dos parlamentares em votações nominais no período de 1989-1994, eles concluíram que, “em média, 89,4% do plenário vota de acordo com a orientação do seu líder” (LIMONGI e FIGUEIREDO, 1998, p. 83). Além disso, a separação de poderes – característica do presidencialismo muito destacada nos primeiros diagnósticos sobre o arranjo institucional brasileiro – deveria influenciar os parlamentares a se comportarem de maneira leviana, tendo em vista que a continuidade de seus mandatos independe das adversidades enfrentadas pelo presidente. Ademais, os presidentes se preocupariam pouco com o apoio do congresso se levassem em conta que o mandato presidencial goza de legitimidade popular sem lastros com o parlamento. Por sua vez, no período pós-constituinte, as matérias iniciadas pelo Executivo contaram com alta taxa de aprovação no Congresso e foram sustentadas por apoio político alimentado por organizações partidárias (LIMONGI e FIGUEIREDO, 1998).

A crítica elaborada por Limongi e Figueiredo (1998) se dá no sentido de que o conjunto de regras que baliza o processo de tomada de decisão no interior do legislativo e estrutura os trabalhos dentro do Congresso teriam sido completamente ignorados pelos analistas anteriores, assim como os poderes legislativos do presidente. Segundo os autores:

Quer nas explicações centradas na legislação eleitoral, quer naquelas derivadas das características próprias à forma de governo presidencialista, inferências são feitas a partir de uma estrutura de incentivos determinada exogenamente. As estratégias dos parlamentares e presidentes são derivadas e totalmente definidas pelo que se passa no campo eleitoral. As análises encontradas na literatura comparada e aquelas sobre o sistema político nacional param, por assim dizer, às portas da primeira sessão legislativa (LIMONGI e FIGUEIREDO, 1998, p 83).

Os autores reconhecem a tendência de a legislação eleitoral brasileira influenciar os políticos a adotarem práticas individualistas, mas argumentam que os incentivos oriundos da arena eleitoral não são suficientes para que essas práticas se tornem efetivas. Isso se deve ao fato de que, no Brasil, os trabalhos legislativos estão enraizados na ação dos partidos e se encontram centralizados na figura dos líderes partidários. Assim, os autores demonstram como características de nosso contexto institucional se dão de forma interdependente, como, por exemplo, o predomínio do Executivo sobre a legislação, a centralização dos trabalhos dentro da casa legislativa e a disciplina dos partidos políticos brasileiros.

O Executivo domina o processo legislativo porque tem poder de agenda e esta agenda é processada e votada por um Poder Legislativo organizado de forma altamente centralizada em torno de regras que distribuem direitos parlamentares de acordo com os princípios partidários. No interior deste quadro institucional, o presidente conta com os meios para induzir os parlamentares à cooperação. Da mesma forma, parlamentares não encontram o arcabouço institucional próprio para perseguir interesses particularistas. Ao contrário, a melhor estratégia para obtenção de recursos visando retornos eleitorais é votar disciplinadamente (LIMONGI e FIGUEIREDO, 1998, p. 85).

É possível perceber que as dificuldades típicas da ação coletiva são, em grande medida, amenizadas conforme as maiorias partidárias vão sendo estruturadas ao redor de determinadas preferências, graças ao controle sobre a agenda. Assim, utilizando a ferramenta da patronagem, o Executivo é capaz de impor disciplina aos membros de sua coalizão e obter o apoio necessário. Como os membros do Poder legislativo têm pouca influência na produção de políticas públicas, participar da base do governo se torna importante na busca por retornos eleitorais. Sendo assim, o controle de cargos (patronagem) por parte do Executivo se mostra uma ferramenta importante para obter disciplina partidária (LIMONGI e FIGUEIREDO, 1998).

Outra visão sobre a dinâmica do sistema partidário brasileiro é apresentada por Melo (2007). Para ele, a existência de um ciclo de eleições presidenciais foi muito relevante para que uma evolução positiva do sistema partidário brasileiro fosse possível. Desde as eleições presidenciais de 1994,

PT e PSDB constituíram-se como pólos, permitindo que o sistema partidário superasse um período bastante instável e adotasse contornos mais nítidos⁵⁵. O fato de os partidos controlarem o processo decisório no seio do Congresso Nacional, também deve ser considerado como um fator positivo na busca pela neutralização de um comportamento individualista por parte dos parlamentares, que foram eleitos com campanhas estruturadas em torno do voto personalista (MELO, 2007).

Para Melo (2007), apesar das fragilidades de nosso arranjo institucional, o sistema partidário brasileiro demonstrou ter alcançado níveis positivos de estabilidade a partir da década de 1980. Contudo, fatores como partidos de direita compondo uma coalizão presidencial de esquerda e os altos índices de migração partidária dentro do parlamento, indicam que, no Brasil, os limites dos partidos ainda são bastante flexíveis. Segundo o autor, a combinação entre o sistema de representação proporcional com o federalismo é traduzida em fragmentação do sistema partidário. Ademais, o incentivo por parte das instituições para que a elite política adote em suas campanhas estratégias que valorizem os atributos individuais em detrimento do partidário, fomenta a relação precária entre sociedade e partidos.

Paradoxalmente à capacidade dos partidos de disciplinar suas bancadas, a migração partidária se apresenta como um fenômeno intenso e persistente dentro do legislativo brasileiro. Segundo Melo (2000), esse paradoxo pode ser compreendido se levarmos em consideração as regras vigentes na Câmara dos Deputados que fazem com que os dois tipos de comportamento – a disciplina em plenário e as trocas de partidos – possam coexistir. “Os mesmos elementos responsáveis pela maior disciplina dos partidos em plenário possuem uma cota de responsabilidade na notável instabilidade das bancadas partidárias” (MELO, 2000, p. 29).

O argumento do autor é que, como a definição da agenda e a velocidade dos trabalhos são centralizados em torno do Poder Executivo, do Presidente da Mesa diretora e do Colégio de Líderes, o estímulo não é apenas quanto à

⁵⁵ É importante destacar que apesar da polarização em torno de PT e PSDB nas eleições presidenciais, com o PMDB servindo como fiel da balança, a arena parlamentar seguiu cada vez mais fragmentada.

cooperação com o governo nas votações em plenário por parte dos deputados, por exemplo. Este contexto também contribui para que o parlamentar mude de bancada sempre que julgar necessário, com a finalidade de se posicionar de maneira mais vantajosa junto ao núcleo decisório do sistema. Tanto a votação com o líder quanto a busca por um melhor posicionamento perante a estrutura de poder da Câmara devem ser consideradas como estratégias racionais de sobrevivência política, e revelam um comportamento adequado às regras do jogo político, mas prejudicial do ponto de vista da consolidação do sistema partidário.

Deixando a ótica do simples deputado de lado e considerando a situação na visão dos líderes, também é razoável pensar que agindo de maneira estratégica em consonância com as regras institucionais previstas no Regimento Interno da Câmara dos Deputados, os líderes tenham interesse em trazer para suas bancadas deputados pertencentes a outras legendas, principalmente se destacarmos a relevância que o número de integrantes de uma bancada tem na distribuição interna de poder, que é estruturada em torno do princípio de proporcionalidade partidária (por exemplo, os cargos de Presidente de Comissão que são distribuídos de acordo com a força das bancadas). O crescimento da bancada também contribui para o aumento do poder de barganha no interior do congresso e também para atrair para seu partido políticos que sejam notáveis na esfera local e possuam um grande capital político, o que é uma estratégia eficaz por parte dos líderes.

Além das características inerentes às regras e às relações de poder dentro do Congresso Nacional, devemos considerar também as peculiaridades do sistema eleitoral brasileiro, que cooperam muito para a falta de vínculos entre políticos e seus respectivos partidos, fator relevante para a migração partidária. Segundo Melo (2007) algumas características que tornam esses vínculos cada vez mais escassos são:

- a) a ampla oferta de siglas no mercado eleitoral permite que, mesmo levando em conta as afinidades ideológicas, candidatos competitivos encontrem as portas abertas em um expressivo número de partidos em cada estado; b) é possível, portanto, escolher o partido pelo qual se pretende concorrer com base na projeção individual da votação, na avaliação sobre as perspectivas de cada sigla e no conhecimento do grau de concorrência interna a enfrentar em cada uma das opções

disponíveis; c) em cada Estado o universo de escolha é diferente, uma vez que o grau de implantação e a força relativa dos partidos variam significativamente (MELO, 2007, p. 25).

Ainda de acordo com o autor, por mais que sejam registradas migrações partidárias motivadas por divergências ideológicas ou programáticas, as mudanças de partidos desta natureza sempre constituíram uma pequena parcela do montante das migrações. Majoritariamente, as migrações são motivadas pela busca por legendas capazes de proporcionar mais acesso a recursos distributivos e/ou oportunidades eleitorais melhores. Dentro do período analisado pelo autor (1985-1998) foi constatado que o maior nível de incidência das migrações era por parte dos deputados que não possuíam acesso a recursos de poder. Ele também verificou uma concentração das migrações no primeiro e no terceiro ano do mandato, pois:

O primeiro ano de cada legislatura mostra-se propício tanto a uma eventual reacomodação, considerada necessária pelo deputado face aos resultados eleitorais nacionais ou estaduais recentes, quanto à busca de espaço nas legendas, tendo em vista a realização, no ano seguinte, das eleições para prefeito. O terceiro ano, por sua vez, é o momento em que as posições devem ser definidas para a renovação da própria Câmara (MELO, 2004, p.68).

Outra tendência é a migração na direção da base do governo, para se aproximar dos recursos e adquirir certa responsabilidade sobre as ações governativas. Um presidente com bons índices de popularidade também atrai muitos parlamentares para sua coalizão. Assim, não é apenas a ausência de uma coibição mais efetiva que motivaria as migrações partidárias, mas o ganho a ser obtido com a mudança também deve ser considerado como um fator que explica esse fenômeno (DINIZ, 2000).

As migrações, além de contribuírem para diminuir a inteligibilidade de nosso sistema político, que, como vimos anteriormente, tem muitos partidos e coligações que operam de maneira distinta dentro de cada um dos níveis da federação, afetam muito a representatividade do sistema político. No Brasil, o sistema de lista aberta faz com que, na grande maioria dos casos, a escolha do eleitorado recaia sobre a figura personalista do candidato e não do partido; assim, a migração de um parlamentar para outro partido pouco alteraria a vontade do eleitor. Todavia, se abordarmos o problema não mais sobre a visão

do eleitor e sim em função do resultado das eleições, quando os votos são traduzidos em cadeiras no parlamento, podemos notar um afastamento entre sistema partidário parlamentar e sistema partidário eleitoral. Pois, após uma legislatura iniciada, sem que ocorra influência do eleitorado, a migração partidária altera a força de uma bancada sem relação com o seu desempenho nas urnas, distorcendo, assim, o resultado das eleições (MELO, 2007).

Dentro deste contexto, estratégias racionais de curto prazo, sobretudo no momento eleitoral, são amplamente adotadas por políticos das mais diversas legendas. Para os deputados, a migração entre partidos sempre foi uma estratégia dotada de baixos custos, principalmente se o vínculo entre político e partido for bem fluido e seu eleitorado não apresentar identidade com a sigla. Apesar da exigência seis meses de filiação partidária para efeito de elegibilidade, o parlamentar uma vez eleito se via livre para alterar sua filiação partidária ao longo do mandato, sem nenhum tipo de constrangimento institucional.

No livro "A Reforma da Representação Proporcional e a Fragmentação Partidária da Câmara dos Deputados Brasileira (2014-2022)", publicado por Jairo Nicolau em 2023, o autor examina como democracias que utilizam a representação proporcional frequentemente revisam mecanismos que impactam tanto a representação dos partidos quanto a forma como os eleitores exercem seu voto. Entre esses mecanismos, destacam-se a fórmula matemática para o cálculo das cadeiras, o patamar de votos exigido para um partido conquistar uma cadeira, e o tipo de lista adotado.

Desde a redemocratização até 2014, o sistema proporcional brasileiro destacou-se por uma estabilidade incomum em seus mecanismos: o quociente eleitoral operava como uma cláusula de barreira, havia a possibilidade de coligações, e não existia uma votação mínima para candidatos serem eleitos. No entanto, a partir de 2015, o Congresso aprovou uma série de reformas na legislação eleitoral e partidária, introduzindo mudanças no sistema eleitoral que passaram a vigorar a partir das eleições municipais de 2016. Em 2018, o quociente eleitoral deixou de funcionar como cláusula de barreira, as coligações foram mantidas, e exigi-se que um candidato obtivesse ao menos 10% do quociente para ser eleito. Já em 2022, as coligações foram proibidas, o

quociente eleitoral (na versão de 80% do total) voltou a servir como barreira, foi estabelecido um novo patamar para eleição de candidatos (20% das sobras), e os partidos puderam se agregar em federações.

Nicolau (2023) aponta que, devido ao volume de mudanças nas regras, torna-se desafiador identificar quais fatores estão associados às alterações observadas na composição das bancadas estaduais ao comparar os pleitos de 2014, 2018 e 2022. Nas eleições de 2018, a ausência do quociente eleitoral como cláusula de barreira favoreceu a representação de partidos menores. Além disso, o uso generalizado de coligações contribuiu para a fragmentação parlamentar, ocorrendo em grau mais elevado do que em eleições anteriores. O sucesso eleitoral do PSL também dispersou votos e cadeiras na Câmara dos Deputados.

Nas eleições de 2022, observou-se a maior redução na dispersão de votos e cadeiras entre duas eleições sucessivas. O número de partidos concorrentes e os que conseguiram eleger representantes diminuiu em todos os estados. A combinação de duas novas regras – o fim das coligações e a retomada do quociente eleitoral – aumentou significativamente o volume de votos necessários para um partido eleger um deputado, em comparação a 2018. As federações, criadas para beneficiar partidos menores, tiveram efeitos marginais, sendo utilizadas por apenas sete partidos.

Ao analisar a representação proporcional no Brasil sob uma perspectiva comparada, Nicolau destaca o papel das coligações. Poucas democracias praticam essa estratégia tão amplamente quanto o Brasil fez entre 1986 e 2018, associando-se à crescente fragmentação do sistema partidário. A proibição das coligações nas eleições proporcionais emergiu como um fator crucial para a redução da fragmentação partidária em 2022. Sem as coligações, o Brasil se aproxima mais de outras democracias proporcionais. Se as regras permanecerem inalteradas, em 2026 poderemos avaliar melhor os efeitos do novo formato do sistema eleitoral brasileiro.

Até este ponto, buscamos reproduzir, com recurso a alguns autores e perspectivas mais relevantes no campo, o debate em torno da dinâmica partidária no Brasil nas últimas três décadas. Embora haja consenso entre os estudiosos sobre os incentivos gerados pelo sistema eleitoral e partidário, não

há consenso sobre os resultados em termos de uma maior ou menor consolidação dos partidos políticos brasileiros. Por um lado, há indícios de certa estabilização do sistema, maior nacionalização dos partidos e sua maior presença organizacional no território. Por outro, há indícios de maior fragmentação partidária e de que os laços entre eleitores e partidos permanecem frágeis.

3.2 Evolução Histórica dos Partidos PSL e NOVO: Trajetórias e Transformações.

O processo de fundação do partido NOVO começa em fevereiro de 2011, mas só em setembro de 2015 que seu registro foi deferido pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Entre seus 181 fundadores, encontram-se profissionais de diversas áreas, com alto nível de educação formal, contudo nenhum deles possuía carreira política prévia, incluindo João Amoêdo, o primeiro presidente da legenda e candidato a presidência da República em 2018⁵⁶.

O aspecto liberal de suas propostas é sua principal característica. Logo, questões como a autonomia e liberdade do indivíduo, diminuição da carga tributária, privatizações dos serviços essenciais, um Estado com poucas atribuições, gestão independente e o livre mercado são pautas importantes para a agremiação⁵⁷.

Entre seus fundadores, podemos notar forte presença daqueles que são naturais dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, somando 91% de seus precursores estes estados representam uma forte base para o surgimento do NOVO. É claro que devemos levar em consideração o fato desses dois estados figurarem entre os três mais populosos do Brasil, mas isso não anula o fato de serem extremamente importantes para a agremiação (GORGES, 2017).

Como valor central do partido NOVO, podemos destacar a idéia de que a iniciativa privada oferece os mesmos serviços que o Estado, mas de maneira mais eficiente. Além disso, seu site oficial apresenta alguns posicionamentos

⁵⁶ João Amoêdo se desfilou do partido NOVO em 2022, alegando que o partido que ajudou a criar descumpre o estatuto e estimula atos antidemocráticos.

⁵⁷ Disponível em: <https://novo.org.br/novo/conheca/>. Acessado em: 10/08/2022.

que são caros a agremiação. Entre eles estão o compromisso com um estado leve e eficiente, um Brasil com mais oportunidades e conectado com o mundo, o fim dos privilégios e das mordomias com o dinheiro público, educação para o futuro, um sistema político verdadeiramente representativo, o combate permanente à corrupção e à impunidade, saúde em primeiro lugar, direitos iguais a todos os cidadãos e um país sustentável para as próximas gerações⁵⁸.

Graças ao seu recente registro junto ao TSE no ano de 2015, o partido NOVO participou apenas de uma eleição municipal antes da eleição nacional de 2018 aqui abordada. Com poucas candidaturas lançadas, apenas uma para o executivo municipal e 136 para o legislativo, o partido elegeu apenas 3% dos vereadores possíveis, como podemos ver na tabela a seguir.

Tabela 1 - Partido NOVO na eleição municipal de 2016

Cargo	(Total de Candidatos)	Total de Eleitos	%
Prefeito	1	0	0%
Vereador	136	4	3%

Fonte: TSE. Elaboração própria (2024)

Contudo em seu primeiro pleito nacional a agremiação apresentou resultados mais satisfatórios, elegendo Romeu Zema como governador do estado de Minas Gerais, o segundo maior colégio eleitoral do Brasil, assim como alguns membros para o legislativo.

Tabela 2 - Partido NOVO na eleição nacional 2018

Cargo	Total de Candidatos	Total de Eleitos	%
Deputado Distrital	31	1	3%
Deputado Estadual	124	11	9%
Deputado Federal	224	8	4%
Senador	5	0	0%

⁵⁸ Disponível em: <https://novo.org.br/novo/posicionamentos/>. Acessado em: 10/08/2022.

Governador	5	1	20%
Presidente	1	0	0%

Fonte: TSE. Elaboração própria (2024)

Já o PSL está a mais tempo no jogo político brasileiro. Com sua fundação datada de 30 de outubro de 1994, defendia em seu programa original menor participação do Estado na economia e direcionamento total dos recursos arrecadados pelo Estado à saúde, segurança e educação.

Ao elencar os ideais do PSL, devemos destacar o liberalismo econômico, o incentivo a iniciativa privada, a contrariedade à demasiada centralização de poderes nas mãos do Governo Federal, o conservadorismo, o estado de direito e o império da lei, a qualidade de vida com inclusão social e a defesa da democracia representativa, transparente e plural⁵⁹.

Em 1996, o PSL participa de sua primeira eleição sob a presidência do pernambucano Luciano Bivar – seu principal líder e primeiro deputado federal eleito – apoiando os candidatos do PSDB a prefeitura de São Paulo e Recife, José Serra e João Braga, respectivamente⁶⁰.

Dez anos depois do primeiro pleito, o PSL lança Luciano Bivar como seu primeiro candidato à Presidência da República e o economista Américo de Souza como seu Vice. Sua principal bandeira era o Imposto Único Federal, que tinha como objetivo substituir os demais impostos da União. Bivar também defendia a privatização de presídios e a pena de morte em sua campanha⁶¹.

Na eleição de 2014 o partido apóia a candidatura de Eduardo Campos (PSB) ao Planalto, após sua morte mantém apoio a chapa fazendo campanha para Marina Silva. Já no segundo turno se alinham ao candidato tucano Aécio Neves, retomando sua aliança com o PSDB, assim como fizera em sua primeira participação em eleições.

No ano de 2015, incentivado por Sérgio Bivar (filho de Luciano Bivar) o PSL passa a abrigar a corrente liberal Livres e integra as suas fileiras o gaúcho Fábio Ostermann, um dos fundadores do MBL e atualmente deputado estadual pelo partido NOVO⁶².

⁵⁹ Disponível em: <https://psl.org.br/opsl/#nossos-ideais>; Acessado em: 11/08/2022

⁶⁰ Disponível em: <https://psl.org.br/opsl/#nossos-ideais>. Acessado em: 11/08/2022

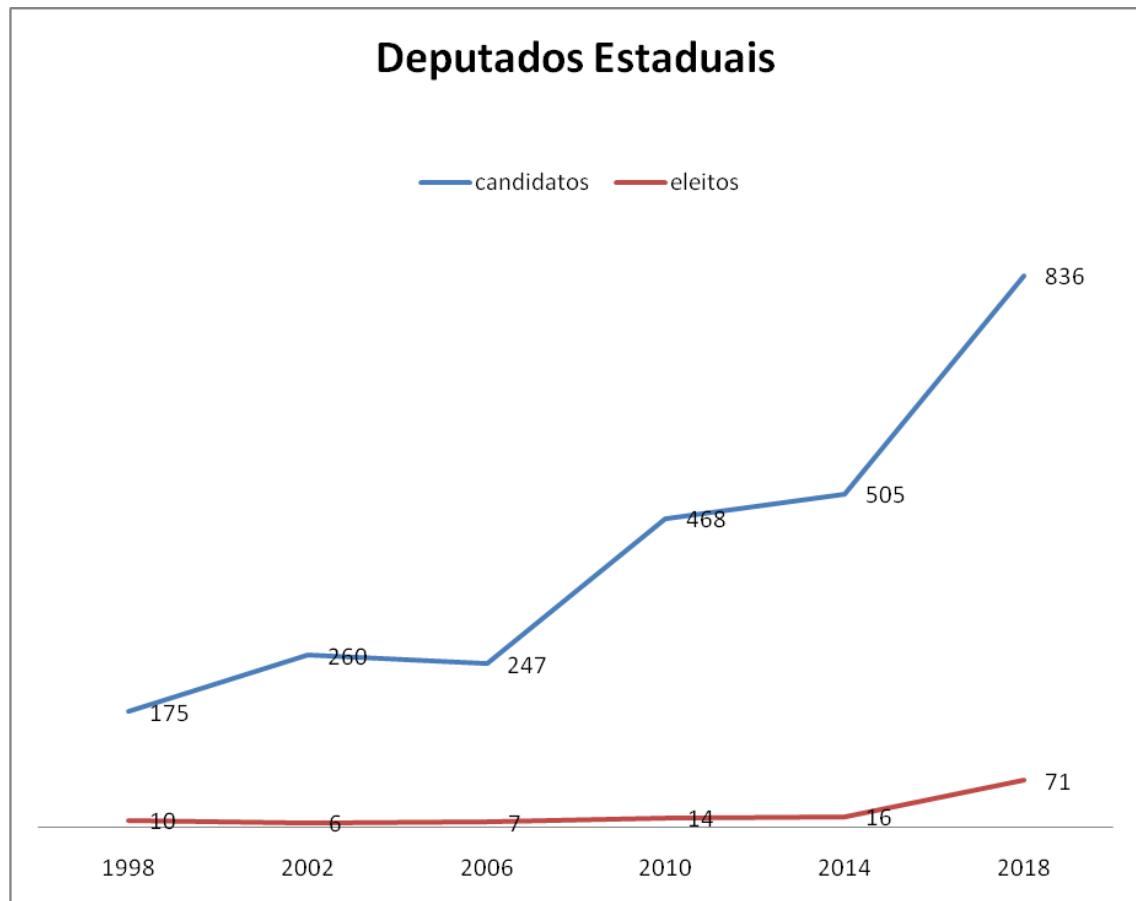
⁶¹ Disponível em: <https://psl.org.br/opsl/#nossos-ideais>. Acessado em: 11/08/2022

⁶² Disponível em: <https://psl.org.br/opsl/#nossos-ideais>. Acessado em: 11/08/2022

A parceria com a corrente liberal Livres dura apenas três anos e em 2018 o grupo se afasta do PSL. Neste mesmo ano, Luciano Bivar se ausenta da presidência do partido e passa o cargo para Gustavo Bebiano conduzir a agremiação em sua eleição de maior sucesso, com a vitória de Jair Bolsonaro a Presidência da República e mais de 11 milhões de votos para Câmara⁶³.

O sucesso eleitoral do PSL nas eleições de 2018 é evidente. Nos dois gráficos a seguir podemos notar o salto dado pela agremiação no número de candidatos e de eleitos na última eleição nacional brasileira.

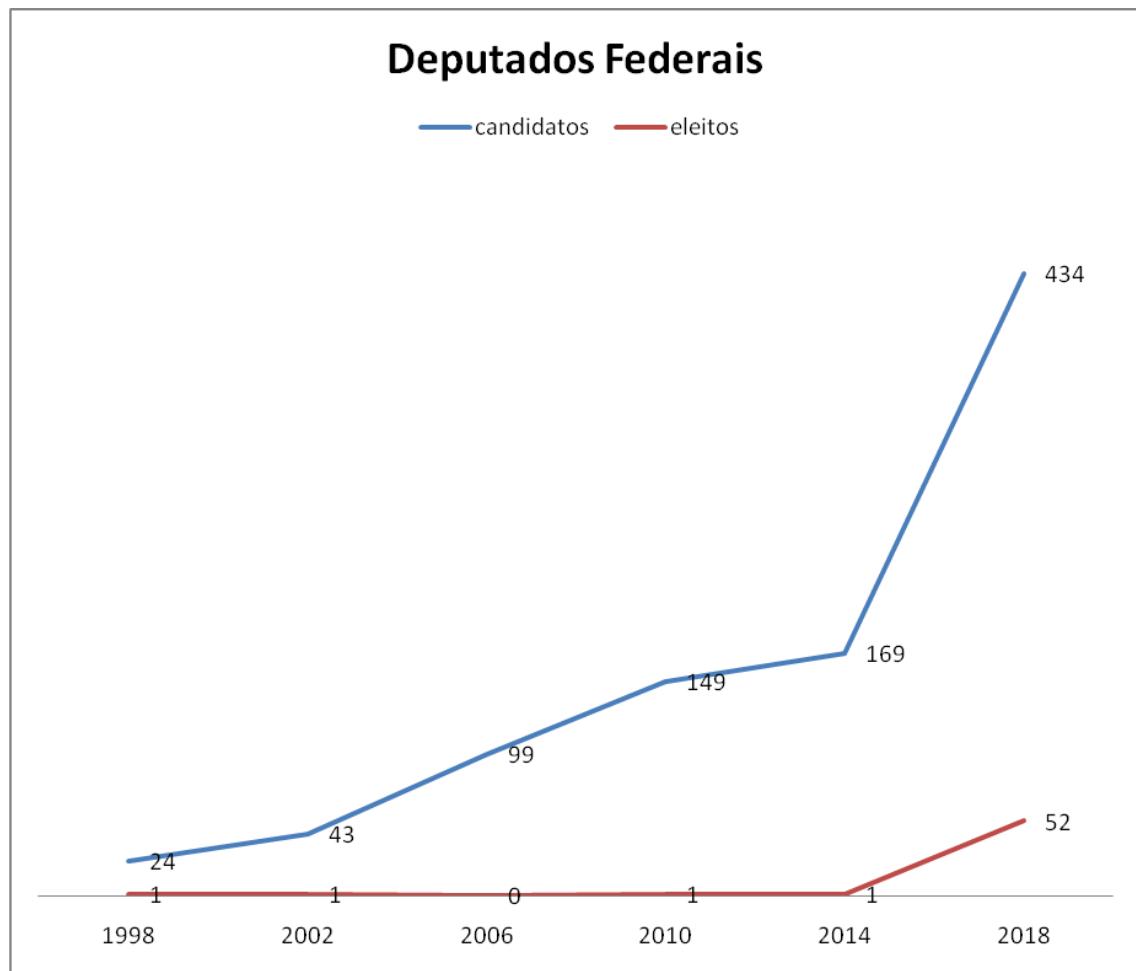
Gráfico 1 – Desempenho dos candidatos do PSL para Assembléias Estaduais



Fonte: TSE (2022).

⁶³ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/11/psl-e-o-partido-que-ganhou-maior-numero-de-votos-na-eleicao-para-a-camara-mdb-e-o-que-mais-perdeu.ghtml>. Acessado em: 09/08/2022

Gráfico 2 – desempenho dos candidatos do PSL para Câmara dos Deputados



Fonte: TSE. Elaboração própria.

Em 2022 o TSE aprovou a fusão entre Democratas (DEM) e o PSL, surgindo assim o partido União Brasil, que passa a ser o maior partido do Brasil e é presidido por Luciano Bivar, que se mantém como um ator importante dentro da arena política brasileira⁶⁴.

Ao longo de sua trajetória os dois partidos, PSL e NOVO, apresentam certas semelhanças, e a principal delas é seu caráter liberal, sustentando a predileção por um Estado enxuto e a garantia da liberdade individual.

3.3 Análise do Perfil dos Candidatos do PSL e NOVO nas Eleições de 2018.

A eleição nacional de 2018 é o ponto central desta tese, pois foi nela que

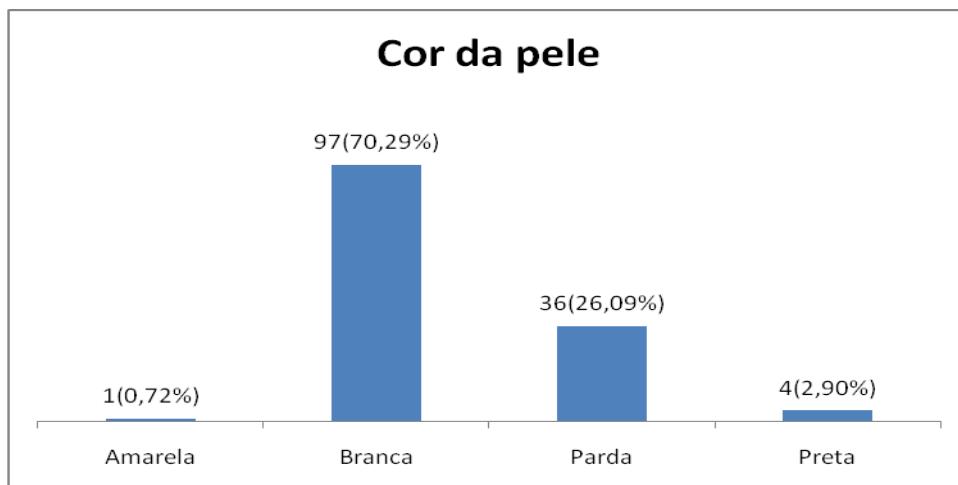
⁶⁴ Disponível em: <https://exame.com/brasil/tse-aprova-criacao-do-partido-uniao-brasil-nascido-da-fusao-de-dem-e-psl/>. Acessado em: 11/08/2022

muitos dos candidatos de PSL e NOVO adotaram o “discurso da novidade” como estratégia para o sucesso eleitoral. Portanto, se faz necessário conhecer o perfil dos eleitos por estes partidos na referida eleição.

Entre os eleitos pelo partido NOVO, todos possuem ensino superior completo e se declararam como brancos, o que pode sugerir certa homogeneidade de classe social, sobretudo se considerarmos a profunda desigualdade existente no Brasil. Entre eles nenhum buscava a reeleição, o que pode ser considerado um indicador de novidade na política. Contudo, não podemos excluir a possibilidade de algum dos eleitos já ter ocupado algum outro cargo político antes da eleição de 2018.

Já os eleitos pelo PSL apresentam-se de forma mais heterogênea com relação a essas características. Com relação a cor da pele os brancos são maioria (70,29%), mas há variações como podemos ver no gráfico 3.

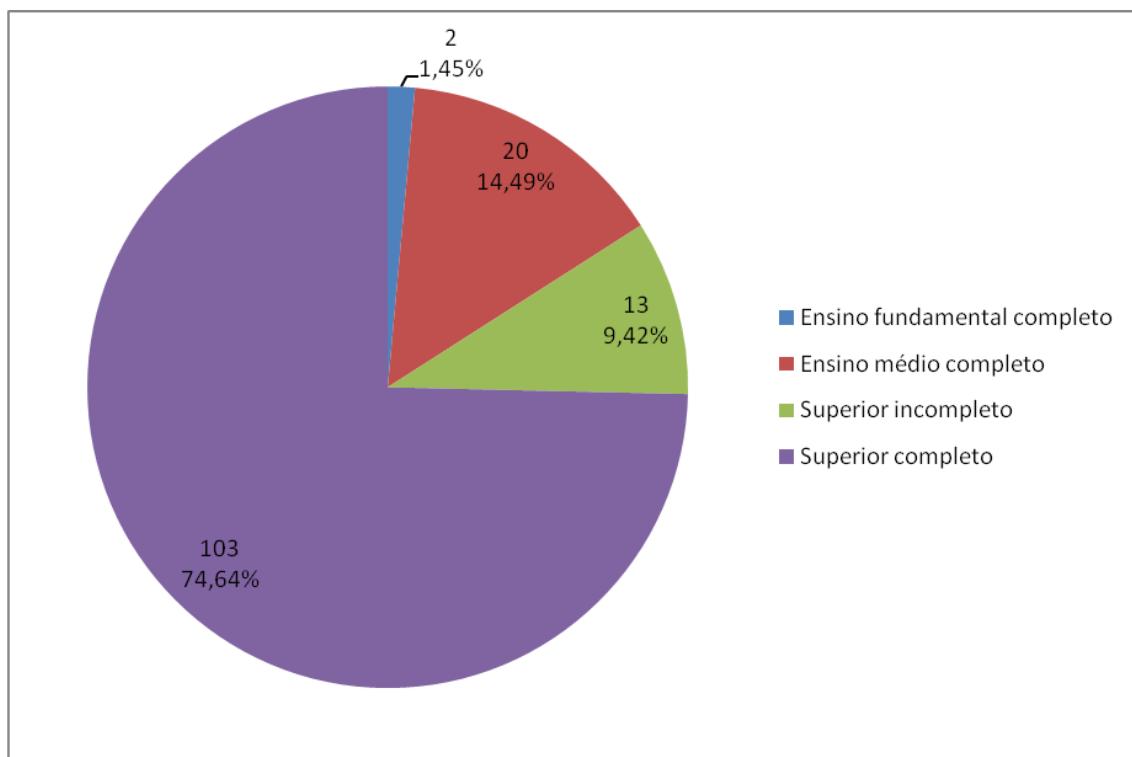
Gráfico 3: cor da pele declarada pelos eleitos do PSL nas eleições de 2018



Fonte: DivulgaCand. Elaboração própria (2024).

Quanto a escolaridade os eleitos pelo PSL em 2018 também se mostram mais heterogêneos que os eleitos pelo partido NOVO, mesmo que a categoria “superior completo” seja a maioria (74,64%), também é possível perceber a presença de políticos com menos escolaridade, como mostra o gráfico 4.

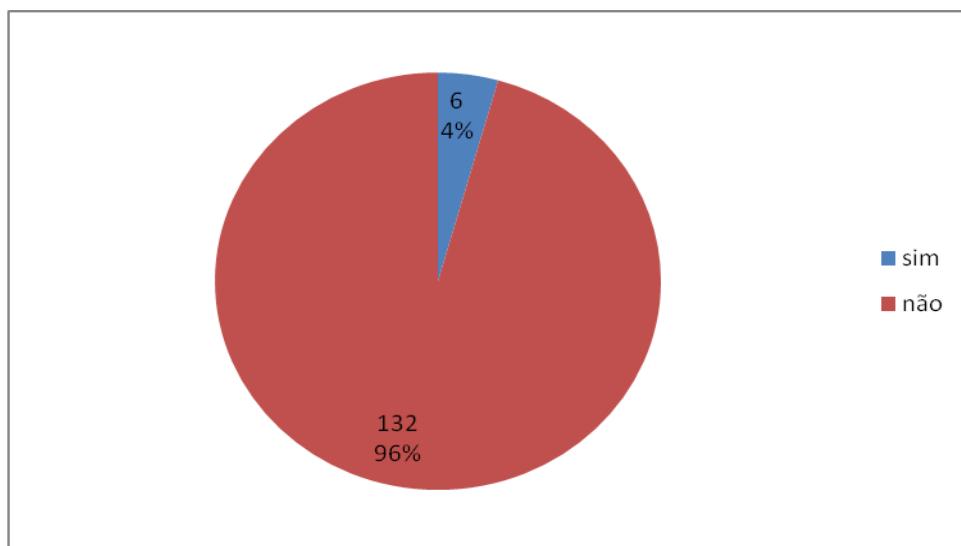
Gráfico 4: escolaridade dos eleitos pelo PSL nas eleições de 2018



Fonte: DivulgaCand. Elaboração própria (2024).

Com relação aos dados sobre a reeleição, a grande maioria dos eleitos pelo PSL não estavam buscando a reeleição, o que não exclui a possibilidade de pertencerem a outro cargo eletivo anteriormente.

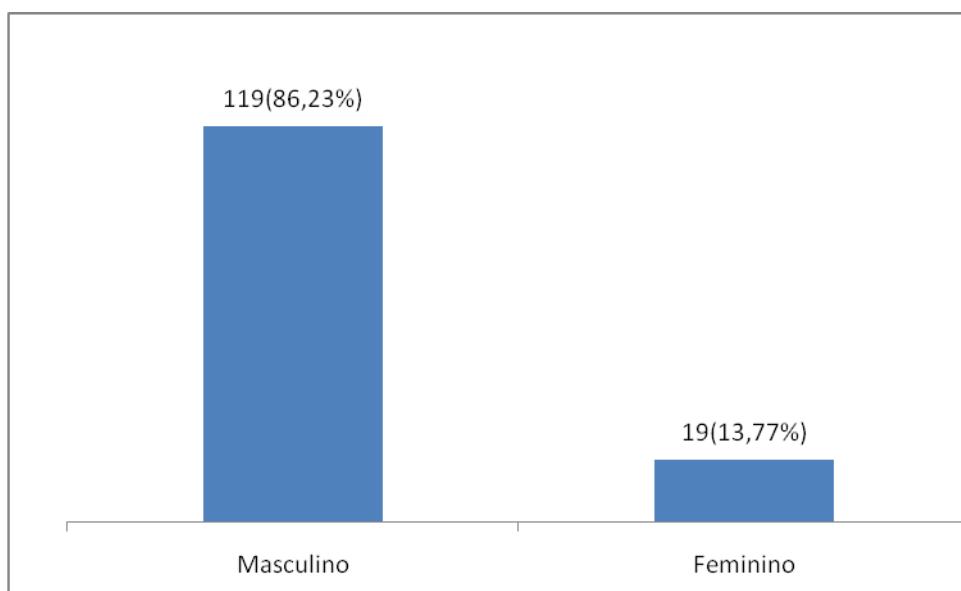
Gráfico 5: candidatos eleitos pelo PSL em 2018 que buscavam a reeleição



Fonte: DivulgaCand. Elaboração própria (2024).

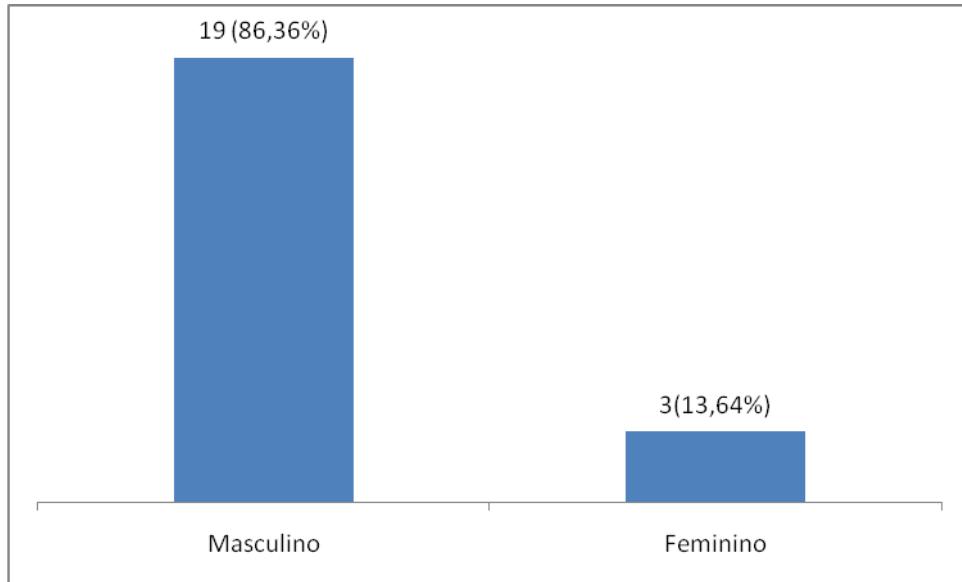
Quanto ao gênero dos eleitos, o que fica claro é que as mulheres são minoria, seguindo uma tendência presente na política brasileira e não há diferença significativa entre os partidos PSL e NOVO como podemos ver nos gráficos a seguir.

Gráfico 6: Relação de homens e mulheres entre os eleitos pelo PSL em 2018



Fonte: DivulgaCand. Elaboração própria (2024).

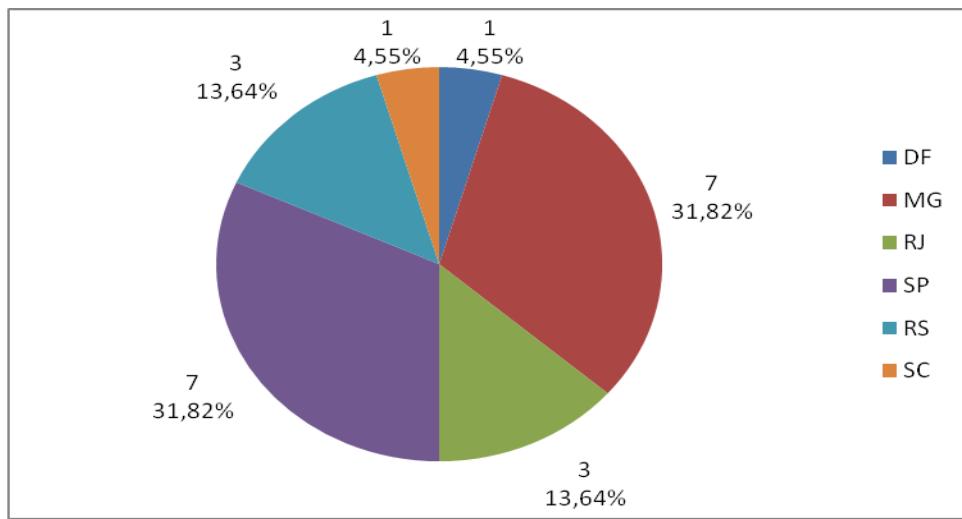
Gráfico 7: Relação de homens e mulheres entre os eleitos pelo NOVO em 2018



Fonte: DivulgaCand. Elaboração própria (2024).

Ao considerar as unidades federativas pelas quais os políticos do NOVO e PSL foram eleitos em 2018, podemos notar predominância da região sudeste nos dois casos. Entre os eleitos pelo NOVO, Minas Gerais e São Paulo são os estados que mais se destacam, cada um com sete eleitos. O destaque para esses estados pode ter acontecido pela influência do governador Romeu Zema, eleito em MG e pelo fato do partido novo ter muitos membros fundadores no estado de SP, como vimos na seção anterior. Outro fato que chama atenção é a ausência de eleitos pelo partido NOVO em estados da região Norte e Nordeste, o que pode indicar falta de capilaridade da agremiação nessas regiões.

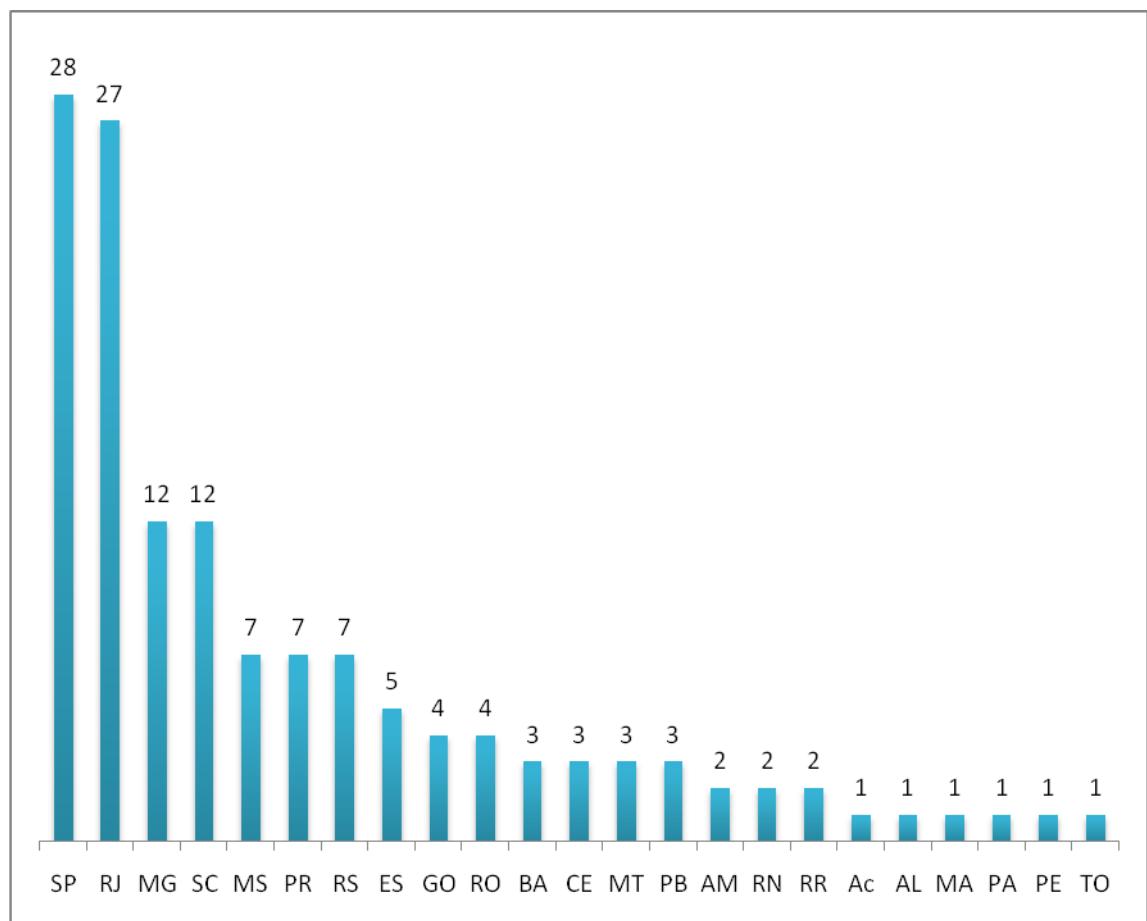
Gráfico 8: Estados pelos quais foram eleitos os membros do NOVO em 2018



Fonte: DivulgaCand. Elaboração própria (2024).

O sucesso do PSL se concentra nos estados do Rio de Janeiro – possivelmente pela forte atuação da família Bolsonaro na região – e também em São Paulo, estado que serve de domicílio eleitoral para figuras com destaque na campanha de 2018, como por exemplo, Eduardo Bolsonaro (filho do presidente eleito), Carla Zambelli, Janaina Paschol, Alexandre Frota e Joice Hasselmann.

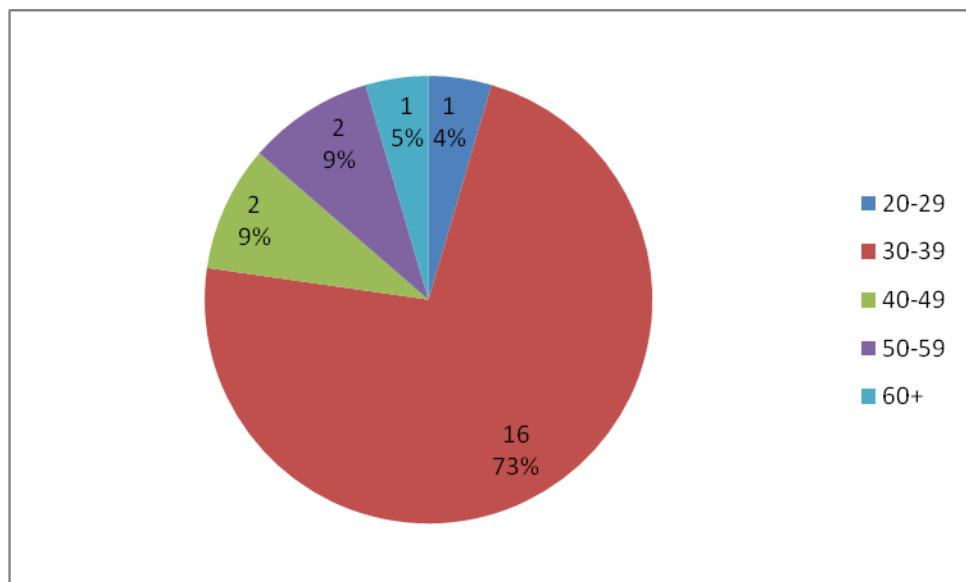
Gráfico 9: Estados pelos quais foram eleitos os membros do PSL em 2018



Fonte: DivulgaCand. Elaboração própria (2024).

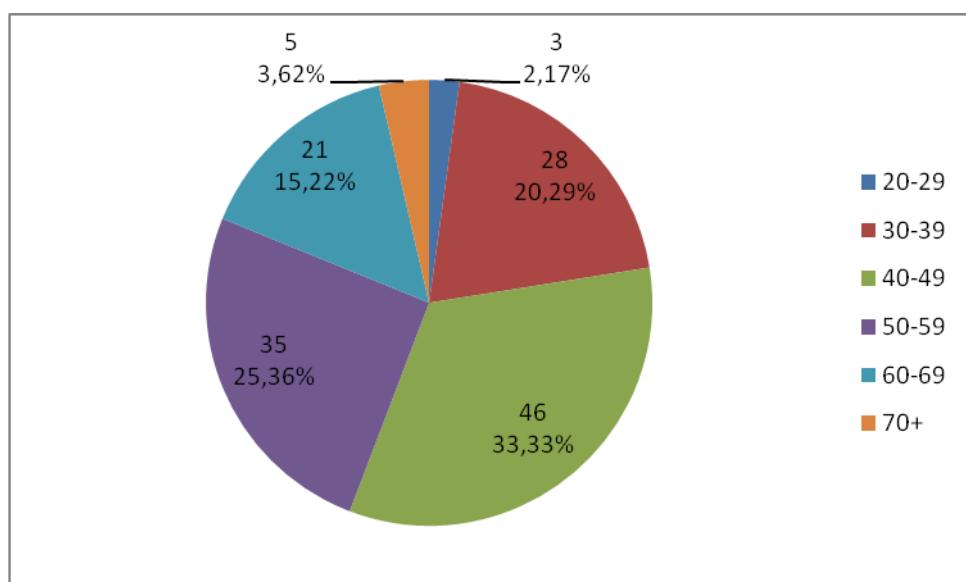
Outro dado que deve ser observado é a faixa etária dos eleitos pelo NOVO e PSL em 2018. A maioria dos eleitos pelo NOVO possuía entre 30 e 39 anos (73%) na data da posse, já os eleitos pelo PSL apresentam distribuição mais heterogênea, com a maioria dos membros pertencendo ao grupo dos que possuíam entre 40 e 49 anos na data da posse.

Gráfico 10: Faixa etária dos eleitos pelo NOVO em 2018



Fonte: DivulgaCand. Elaboração própria (2024).

Gráfico 11: Faixa etária dos eleitos pelo PSL em 2018



Fonte: DivulgaCand. Elaboração própria (2024).

Para finalizar a abordagem sobre o perfil dos eleitos em 2018 pelos partidos PSL e NOVO, o dado que merece destaque é a ocupação destes atores políticos. Certamente onde ocorreu mais variação, como podemos ver a

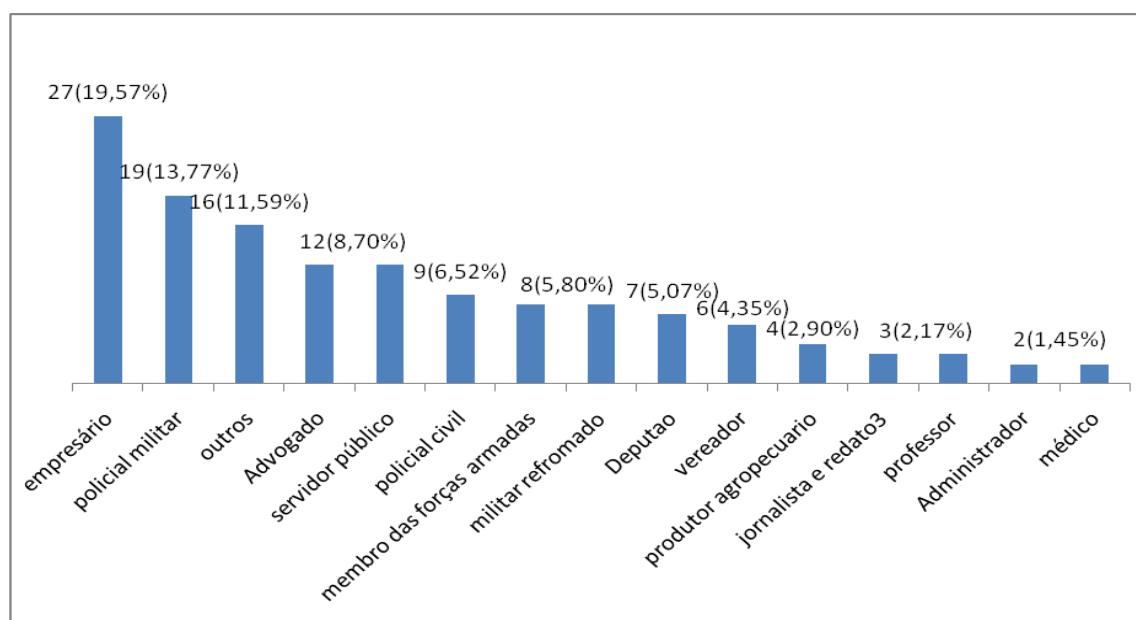
seguir.

Tabela 3: Ocupação profissional dos eleitos pelo NOVO em 2018

Administrador	3
Advogado	6
Cientista Político	1
Economista	3
Empresário	4
Engenheiro	1
Professor de ensino superior	2
Servidor Público	2

Fonte: DivulgaCand. Elaboração própria (2024).

Gráfico 12: Ocupação profissional dos eleitos pelo PSL em 2018



Fonte: DivulgaCand. Elaboração própria (2024).

No caso dos dois partidos em análise, advogados e empresários ocupam posição de destaque. Contudo, ao observar o Gráfico 12 percebemos a forte presença de policiais militares (13,77%) entre os eleitos pelo PSL, bem como policiais civis (6,52%), membros das forças armadas (5,80%) e militares reformados (5,07%), perfazendo mais de 30% das ocupações dos eleitos em

2018 pelo PSL.

O presente capítulo se destina a uma análise aprofundada das características dos partidos NOVO e PSL, com o objetivo de elucidar o contexto que levou à sua criação, seu posicionamento político e o perfil dos membros que os compõem. Para isso, o capítulo foi dividido em duas partes interligadas. A primeira parte oferece uma análise histórica das origens e do desempenho eleitoral de ambas as agremiações, permitindo uma contextualização da trajetória do NOVO e do PSL, além de identificar os fatores que influenciaram sua ascensão no cenário político brasileiro.

A fundação do partido NOVO ocorreu em fevereiro de 2011, com o registro oficial sendo concedido pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) em setembro de 2015. Formado por um grupo de 181 fundadores oriundos de diversas áreas, a maioria deles possui alto nível de instrução, mas carece de experiência política prévia. O NOVO se caracteriza por uma forte ênfase em propostas liberais, defendendo a autonomia individual, a diminuição da carga tributária e a privatização de serviços essenciais. Em seu primeiro pleito nacional, em 2018, o partido obteve resultados expressivos, elegendo Romeu Zema como governador de Minas Gerais e conquistando algumas cadeiras no legislativo.

Por outro lado, o PSL, fundado em 1994, apresenta um histórico mais longo no jogo político brasileiro. Desde sua criação, o partido defendeu a redução da participação estatal na economia e priorizou o direcionamento de recursos públicos para áreas como saúde, segurança e educação. O PSL ganhou destaque nas eleições de 2018, quando se alinhou à candidatura de Jair Bolsonaro à presidência, resultando em um desempenho eleitoral notável, com a eleição de mais de 11 milhões de votos para a Câmara dos Deputados.

Na segunda parte do capítulo, o foco recai sobre o perfil dos candidatos eleitos pelos partidos NOVO e PSL nas eleições de 2018. A análise revela que todos os eleitos pelo NOVO possuem ensino superior completo e são predominantemente brancos, sugerindo uma homogeneidade de classe social. Em contraste, os eleitos pelo PSL apresentam uma diversidade maior de características, incluindo variações em cor de pele e escolaridade, embora a maioria também possua ensino superior. A presença de policiais e profissionais

de segurança é notável entre os eleitos do PSL, refletindo uma tendência de valorização desses grupos na política atual.

Em suma, este capítulo proporciona uma visão abrangente sobre os partidos NOVO e PSL, delineando suas trajetórias, características e o perfil de seus membros, contribuindo assim para uma melhor compreensão da dinâmica política brasileira contemporânea.

4 Análise Crítica das Entrevistas com Parlamentares dos Partidos NOVO e PSL: Perspectivas da Nova Direita Brasileira.

Esta seção será dedicada a analisar as entrevistas realizadas com os políticos que representam a nova direita brasileira. Para realização das entrevistas eu entrei em contato com políticos que foram eleitos em 2018 pelo partido NOVO e PSL, ambos os partidos podem ser considerados como membros da direita brasileira e tiveram políticos que fizeram suas campanhas em torno do discurso da novidade. As entrevistas foram realizadas por vídeo chamada e orientadas por um roteiro previamente elaborado, semiestruturado, que não necessariamente deveria ser seguido à risca, de modo que as entrevistas fluíssem como uma conversa na qual eu tive a liberdade para acrescentar assuntos que não estavam no roteiro.

Com essas entrevistas, o meu objetivo é aprofundar mais no objeto de estudo à medida que os próprios atores políticos se posicionam sobre os temas que eu apontei ao longo da conversa.

A escolha por entrevistas em uma pesquisa qualitativa pode ser justificada pela capacidade deste método de proporcionar um "mergulho em profundidade" nas práticas, crenças e valores de universos sociais específicos. As entrevistas permitem ao pesquisador coletar informações detalhadas e significativas sobre como os participantes percebem e dão sentido à sua realidade. Essa abordagem é particularmente útil em contextos em que os conflitos e contradições não estão explicitamente evidentes, permitindo que o pesquisador compreenda a lógica das relações estabelecidas no interior de determinado grupo.

Quanto à escolha dos casos, a seleção deve ser feita com base em critérios que garantam a representatividade dos diversos aspectos do fenômeno em estudo. Duarte (2004) enfatiza a importância de explicitar as razões para a escolha das entrevistas e dos casos selecionados, o que inclui descrever os critérios de seleção dos entrevistados, o número de informantes, e o contexto em que as entrevistas são realizadas. Isso ajuda a assegurar a confiabilidade e validade dos dados coletados, permitindo que as conclusões da pesquisa sejam fundamentadas em um entendimento abrangente e

contextualizado dos fenômenos sociais investigados.

Contudo, é imperativo destacar uma fragilidade significativa deste estudo, que reside no número relativamente reduzido de deputados entrevistados. Essa limitação impede que os resultados obtidos possam ser generalizados para um grupo mais amplo de políticos. Durante o processo de coleta de dados, a maioria dos políticos com os quais entrei em contato não retornou minhas tentativas de comunicação. Aqueles que responderam, na maioria das vezes, demonstraram uma recusa quase imediata ao descobrirem que se tratava de uma pesquisa de doutorado conduzida em uma universidade pública. Embora essa característica da pesquisa possa ser vista como um problema metodológico, ela também pode ser interpretada como um indicador revelador da percepção negativa que muitos políticos de direita mantêm em relação às instituições públicas, especialmente no que tange às universidades e seus departamentos voltados para as ciências humanas. Essa resistência não apenas reflete uma barreira para a coleta de dados, mas também sugere uma desconfiança mais ampla que permeia a relação entre certos segmentos políticos e o ambiente acadêmico, destacando uma tensão latente que merece ser explorada em estudos futuros.

Diante da iminência de possíveis recusas, adotei uma abordagem sistemática para a seleção dos entrevistados. Inicialmente, realizei um levantamento abrangente de todos os políticos eleitos nas eleições nacionais de 2018 pelos partidos PSL e NOVO, contemplando todos os cargos eletivos. A escolha por esses dois partidos fundamenta-se no desempenho eleitoral excepcional que ambos demonstraram em comparação com pleitos anteriores, bem como na sua representação paradigmática da nova direita brasileira.

Com o levantamento em mãos, procedi à busca dos meios de contato desses políticos. Inicialmente, concentrei-me na obtenção de endereços de e-mail e, posteriormente, de números de telefone, consultando os sites oficiais das casas legislativas em que esses indivíduos ocupavam cadeiras, bem como instituições vinculadas ao Executivo, como no caso do governo do estado de Minas Gerais.

Após compilar uma lista abrangente de e-mails dos eleitos de 2018 pelos partidos NOVO e PSL, dediquei-me à elaboração de um texto introdutório, no

qual me apresentava, delineava os objetivos da minha pesquisa e solicitava a realização de uma entrevista via videoconferência. Com o texto finalizado, criei um endereço de e-mail exclusivo para a pesquisa e enviei individualmente as solicitações a cada político.

Após alguns dias, confirmou-se meu receio: de um total de 270 e-mails enviados, apenas 31 receberam resposta, representando uma taxa de resposta de meros 11,5%. Na maioria dos casos, as respostas foram intermediadas por funcionários dos gabinetes dos políticos almejados para entrevista.

As respostas variaram, incluindo sugestões de outros e-mails mais apropriados para esse tipo de contato, números de telefone de assessores responsáveis pela agenda, pedidos para contato em momentos mais oportunos, solicitações dos meus dados de contato para futuras tentativas de agendamento, além de recusas por variados motivos, tais como indisponibilidade de agenda, viagens ao interior, envolvimento em processos judiciais, alegações de falta de tempo e, em alguns casos, o cancelamento de entrevistas previamente encaminhadas ao descobrirem que a pesquisa integrava um estudo de doutorado em uma Universidade Federal.

No total, foram realizadas seis entrevistas: cinco com deputados estaduais e uma com um deputado federal, com igual representação dos partidos NOVO e PSL. Entre os entrevistados, estavam dois gaúchos, um catarinense, um paranaense e dois cariocas. A seguir, apresentarei uma descrição detalhada de cada um deles.

O deputado estadual paranaense, Missionário Ricardo Arruda, apresenta um perfil multifacetado, caracterizado por uma trajetória que transita entre o setor financeiro e a esfera política. Antes de ingressar na política, Arruda trabalhou no ramo das finanças, tendo sido presidente de banco, uma experiência que moldou sua visão econômica. Casado e pai de dois filhos, ele já exerceu o cargo de suplente de deputado federal por um período de oito meses em 2013, demonstrando uma persistente presença na política nacional.

Reeleito em 2018 como deputado estadual do Paraná, Arruda expressa a percepção de que sua atuação na assembleia estadual permite uma maior agilidade na aprovação de leis voltadas ao benefício da população. Ele considera a possibilidade de se candidatar novamente ao cargo estadual nas

próximas eleições, mas permanece aberto às recomendações de seu grupo político, que pode incentivá-lo a buscar uma cadeira federal. No entanto, Arruda manifesta um desejo particular de um dia ocupar o cargo de senador, uma função que, em sua visão, carece de proatividade, com senadores que ele acredita se acomodarem durante o mandato de oito anos. Como senador, ele aspira a exercer um papel mais ativo na contenção do Supremo Tribunal Federal (STF), ao qual se refere criticamente.

A entrada de Arruda na política foi impulsionada por um convite de sua igreja evangélica, refletindo seu alinhamento com valores conservadores e uma postura liberal em termos econômicos. Demonstrando um pragmatismo partidário, ele já transitou por legendas como DEM, PSC, PATRIOTAS e PSL, destacando que sua filiação ao PSL se deu em grande parte pelo apoio ao presidente Jair Bolsonaro. Arruda reconhece o impacto significativo de Bolsonaro nas eleições de 2018, quando muitos deputados foram eleitos sob sua influência.

Em suas declarações, Arruda advoga por um sistema eleitoral onde o voto não seja obrigatório, alinhando-se com práticas observadas em países desenvolvidos. Ele se posiciona contra o fundo partidário e argumenta que a esquerda política utiliza uma estratégia de divisão social para a obtenção de votos. Sua retórica inclui críticas ao que descreve como uma "ditadura do judiciário" e atribui a má gestão da pandemia de COVID-19 aos gestores estaduais e municipais, além de criticar o STF por limitar as ações de Bolsonaro.

O deputado também compartilha uma narrativa pessoal sobre sua viagem à China, destacando o controle social observado, mas reconhecendo a abertura do mercado chinês. Fiel ao ideário bolsonarista, Arruda defende a privatização e acredita na eficácia de Bolsonaro no combate à violência e à corrupção, expressando apoio à operação Lava Jato. Ele se posiciona contra qualquer tipo de política de cotas, reafirmando seu compromisso com princípios meritocráticos.

Passando agora a um outro protagonista do cenário político, exploraremos as trajetórias e visões de outro deputado, cuja atuação e posicionamentos oferecem uma perspectiva complementar e, em certos

aspectos, contrastante. Essa análise permitirá um aprofundamento na diversidade interna dos partidos e movimentos que compõem a nova direita no Brasil.

O deputado estadual Rodrigo Amorim, representante do estado do Rio de Janeiro, emergiu como uma figura de destaque no cenário político brasileiro, marcado por posições firmes e um histórico de ações que não passam despercebidas. Em seu primeiro mandato, Amorim, aos 42 anos, traz consigo uma trajetória que transita entre o direito e a política, sendo advogado de formação e residente do bairro da Tijuca. Sua carreira política é caracterizada por uma série de filiações partidárias, incluindo passagens pelo PSL, PTN, PRP e novamente PSL, refletindo um pragmatismo político moldado pelas dinâmicas partidárias contemporâneas.

Amorim ganhou notoriedade nacional ao protagonizar, ao lado do deputado federal Daniel Silveira, o ato simbólico de quebrar a placa em homenagem à vereadora Marielle Franco, um gesto que reverberou intensamente no debate público. Em 2018, destacou-se como o deputado estadual mais votado no Rio de Janeiro, consolidando sua influência política. Sua proximidade com a família Bolsonaro é evidenciada por sua candidatura a vice-prefeito do Rio de Janeiro na chapa liderada por Flávio Bolsonaro em 2020, com quem mantém uma relação de amizade.

O deputado carioca expressa uma visão crítica em relação aos movimentos sociais, que, segundo ele, estão dominados por uma inclinação esquerdistas, assim como instituições regionais como o MERCOSUL. Apesar de seu alinhamento com a nova direita, Amorim defende estruturas eleitorais tradicionais, como a existência de partidos políticos e a realização de eleições proporcionais, além de apoiar o voto obrigatório e a possibilidade de reeleição, posicionando-se contra a tendência de coletivos e em oposição a grupos como o PSOL.

Amorim também vê diferenças significativas entre a esquerda tradicional e a chamada esquerda identitária, ressaltando tensões internas no espectro político oposto. A entrevista com o deputado ocorreu em um contexto de alta tensão no Rio de Janeiro, próximo ao momento em que a operação policial no Jacarezinho resultou na morte de 28 pessoas, um evento que destacou ainda

mais as complexas relações entre segurança pública e direitos humanos no estado.

Avançando na análise de outro protagonista do cenário político, direcionamos nosso foco para o catarinense Sargento Lima cuja atuação e posicionamentos fornecem uma perspectiva que, ao mesmo tempo, complementa e contrasta com outras figuras examinadas neste trabalho.

O deputado estadual Sargento Lima, representante de Santa Catarina, emergiu na cena política como uma figura emblemática do conservadorismo e do bolsonarismo no estado. Nascido em Belo Horizonte, Lima, aos 49 anos, traz consigo uma trajetória marcada por sua carreira na Polícia Militar, onde alcançou a patente de sargento da reserva. Em 2018, lançou-se na arena política e conquistou seu primeiro mandato na Assembleia Legislativa de Santa Catarina, destacando-se já em sua estreia eleitoral.

Inicialmente filiado ao PSL, partido pelo qual foi eleito, Lima enfrentou perseguições políticas internas, o que o levou a migrar para o PL, uma legenda que ele descreve como alinhada às diretrizes bolsonaristas no estado, sob a liderança do então senador e atual governador de Santa Catarina Jorginho Mello, que teve papel de destaque na CPI da COVID-19. Seu reduto eleitoral é a cidade de Joinville, onde goza de forte apoio popular. Como instrutor de tiro e defensor de movimentos de direita, Lima adota uma postura armamentista e mantém uma relação tangencial com setores religiosos.

Conhecido como "deputado do Bolsonaro", Lima reflete a fidelidade à figura presidencial, ao ponto de aguardar a escolha partidária de Jair Bolsonaro para definir sua própria filiação. Sua retórica política é marcada por uma crítica contundente à esquerda brasileira, que ele desqualifica ao afirmar que "no Brasil não tem esquerda, tem bandido", e identifica o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso como o "pai da esquerda".

Sargento Lima destaca-se por sua eficiência fiscal, figurando como o segundo deputado estadual que menos gastou no Brasil, com despesas aproximadas de cinco mil reais. Ele utiliza as redes sociais de forma estratégica, valorizando-as como plataformas que amplificam vozes até então silenciadas, inclusive as das "tiazinhas do zap", como carinhosamente se refere à sua mãe, apelidando-a de "Ustra de saia".

Defensor fervoroso da privatização, Lima defende a ideia de privatizar até mesmo instituições como a polícia. No entanto, reconhece o mérito do Sistema Único de Saúde (SUS) em suas operações, mesmo que em meio a dificuldades advindas de relações com atores que ele considera pilantras. Em sua narrativa, Lima critica figuras políticas como João Doria, Alexandre Frota e Joice Hasselmann, a quem acusa de traição ao abandonar o projeto bolsonarista. Com um estilo comunicativo caracterizado pelo uso de ironia e humor, Lima expressa a crença de que a esquerda cria o caos, enquanto o centrão se aproveita desse caos para praticar corrupção

A análise dos perfis dos deputados Rodrigo Amorim, Sargento Lima e Missionário Ricardo Arruda revela uma impressionante diversidade de trajetórias e posições dentro do espectro político da nova direita brasileira. Embora os três compartilhem um alinhamento ideológico próximo ao bolsonarismo e manifestem críticas severas à esquerda, suas experiências e abordagens diferem em aspectos notáveis. Amorim, com sua formação em direito e atuação no Rio de Janeiro, é conhecido por gestos simbólicos que polarizam o debate público, como o episódio da quebra da placa de Marielle Franco. Em contraste, Lima traz uma perspectiva moldada por sua formação militar e sua atuação em Santa Catarina, enfatizando a eficiência fiscal e o uso estratégico das redes sociais.

Missionário Ricardo Arruda, por sua vez, oferece uma visão enraizada em valores conservadores, com uma forte influência de sua igreja evangélica e uma abordagem liberal na economia. Sua atuação no Paraná destaca-se pela facilidade em aprovar leis e sua crítica ao que considera uma "ditadura do judiciário".

Todos os três deputados demonstram um compromisso com a agenda bolsonarista, mas suas narrativas e estilos de comunicação refletem as particularidades de suas regiões e contextos pessoais. Amorim, com suas conexões próximas à família Bolsonaro e sua atuação em um estado marcado por complexas dinâmicas sociais e de segurança pública, contrasta com Lima, cuja experiência na Polícia Militar e sua base eleitoral em Joinville reforçam uma visão pragmática e direta. Arruda, por outro lado, com sua atuação centrada no Paraná, traz uma perspectiva que combina conservadorismo social

com liberalismo econômico. Juntos, esses perfis ilustram a multiplicidade de vozes que compõem a nova direita, oferecendo uma visão rica e multifacetada sobre os desafios e as oportunidades que definem o atual cenário político brasileiro.

Prosseguiremos com a análise dos atores políticos que participaram das entrevistas, direcionando agora o foco para os representantes eleitos pelo Partido NOVO. Neste contexto, concentraremos nossa atenção nas trajetórias e posicionamentos do deputado federal carioca Paulo Ganime, bem como dos deputados estaduais gaúchos Fábio Osterman e Giuseppe Riesgo. A investigação desses indivíduos permitirá uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas e princípios que orientam o Partido NOVO, contribuindo para uma análise abrangente das forças políticas emergentes no cenário brasileiro contemporâneo.

Giuseppe Meneghetti Riesgo é uma figura proeminente no cenário político do Rio Grande do Sul, tendo nascido em 1995 na cidade de Santa Maria. Formado em Direito e identificado com princípios liberais, Riesgo construiu sua carreira política no Partido NOVO, destacando-se por sua defesa incisiva da meritocracia e do empreendedorismo. Durante seu mandato como deputado estadual, iniciado em 2018, ele se destacou por adotar uma postura de austeridade fiscal, recusando-se a utilizar benefícios tradicionais, como diárias e motorista.

Sua atuação parlamentar foi marcada por uma agenda de redução de impostos e busca por maior eficiência estatal, promovendo parcerias com a iniciativa privada como meio de otimizar os serviços públicos. Riesgo, que também tem um histórico como membro da Ordem DeMolay, utilizou essa plataforma para promover valores de liderança e responsabilidade. Após não ser reeleito em 2022, ele continuou sua trajetória política como chefe de gabinete do deputado federal Marcel van Hattem e, em 2025, assumiu o papel de Secretário Municipal de Parcerias em Porto Alegre, onde lidera iniciativas de parcerias público-privadas. Sua filiação ao Partido NOVO desde 2017 reflete um compromisso contínuo com ideais de liberalismo econômico e renovação política.

A trajetória política de Giuseppe Riesgo e Fábio Ostermann – que

também integra o grupo de entrevistados nessa pesquisa – no Rio Grande do Sul apresenta um interessante paralelo dentro do espectro liberal do Partido NOVO. Ambos compartilham um compromisso com o liberalismo econômico e a promoção de políticas de eficiência estatal, embora suas origens e experiências ofereçam matizes distintos à sua atuação política. Riesgo, nascido em Santa Maria em 1995, emergiu como uma força jovem na política estadual, trazendo consigo uma visão ancorada na meritocracia e no empreendedorismo, refletindo sua formação em Direito e sua filiação à Ordem DeMolay.

Por outro lado, Fábio Ostermann, nascido em 1984 em Porto Alegre, combina uma trajetória acadêmica robusta com uma experiência rica em movimentos políticos liberais. Mestre em Ciência Política, Ostermann foi um dos fundadores do Movimento Brasil Livre (MBL) e é membro do Instituto de Estudos Empresariais (IEE). Sua jornada política incluiu uma candidatura à prefeitura em 2016 e um mandato como deputado estadual, onde defendeu reformas estatais e a livre iniciativa. Curiosamente, Ostermann começou sua vida política com uma inclinação à esquerda, tendo votado em Lula em 2002, mas evoluiu para um defensor fervoroso do liberalismo, refletindo uma transformação ideológica significativa. Ambos os deputados, apesar de suas diferenças de trajetória e experiência, convergem na defesa de um estado mais enxuto e na promoção de um ambiente propício ao desenvolvimento econômico, ilustrando a diversidade e a complexidade das vozes dentro do Partido NOVO.

Atualmente, Fábio Ostermann continua sua trajetória política filiado ao Partido Novo, embora não ocupe um cargo eletivo desde o término de seu mandato como deputado estadual pelo Rio Grande do Sul e a tentativa frustrada de se eleger deputado federal nas eleições de 2022. Ostermann está em fase de preparação para retornar à arena eleitoral como candidato a deputado federal nas eleições de 2026. Durante o período fora de cargos eletivos, ele se dedicou ao aprimoramento acadêmico, concluindo um mestrado em Administração Pública na prestigiada Escola de Governo de Harvard, nos Estados Unidos. Nesse ínterim, Ostermann assumiu a Secretaria Nacional de Assuntos Institucionais do Partido Novo, onde desempenha um papel crucial na modernização do estatuto partidário e na estruturação de novos diretórios. Sua

atuação contínua no cenário político visa fortalecer o Partido Novo como uma referência em ética e competência técnica, refletindo seu compromisso com a renovação política e a promoção de uma gestão pública eficiente e transparente.

Prosseguindo com a análise do último entrevistado em nossa amostra, destacamos o deputado federal carioca Paulo Ganime, que se sobressai como o único representante federal dentre os parlamentares estudados. Sua atuação e seus posicionamentos proporcionam uma perspectiva distintiva, que tanto complementa quanto contrasta com as demais figuras previamente investigadas neste estudo. Essa singularidade é fundamental para enriquecer a compreensão das complexas dinâmicas políticas vigentes, evidenciando as diversas abordagens e estratégias adotadas por diferentes atores no cenário político atual.

Paulo Gustavo Ganime Alves Teixeira, nascido em 19 de abril de 1983 no Rio de Janeiro, construiu uma trajetória notável tanto na esfera privada quanto na política brasileira. Com formação em Engenharia de Produção pelo Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio de Janeiro (CEFET-RJ) em 2005, Ganime também concluiu um MBA pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC Rio) em 2009. Sua carreira profissional teve início na iniciativa privada, destacando-se suas experiências internacionais na Michelin, onde trabalhou na França e nos Estados Unidos, adquirindo uma visão global e uma sólida base em gestão e produção.

A entrada de Paulo Ganime na política ocorreu em 2015, quando se filiou ao Partido Novo (NOVO), uma sigla conhecida por promover ideias de renovação política e eficiência da gestão pública. Em 2018, conquistou uma vaga como deputado federal pelo Rio de Janeiro, obtendo 52.983 votos. Durante seu mandato, de 2019 a 2023, destacou-se por sua liderança, ocupando o posto de líder da bancada do NOVO na Câmara dos Deputados em 2020 e novamente no segundo semestre de 2021. Sua atuação parlamentar foi marcada pela defesa de pautas como desenvolvimento econômico, empreendedorismo, inovação, segurança pública, energia e bioeconomia, áreas que refletem sua formação e experiência prévias.

Em 2022, Paulo Ganime lançou-se como candidato ao governo do Rio

de Janeiro, uma tentativa de expandir sua influência política e implementar suas ideias a nível estadual. No entanto, terminou em 4º lugar, com 5,31% dos votos, um resultado que, embora não vitorioso, consolidou sua presença no cenário político fluminense. Após o término de seu mandato como deputado, Ganime não se afastou do debate público, tornando-se proprietário do portal Boletim da Liberdade em 2023, uma plataforma voltada para a disseminação de ideias liberais e de livre mercado.

Atualmente, Paulo Ganime não ocupa um cargo eletivo, mas continua a influenciar o debate público e econômico no Brasil. Em 2024, assumiu o cargo de CEO do Grupo Lance! (jornal esportivo brasileiro, conhecido por sua cobertura de futebol e outros esportes, que atualmente opera principalmente online), expandindo sua atuação para o setor de comunicação e mídia. No contexto partidário, ele permanece filiado ao Partido Novo, alinhado com suas diretrizes de renovação política e gestão pública eficaz. Essa combinação de experiências na esfera privada e pública confere a Ganime uma posição de destaque como um defensor consistente de políticas que promovem a inovação e o empreendedorismo no Brasil.

A análise das entrevistas conduzidas com os atores políticos selecionados neste estudo revela a complexidade e a diversidade das forças que compõem a nova direita brasileira, representada pelos partidos PSL e NOVO. A escolha metodológica de focalizar nas eleições de 2018, um ponto de inflexão na política nacional, permitiu capturar as dinâmicas emergentes e os paradigmas ideológicos que definem o cenário atual. Ao examinar as trajetórias de figuras como Missionário Ricardo Arruda, Rodrigo Amorim, Sargento Lima, Fábio Ostermann, Giuseppe Riesgo e Paulo Ganime, emergem padrões de pragmatismo político, alinhamentos ideológicos ao bolsonarismo, e uma defesa fervorosa de políticas econômicas liberais.

Esses parlamentares, apesar de suas diferenças regionais e pessoais, compartilham um compromisso comum com a renovação política e a crítica às estruturas estabelecidas, especialmente em relação à esquerda política e ao sistema judiciário. Suas narrativas revelam uma desilusão com a política tradicional e uma busca por eficiência e inovação. No entanto, suas abordagens variam significativamente, refletindo as particularidades de suas

carreiras e contextos locais.

O estudo também destaca o papel central que a comunicação estratégica, especialmente através das redes sociais, desempenha na amplificação de suas vozes e na mobilização de suas bases eleitorais. O uso de plataformas digitais para interagir com eleitores e promover agendas políticas é uma característica distintiva dessa nova geração de líderes políticos.

A nova direita brasileira, apesar de suas conquistas em termos de representação e influência, enfrenta desafios significativos em termos de coesão interna e formulação de uma agenda política consistente. O futuro político desses atores dependerá de sua capacidade de navegar as tensões internas e externas, enquanto articulam uma visão que ressoe com um eleitorado em constante evolução. A análise dos perfis e trajetórias desses parlamentares fornece insights valiosos para a compreensão das dinâmicas políticas contemporâneas do Brasil, oferecendo um panorama abrangente das forças que moldam o cenário político atual e futuro.

4.1 A recorrência de palavras típicas do léxico dos representantes como “público” e “política” ao longo das entrevistas.

Uma análise mais profunda nos permite observar em qual contexto as palavras mais frequentes foram empregadas durante as entrevistas. Como por exemplo, o caso da palavra Público, que foi utilizada algumas vezes nas entrevistas para associar o tema da corrupção com a esquerda, como fica evidente na fala do Sargento Lima de Santa Catarina:

“Eu não dou um nome bonito pra isso não, corrupção, é furto mesmo, é roubo, é você montar todo um esquema organizado com quadrilha, enfim, para poder é saquear os cofres **públicos**, o que é uma pratica normal né, dentro da esquerda.” (**Sargento Lima, deputado estadual, PSL – SC, abril de 2021**)

Também podemos perceber o uso da palavra público na tentativa de criticar a “velha política” e exaltar o suposto novo modelo de se fazer política que os entrevistados se identificam. Como podemos perceber nos trechos retirados das entrevistas realizadas com Ricardo Arruda do Paraná e Giuseppe

Riesgo do Rio Grande do Sul, atualmente deputado estadual e ex-deputado estadual, respectivamente.

“cara eu acho errado, porque que a gente tem que usar dinheiro público pra eleger um político? E geralmente o político que vai receber esse dinheiro é o da velha política que é o cara mais forte do partido. Então vão usar o dinheiro do povo pra eleger o que o povo não quer. É vergonhoso usar dinheiro público em campanha, então eu sou totalmente contra isso ai.” (**Missionário Ricardo Arruda, deputado estadual, PSL – PR, 15 de abril de 2021**).

“Ai eu conheci o partido novo, que é o partido que veio para tentar colocar pessoas comuns na política, pessoas que estão na sua vida privada e desgostosas com o rumo que a política ta rumando e tentando fazer alguma coisa diferente, com ideia clara de liberdade econômica com ideia clara de menos intervenção estatal na vida do cidadão, com menos é, menos politicagem, menos usar dinheiro público para se beneficiar, questão de usar a próprio maquina pro benefício próprio. Porque o tradicional é políticos que usavam a máquina para benefícios próprios.” (**Giuseppe Riesgo, deputado estadual, NOVO – RS, 25 de outubro de 2021**).

Outra palavra que teve bastante destaque é política, que por sua vez foi utilizada em diversos contextos, seja para se dizer um político profissional, descrever o motivo que o levou a entrar na política, para críticas o modelo de política externa adotado pelo governo Bolsonaro ou no contexto de políticas públicas, como ilustrado nos trechos a seguir.

“Hoje eu me considero um político profissional sim. Que trabalha com isso, acordo de manhã pensando em política e vou dormir pensando em política” (**Sargento Lima, deputado estadual, PSL – SC, abril de 2021**)

“Eu sempre me interessei por política, desde cedo, só que eu não tinha uma aspiração de ser candidato, tão cedo né. Eu sempre achei que a política não era um lugar pra gente, sempre não, mas como muitos brasileiros achava que a política não era um lugar para pessoas honestas. Achava que a política não era o lugar certo para pessoas honestas que queriam fazer a diferença” (**Fábio Osterman, deputado**

estadual, NOVO – RS, 30 de setembro de 2021).

“Política externa foi muito ruim, a gente teve um ministro fraco por um período, as falas do presidente e de alguns ministros não contribuíram a contento e mesmo que eu concorde as vezes com o que ele fala ou discorde da crítica, mas a forma como ele fez sempre foi muito ruim.”

(Paulo Ganime, deputado federal, NOVO – RJ, 21 de junho de 2022).

“A gente viveu uma escravatura até cento e poucos anos atrás apenas nós tínhamos escravos no Brasil, claro que para que os negros escravizados possam ascender as camadas sociais a gente leva tempo, não é de um dia para outro, ou da noite pro dia, claro que esse processo é um processo traumático, claro que existe fruto da nossa própria história racismo no Brasil, que precisa ser combatido, que precisa de políticas públicas contra o racismo. Porém, entretanto, nos nunca jamais vivemos um apartheid como outros países viveram, então, ao invés de buscar uma política pública que promova o combate ao racismo esses partidos tentam botar gasolina no incêndio, tentam cada vez abrir dicotomias no Brasil com uma narrativa colocando contra os próprios brasileiros, negros contra brancos, homossexuais contra heterossexuais, gordos contra, obesos contra magros, mulheres contra homens, eles tentam primeiro classificar os brasileiros e colocar uns contra os outros o tempo inteiro.” **(Rodrigo Amorim, deputado estadual, PSL-RJ, 6 de maio de 2021)**

4.2 Termos que refletem a dualidade entre nova e velha política.

Também foram muito proferidas palavras como mudança, reforma e velha. Na grande maioria dos casos com o objetivo de questionar a estrutura da política tradicional em detrimento da exaltação do que supostamente seria um novo modelo de fazer política.

“cara a gente estava discutindo sobre isso essa semana também, e também sobre voto distrital, enfim um monte de coisas. Que precisa de uma reforma política bacana o Brasil, precisa. Porque toda essa estrutura política que ta montada nos moldes como está aqui, você vai

precisar de um fenômeno Bolsonaro pra eleger um sargento lima novamente. Se não for assim não se elege" (**Sargento Lima, deputado estadual, PSL – SC, abril de 2021**).

"O governador Witzel que tinha um discurso ali de um político é que vinha da magistratura federal, em tempos de lava-jato, em tempos de protagonismo da magistratura federal, a gente elege um governador que estava naquele momento alinhado com discurso de mudança com valores conservadores e conseguiu trafegar nessa onda, nessa polarização ideológica e que a vontade das urnas deixou isso muito claro, com esse resultado avassalador, com esse resultado expressivo, e acabou por eleger essa grande vitória, nos dar essa grande vitória" (**Rodrigo Amorim, deputado estadual, PSL-RJ, 6 de maio de 2021**).

A defesa das privatizações também fez parte dos contextos em que palavras como "reforma" estavam inseridas.

"Nós queremos privatizações dessas empresas que são problemas financeiros graves que precisam de um choque de gestão enorme, nós precisamos de reformas estruturais do estado que está com muito gasto e pouca receita, precisa de um choque e mudar isso aí, a gente precisa de abertura comercial e abertura econômica, resolver o problema do ICMS que estava aumentando temporariamente e ainda está" (**Giuseppe Riesgo, deputado estadual, NOVO – RS, 25 de outubro de 2021**)

O tema da novidade emergiu com destaque, à medida que os entrevistados se apresentavam como a grande inovação, capaz de enfrentar e superar a política tradicional e seus vícios.

"Eu escolhi o partido, na verdade eu era na época, eu tinha o mandato, o mandato anterior eu assumi o patriota, era presidente do patriota aqui no Paraná. A gente tava alinhado com os ideais, com as bandeiras do Bolsonaro também, aí ele mudou de partido, aí eu acabei mudando, mas porque a gente tava seguindo essa linha de uma nova política, o que ele prega e o que ele tem feito." (**Missionário Ricardo Arruda, deputado estadual, PSL – PR, 15 de abril de 2021**).

“Um histórico de corrupção muito forte, e a gente tinha tudo pra quebrar, já ta quebrado uma hora dessa já, se não fosse a gente ter eleito ai o meu presidente o Bolsonaro, se a gente não ter... enfim, infelizmente eu vejo um senado federal lá, é muitas pessoas que arregaram, não firmaram compromisso até o final, não honraram o compromisso deles, ser político no Brasil é uma coisa muito difícil pq você tem que ta preocupação o tempo todo, eu vi os outros políticos preocupados em aparelhar as coisas, um deputado ele tinha que ter indicações de secretarias é, enfim, nunca concordei com isso, então foi mais ou menos nessa batida que eu entrei mesmo na política ai.” (**Sargento Lima, deputado estadual, PSL – SC, abril de 2021**).

4.3 Contrastes entre formalidade técnica e expressividade impactante nas comunicações políticas.

Uma característica importante sobre os deputados entrevistados que pode ser extraída das análises das entrevistas é sobre a linguagem empregada. Os políticos do partido NOVO utilizavam uma linguagem mais técnica e mais polida, ao passo que os entrevistados que foram eleitos pelo PSL utilizavam um tipo de linguagem mais próxima do que Rocha (2018) observou em sua tese sobre os contrapúblicos de direita formados na internet, um linguajar mais agressivo e carregado de expressões e frases de impacto, que eventualmente podem não ser visto como adequado a um representante. Um exemplo que ficou claro foi quando o entrevistado era perguntado sobre movimentos sociais:

“cara, quando você coloca, movimentos, movimentos ali dentro ali. É de um contexto você tem que dizer assim “a beleza se o Brasil tivesse lá cento e poucos anos atrás, que acabou de ser liberado lá. Princesa Isabel acabou de falar assim: acabou a escravidão no Brasil” aí eu acreditaria que você deveria trabalhar pela inserção novamente dessas pessoas, está lá o sujeito que ele é reduzido em condição análoga a escravidão, você tem que colocar ele de volta na sociedade. Dar as mesmas condições dar a mesma escola, tudo isso, você tinha que, aí

sim. Mas fala assim: ó beleza, luta trabalhista, bicho, 8 horas por dia? 40 horas semanal? décimo terceiro? Férias? licença maternidade? Licença paternidade? O que mais que o sujeito quer? Ele quer o que mais? Um décimo quarto ou quinto? você ta vendo que a economia indo pro buraco você quer mais o que? Que tipo de aumento? São absurdos se você parar pra pensar, igual eu falei se fosse durante a revolução industrial lá na Europa que uma criança fica 14h numa mina de carvão cavucando ali dentro? Beleza. Pô para com isso, vamos trazer esses caras pra cá de volta. Movimentos LGBT? Cara e se eu fizer um movimento hetero? Sabe? Pra mim é obvio é divertido se eles se divertem com isso lá, façam à vontade, desde que não seja financiado com dinheiro público pode ter movimento LGBT, movimento BMW, movimento sei lá, poder brasileiro de trator, pode fazer o que for. Esses dias eu estava conversando com um amigo meu. Agora que eu me identifico com o gênero helicóptero apache, agora não sou mais humano sou um helicóptero apache. Beleza, mas desde que você não faça isso com dinheiro público, esse dinheiro está fazendo falta em outro lugar, ta fazendo falta.” (**Sargento Lima, deputado estadual, PSL – SC, abril de 2021**)

“Mas já era esperado que no governo de direita que a gente defende esses valores ia ficar ruim pros outros valores, tanto é o que os movimentos de cadeieiro tudo, é a favor do PT, é faixinha Bolsonaro fora, por que será né? então tá muito claro isso né, o partido de esquerda o que ele quer? Ele abraçou todo mundo. Primeiro ele separa, ele segmenta a sociedade como foi feito no Brasil. Branco x negro, hétero x homo. Nunca teve isso no Brasil, conseguir segmentar que era um dos objetivos do foro de São Paulo, aí ele pega todo mundo, esparrama e fala “eu apoio todo mundo”, “enquanto aquele cara não gosta de você, pra mim pode vir”. É tudo com o objetivo de voto e de poder” (**Missionário Ricardo Arruda, deputado estadual, PSL – PR, 15 de abril de 2021**).

Ao passo que, como nos exemplos a seguir, os entrevistados do partido NOVO utilizam um vocabulário mais polido, mesmo diante de um cenário de

indignação.

Não venho de família de políticos, sou a primeira pessoa da minha família a se filiar a um partido político. Mas eu resolvi, sempre me interessei por entender de que forma eu poderia ajudar a resolver os problemas do mundo e melhorar a vida das pessoas. E sempre me aviltou e me incomodou muito ver que eu tinha acesso a uma serie de oportunidades e boa parte, a maioria das crianças e jovens do país não tinham. (**Fábio Osterman, deputado estadual, NOVO – RS, 30 de setembro de 2021**)

Acho que o maior problema do governo nessa estratégia da pandemia, os dois maiores foram, o discurso ideológico que deveria ser técnico, acabou gerando confusão e até mesmo as medidas contrárias ao governo que foram ruins, foram também na minha opinião, provocadas por um exagero do presidente, principalmente. Em termos de discursos. “gripinha pá pá e tudo mais”, isso pra mim ao invés de estar no centro da discussão a gente foi pros extremos, o que provocou, na minha opinião um resultado ruim. Agora, a segunda questão foi realmente o atraso na compra de vacinas. (**Paulo Ganime, deputado federal, NOVO – RJ, 21 de junho de 2022**).

4.4 Alinhamentos e Divergências: A relação dos deputados do PSL e do partido NOVO com Jair Bolsonaro.

Uma diferença perceptível entre as entrevistas se deu na relação entre os deputados entrevistados e o Presidente Jair Bolsonaro. Entre os pertencentes ao PSL ficou claro o apoio incondicional ao Governo Federal, o que de certa forma já era esperado, apesar das entrevistas terem sido realizados em momento posterior a saída de Bolsonaro do PSL. Já os entrevistados do Partido NOVO eram capazes de criticar nosso ex-presidente quanto a questões relacionadas a pandemia e até mesmo o seu despreparo, mas quando o assunto foi o segundo turno das eleições de 2018 ficou claro a preferência por Jair Bolsonaro em detrimento de seu adversário petista.

“Sempre tive a pior impressão possível, sempre me pareceu um ser

extremamente limitado, defensor daquilo que a de pior na política, nunca me pareceu que traria nada de bom pra, até que eu abandonei o partido pra não correr o risco de estar no mesmo partido com ele. Se eu simplesmente tivesse interesse de me eleger a qualquer custo eu teria ficado no partido (PSL) eu era o presidente estadual do partido, era membro da executiva nacional, era relator da comissão de ética nacional do partido. Mas acho que tem coisas que valem, são mais importantes do que simplesmente ganhar votos né, então eu abandonei o partido”.

(Fábio Osterman, deputado estadual, NOVO – RS, 30 de setembro de 2021)

“Olha o governo Bolsonaro foi o, foi o governo que até o momento mais investiu em saúde pública, é porque é óbvio que tem aquela porcentagem obrigatória de investimento na saúde, aí eles votaram lá, teve que votar no congresso pra mudar porque estava com muito dinheiro então nunca teve tanto dinheiro investido na saúde como tá tendo agora, o problema como sempre é o dinheiro chegar na saúde. Porque se tivesse na mão do governo federal com certeza estaria muito melhor a gestão do dinheiro, porque se não fiscalizar o dinheiro e não fizer corretamente, mas o STF mais uma vez se intrometeu e falou que não, agora tamo aí. Foi bilhões colocado e nos vimos poucas melhorias na saúde pública, então esse é o grande erro. O governo Bolsonaro tem agido corretamente o problema e que não deixam o homem governar né” **(Missionário Ricardo Arruda, deputado estadual, PSL – PR, 15 de abril de 2021).**

“Olha, o presidente Bolsonaro tá aqui permanentemente no gabinete da assembleia legislativa (apontando para o quadro do Jair Bolsonaro na parede), entre a bandeira do Brasil e a bandeira do RJ, fotografia do presidente Bolsonaro, a camisa da nossa seleção brasileira e ali ao fundo a foto do senador Flávio Bolsonaro acima do meu diploma de deputado estadual. Uma referência que eu devo a ele essa eleição.”
(Rodrigo Amorim, deputado estadual, PSL-RJ, 6 de maio de 2021)

“Entre o PT que eu já sei que é uma coisa muito ruim que vai prejudicar

o país fortemente, tivemos os mais diversos problemas que eu tenho certeza que vai ser muito ruim e o Bolsonaro que tá se propondo a ser diferente eu vou no Bolsonaro, mas não é uma campanha efusiva que eu vou fazer, não é isso. É entre um ou outro eu vou nesse aqui, mas não vou fazer campanha na rua.” **(Giuseppe Riesgo, deputado estadual, NOVO – RS, 25 de outubro de 2021)**

No contexto político brasileiro contemporâneo, o bolsonarismo emerge como um fenômeno complexo que combina elementos de conservadorismo moral, nacionalismo e um discurso populista. Segundo Singer (2021), o bolsonarismo pode ser entendido como uma resposta ao descontentamento popular com a política tradicional e à corrupção, apresentando Jair Bolsonaro como um outsider capaz de representar a "nova política". O autor destaca que essa ideologia se distingue por seu apelo à ordem e à segurança, além da aversão à esquerda, utilizando uma retórica que mobiliza emoções de medo e indignação entre a população. Assim, o bolsonarismo se configura como uma força significativa no cenário político atual, refletindo uma reconfiguração das dinâmicas de poder no Brasil.

4.5 Motivações Políticas: Descontentamento e a busca por renovação na trajetória dos deputados.

Além da aversão ao PT e a esquerda, outro ponto em comum entre os entrevistados foi a motivação para entrar na política. Em todos os casos o descontentamento com a política tradicional atrelado a ideia de que teriam qualidades suficientes para alterar esse quadro vigente estavam presentes.

“Olha se o país cair na unha da esquerda de novo talvez a gente não consiga se reerguer né? Eu tenho filho, eu tenho minha mãe, nós vivemos situação aí de outros países que não conseguem honrar os compromissos aí de pagar os aposentados né, tipo eles não conseguem honrar compromisso nenhum. Ai então tipo assim, ver a minha esposa, também falou assim olha, todo mundo tem que trabalhar na vida e a gente tava caminhando pra uma favelização do Brasil inteiro que não é justo com a gente tão trabalhador, que é o povo brasileiro, tão

trabalhador mesmo” (**Sargento Lima, deputado estadual, PSL – SC, abril de 2021**)

“Eu sempre me interessei por política, desde cedo, só que eu não tinha uma aspiração de ser candidato, tão cedo né. Eu sempre achei que a política não era um lugar pra gente, sempre não, mas como muitos brasileiros achava que a política não era um lugar para pessoas honestas. Achava que a política não era o lugar certo para pessoas honestas que queriam fazer a diferença. Não venho de família de políticos, sou a primeira pessoa da minha família a se filiar a um partido político. Mas eu resolvi, sempre me interessei por entender de que forma eu poderia ajudar a resolver os problemas do mundo e melhorar a vida das pessoas. E sempre me afeiou e me incomodou muito ver que eu tinha acesso a uma série de oportunidades e boa parte, a maioria das crianças e jovens do país não tinham” (**Fábio Osterman, deputado estadual, NOVO – RS, 30 de setembro de 2021**).

Conforme Schwarz (2019), existem paralelos significativos entre a vitória eleitoral de Jair Bolsonaro em 2018 e o golpe militar de 1964. Em ambos os eventos, um programa claramente alinhado ao capitalismo mobilizou, para sua efetivação, o substrato regressivo da sociedade brasileira, insatisfeita com a direção liberal que a civilização estava tomando.

4.6 Privatizações e Socialização Política: O impacto dos movimentos liberais.

A preferência pelas privatizações também foi ponto de convergência entre os entrevistados, por mais que os políticos pertencentes ao partido NOVO consideravam que o governo federal deveria se esforçar mais para acelerar a agenda de privatizações.

“Bom, sobre a população assim, eu acho que privatização já foi um tabu, uma palavra feia, hoje em dia não é mais tanto, as pessoas começaram a perceber que não é porque é estatal que é bom, não é porque é estatal que eu vou receber o serviço e não é porque é estatal que é meu. Na verdade estatal acaba sendo troco político, quando é privado eu sou cliente, eu posso cobrar o serviço melhor, é mais eficiente. Então

privatização passou a ser algo não tão feio como era antigamente, ainda bem né, a gente precisa de um mercado mais dinâmico que foque na concorrência com outras empresas e assim tentar adquirir os clientes e tentar beneficiar o cliente e não como uma empresa estatal que ta nem aí pro cliente muitas vezes. Então a população eu vejo que tem melhorado. Agora o governo federal infelizmente ainda tem aquela visão até do nacionalismo assim de que empresa estatal é nossa e etc., privatizaram quase nada para não dizer nada. Isso é uma grande deceção, um governo que dizia que ia privatizar um monte e não fez nada é uma deceção. Eu fiquei decepcionado porque eu acreditei no Paulo Guedes dizendo que ia vender um monte de empresa e assim a gente ia ter mais concorrência e tal o que no Brasil não tem. Então em termos de governo federal é decepcionante.” **(Giuseppe Riesgo, deputado estadual, NOVO – RS, 25 de outubro de 2021)**

“É algo importantíssimo pro país, vamos enxugar a máquina pública, acabar com esse cabide de emprego que tem, e arredar dinheiro, lógico que privatizar direito como estão fazendo agora, não como fizeram no governo Fernando Henrique né? Que vendeu (inaudível) algo desonesto, agora hoje sim ta fazendo uma política de privatização espetacular, eu concordo plenamente com isso aí. A política externa nossa melhorou muito, hoje a gente tem acordo com grandes países né. Antigamente não, era cuba, Venezuela, angola, Bolívia. Tudo os amigos dos amigos né. Tudo pros amigos e quem pagava conta eram nos. Punha dinheiro investia e fazia. Hoje não, tá algo muito profissional é e nós temos hoje na economia um cara que realmente tem a noção da economia mundial, o baita ministro, competente né. Então o Brasil ta no caminho certo.”

(Missionário Ricardo Arruda, deputado estadual, PSL – PR, 15 de abril de 2021)

Outra característica interessante que pode ser observada com as análises é a ligação dos entrevistados do partido NOVO com movimentos e organizações de cunho liberal. O que reforça a ideia de que tais organizações foram importantes para socializar politicamente boa parte do que vem sendo reconhecido como nova direita.

“Eu participei de movimentos liberais, que são movimentos sociais também né, mas não passa esse ponto de vista, que as vezes as palavras significam coisas diferentes de acordo com onde ela tá sendo colocado. Eu participei muito do movimento estudantil, movimento liberal. Students for liberty, que é os estudantes pela liberdade, um ??? farroupilha que é um grupo de estudantes que segue a linha de pensamento. Basicamente são esses os grupos assim de difusão de ideias que eu participo, de igreja não, nunca participei. É enfim, é isso.”
(Giuseppe Riesgo, deputado estadual, NOVO – RS, 25 de outubro de 2021)

“Em 2013 que veio aquelas, aquela loucura que foram as manifestações. E ai eu falei “pessoal, essas manifestações são importantes, mas a gente precisa focar em construir algo de concreto” na mesma época inclusive eu fundei o movimento Brasil livre, em 2013. Diferentemente do que dizem as pessoas que estão à frente do MBL, não foi fundado em 2014, na eleição da Dilma. Foi fundado em 2013, porque eu tinha alguns amigos em SP, recife e BH, para participar das manifestações de junho, enfim. Era um período de efervescência do pensamento liberal. **(Fábio Osterman, deputado estadual, NOVO – RS, 30 de setembro de 2021).**

A emergência da nova direita no Brasil, conforme detalhadamente analisada por Cepeda (2018) e Rocha (2018), revela o impacto profundo que os movimentos liberais têm exercido sobre a configuração do atual cenário político nacional. Cepeda (2018) aborda como esses movimentos têm sido protagonistas na promoção de uma agenda de reformas econômicas, cujo foco principal é a diminuição do papel do Estado na economia, com ênfase nas privatizações como instrumento essencial para impulsionar o crescimento econômico. Rocha (2018), por sua vez, investiga o processo de formação da nova direita brasileira, destacando a influência dos movimentos liberais na propagação de uma ideologia que prioriza o livre mercado e advoga pela redução da intervenção estatal nos assuntos econômicos e sociais. Ambos os

estudos convergem ao indicar que a socialização política promovida por esses movimentos liberais tem desempenhado um papel fundamental na legitimação e implementação de políticas que visam redefinir as funções do Estado em favor de uma economia mais aberta e liberalizada. Desta forma, a articulação dessas análises reforça a importância dos movimentos liberais na transformação do panorama político e econômico contemporâneo do Brasil, sublinhando seu papel na promoção de uma agenda política que busca alinhar o país com princípios de governança orientados pelo mercado.

4.7 Conservadores nos costumes e liberais na economia.

A amalgama entre ultraliberalismo e conservadorismo moral descrita por Rocha (2018) também é recorrente em alguns discursos.

“E conforme a gente vai estudando e entendendo um pouco as coisas eu me enquadrei perfeitamente nesse binômio, conservador no costume e liberal no campo econômico, mas defendendo como faço aqui na assembleia legislativa, a iniciativa privada, defendendo a menor intervenção do estado na economia, a iniciativa privada. Então eu me qualifico dessa forma, um conservador nos costumes, respeito as tradições, mas um liberal no campo econômico sobretudo”. (**Rodrigo Amorim, deputado estadual, PSL-RJ, 6 de maio de 2021**).

“eu sou conservador né, a gente defende muito os valores da família aqui, a economia é óbvio que somos liberais porque venho dessa área, não tem como ser diferente, na economia é liberal, mas a gente mantém os valores da família. Eu acho que tudo que se perdeu, tudo que a esquerda trabalhou pra tirar, pra tirar do conservadorismo, foi tudo errado né, eles tentavam primeiro fazer uma separação dos teus filhos com família, mudando costume, aquele libera geral. Libera droga, libera aborto, libera tudo que a gente é contra eles são a favor, então essa bandeira eu carrego e carrego forte aqui, eu sou deputado, aqui no Paraná a nível estadual, mais combatente da esquerda aqui sou eu, se a gente não combater a esquerda é muito organizada, eles pegam um tema todos os parlamentares da esquerda vão bater num tema, a direita

conservadora ainda não é, o centrão não ta muito preocupado com isso. Então a gente tem obrigação de defender nossas bandeiras né, se não vai se perder com o tempo” (**Missionário Ricardo Arruda, deputado estadual, PSL – PR, 15 de abril de 2021**).

4.8 A quarta onda de Mudde: Presenças e Ausências nas Perspectivas Brasileiras.

Temas típicos da quarta onda descritos por Mudde (2019), como por exemplo, segurança, corrupção, política estrangeira também estão presentes nas entrevistas, já questões como imigração (talvez por não ser uma questão no Brasil) e o poder das religiões não foram destacados pelos entrevistados.

“Investindo tanto na polícia federal para poder investigar realmente, e tem gente que fala “a mais acabou a lava jato”, acabou a lava jato porque a lava jato foi um divisor de águas no Brasil, realmente foi excelente o trabalho dela. Mas com o STF que a gente tem hoje em dia o que adianta? você trabalha aí 5 anos pra meter um bandido na cadeia aí o cara com uma canetinha lá e pronto. Pronto. Tinha que deixar a federal investigar e trabalhar e que as providencias sejam tomadas.” (**Missionário Ricardo Arruda, deputado estadual, PSL – PR, 15 de abril de 2021**).

“Agora em relação ao PSL eu enxergo que a maioria do PSL ele continuou sendo base de apoio do presidente. Porque justamente o que nos levou a eleição foi o aspecto conservador, o propósito da defesa incondicional das forças de seguranças e toda pauta que a gente defendeu em 2018 e essa pauta se manter independente da sigla.” (**Rodrigo Amorim, deputado estadual, PSL-RJ, 6 de maio de 2021**)

“O Brasil não tá de bem. Pô. Nós somos os maiores produtores aqui no sul de proteína animal, nosso mercado na Ásia e no oriente são os maiores compradores nosso. O Brasil ele tem muito mais a oferecer, isso eu consigo compreender. Só que o Brasil tem que aprender a colocar preço nas coisas dele. A partir do momento, o brasileiro tem essa síndrome do cachorro vagabundo, vira lata, as vezes ne? De não

colocar preço no que vende. Quando a gente estiver a ponto de ter uma tranquilidade política no país, uma economia bem estabilizada, é a hora de começar a colocar preço nas nossas coisas, é o que os outros países fazem mesmo. Você detém uma tecnologia, você faz o preço. Quando você tem abundância em determinado produto é você que faz o preço. E o Brasil, desde água, petróleo, grão, proteína animal, minérios. A ponto de conseguir mesmo dar um norte pro mercado internacional. Pra mim outros países existem como potenciais clientes do Brasil, assim que tem que se observar.” (**Sargento Lima, deputado estadual, PSL – SC, abril de 2021**).

“A política externa nossa melhorou muito, hoje a gente tem acordo com grandes países né. Antigamente não, era Cuba, Venezuela, Angola, Bolívia. Tudo os amigos dos amigos né. Tudo pros amigos e quem pagava conta era nós. Punha dinheiro, investia e fazia. Hoje não, ta algo muito profissional e nós temos hoje na economia um cara que realmente tem a noção da economia mundial, o baita ministro, competente né. Então o Brasil ta no caminho certo.” (**Missionário Ricardo Arruda, deputado estadual, PSL – PR, 15 de abril de 2021**).

“Como que vai combater a corrupção com um STF desses né, então tem que mudar lá em cima mesmo lá. O que mais favorece ao crime, seja ele de colarinho branco ou o crime a mão armada, que é a certeza da impunidade. A impunidade é vendida muito cara no Brasil, você tem, quando você olha que tem uma esposa de um ministro do STF que tem um escritório de advocacia do lado do STF, você já começa a ver que tipo de justiça nós temos no Brasil, quando você assiste uma audiência de custodia, você começa a pensar assim. “poxa vida e a vítima está tendo esse mesmo tipo de tratamento? Será que a vítima está recebendo tratamento psicológico, que acabou sofrer uma violência aqui. Quando você vê essas coisas acontecendo você começa a ver que a violência no Brasil é fruto da certeza da impunidade, não existe punição.” (**Sargento Lima, deputado estadual, PSL – SC, abril de 2021**).

“A corrupção, o Brasil me parece seguir sendo o país da impunidade

assim, a gente teve um momento da lava jato e tal, dizem que cometaram seus excessos, mas pouco. Muito ruim e muito preocupante serem anulados todos os processos. Agora tentaram aprovar a PEC da vingança no congresso nacional. Pra tirar o poder, horrível né. O fim da lava jato. Tudo isso é muito ruim, a mudança nas leis que vão afrouxando e atrasando o combate a corrupção" (**Giuseppe Riesgo, deputado estadual, NOVO – RS, 25 de outubro de 2021**).

"Acho que o combate a corrupção e a violência passam por um ponto chave que a certeza da punição. De morosidade, que acaba obviamente incentivando a atividade criminosa e a corrupção. Acho que teve uns avanços, mas ainda pequenos. O Brasil ainda tem a sensação, não injustificada, de que só vai pra cadeia quem é pobre, vai pra cadeia quem tem o azar de dar uma ruim e ser julgado e preso, só vai pra cadeia quem não tem um bom advogado e etc." (**Fábio Osterman, deputado estadual, NOVO – RS, 30 de setembro de 2021**).

"Combate a corrupção eu defendo um tripé. Ordem que compreende o combate a criminalidade, defesa incondicional das forças de segurança e o combate a corrupção. Segundo ponto do tripé a família, defesa incondicional da família, dos nossos valores, das nossas instituições e da nossa liberdade. E o terceiro ponto do tripé é o desenvolvimento econômico que pressupõe uma menor intervenção do estado na economia, obviamente favorecendo as privatizações, saímos agora de um modelo de concessão no saneamento da distribuição de água no Brasil inédito, o maior leilão de concessão da história do Brasil, 22 bi e 600 milhões de reais para o RJ que precisa muito nesse momento e mais do que isso o que faz com que a gente gradativamente termine com as tetas daqueles esquerdistas que mamam na teta do governo. Então sou um defensor das privatizações e das reformas estruturantes que o Brasil precisa. A política externa brasileira vai muito bem a partir do momento que valoriza o próprio Brasil como um agente forte num país preponderante no cenário que a gente vive na América latina, uma país continental, um país riquíssimo e que mercê exercer seu papel e seu lugar no cenário internacional. Eu sou contrário obviamente dessa

política globalizada, mas uma política que permite enaltecer as virtudes e as riquezas do próprio país e que estimule os acordos bilaterais entre as nações como o Brasil tem feito e adotado na sua política exterior.”

(Rodrigo Amorim, deputado estadual, PSL-RJ, 6 de maio de 2021)

Por essas falas é possível notar diferenças nas afirmações de políticos do PSL e do partido NOVO. O motivo para isso provavelmente é que o PSL é um partido de extrema direita e o NOVO pertence a direita radical, nos moldes que Cas Mudde (2019) considera em seu livro e já foi abordado em seções anteriores. Contudo, há uma divergência com relação à definição de direita radical adotada por Mudde (2019) e a que considero aqui como o partido NOVO sendo pertencente, que por mais que tenha o objetivo de emplacar radicalmente suas premissas de direita, respeitando o jogo democrático, vê com bons olhos pautas progressistas ligadas a liberdades individuais e identidade de gênero, desde que não tenha nenhum tipo de interferência do Estado, como pode ser observado nos trechos a seguir.

“Todo mundo tem legitimidade para defender suas pautas e suas ideias. Eu só vou combater quando a solução apresentada for diferente do que eu acredito. Normalmente a solução apresentada por esses grupos são mais interferência estatal, mais ação do governo, mais poder dos políticos, mais poder pro estado e isso não é o que eu acredito. Mas assim, se a luta for por respeito, por inserção, por tudo que todo mundo acredita que tem que ser feito não tem problema nenhum. Desde que não seja obrigado o governo a tirar dinheiro de um local e colocar no outro para beneficiar determinado grupo. Um exemplo “o grupo LGBT quer cotas para os concursos, ponto”. Aí tu começa a gerar grupos na sociedade, castas na sociedade que vão tá lá brigando. E quem vai criar o tribunal sexual para dizer que fulano é LGBT e fulano, não é? Quem que vai ser o juiz daquele caso pra desenhar a regra. Quem garante que não vai ter gente mentido que é uma coisa pra poder se beneficiar? Quem garante que isso vai acabar com o preconceito na sociedade e não vai gerar um efeito contrário? Então não gosto dessa forma de ação a força do governo para solucionar problemas. Mas se são movimentos pacíficos que buscam mais inserção e mais respeito etc. não é problema

nenhum, inclusive apoio. Que tem que se manifestar sim, tem seu direito de ter espaço na sociedade sim.” (**Giuseppe Riesgo, deputado estadual, NOVO – RS, 25 de outubro de 2021**)

“Totalmente contra esses movimentos (movimentos negros, LGBTs e feministas), totalmente contra, vê o que fizeram aqui agora no Estados Unidos, a bagunça que fizeram matando gente, agredindo, tudo isso traz dinheiro. Todo movimento arrecada dinheiro, é dinheiro e poder político, sou totalmente contra qualquer movimento desses aí, totalmente contra, não serve para nada, só serve para tumultuar, para criar bagunça nas cidades, quebra quebra e confusão é isso que eles querem fazer. (**Missionário Ricardo Arruda, deputado estadual, PSL – PR, 15 de abril de 2021**).

“Eu sou totalmente contra cota pra qualquer um, a único que deveria ter cota e deficiente físico, que tem um problema físico, ele não tem culpa, então realmente ele tem que ter um apoio maior, agora cota pra negro, LGBT que absurdo, por quê? Baseado em que? Eu sei o que é, essa política maldita esquerda, que quer fazer tudo, favorecendo grupos que vão tudo apoiá-los em campanha política, eles estão pouco se lixando se o cara é branco ou negro, ta pouco se lixando, tão interessado é no apoio de voto, é vergonhoso, porque qual a diferença se o cara é branco se o cara é preto, a bíblia fala que deus criou a raça humana, todo mundo aqui é igual, e tanto é que muita gente de cor ai que virou um baita executivo, a escola pública tem pra todo mundo, estuda quem quer, escola municipal e publica, então é um absurdo. (**Missionário Ricardo Arruda, deputado estadual, PSL – PR, 15 de abril de 2021**).

4.9 Abordagens contrastantes sobre políticas de combate ao crime e a violência.

Outra diferença entre os atores políticos entrevistados dos dois subgrupos da nova direita brasileira – extrema direita (PSL) e direita radical (NOVO) – é sobre as políticas de combate ao crime e a violência. Enquanto o primeiro grupo é favor de mais repressão o segundo considera a possibilidade

de rever alguns conceitos sobre o encarceramento, por exemplo.

“Acho que o combate a corrupção e a violência passam por um ponto chave que a certeza da punição. De morosidade, que acaba obviamente incentivando a atividade criminosa e a corrupção. Acho que teve uns avanços, mas ainda pequenos. O Brasil ainda tem a sensação, não injustificada, de que só vai pra cadeia quem é pobre, vai pra cadeia quem tem o azar de dar uma ruim e ser julgado e preso, só vai pra cadeia quem não tem um bom advogado e etc.. a gente precisa extirpar essa cultura em primeiro lugar tendo leis razoáveis, a gente infelizmente não tem em alguns casos. Como pro exemplo a nossa lei de tóxicos, é uma lei que ainda preserva o avanço feito em 2006 que flexibilizou um pouco a conduta do usuário, ela segue tratando, um crime, que é essencialmente um crime sem vítimas, como um crime hediondo, isso faz com que boa parte da nossa população carcerária estaria presa por crimes sem vítimas, crimes que não foram cometidos com violência. Que sinceramente pra mim é uma demonstração clara de que a gente prende mal no Brasil. Enquanto que na verdade na cadeia deveriam estar criminosos de alta periculosidade ou que cometem crimes de alta pressão social. Alguém que negocia um baseado ou um papelote de alguma droga, com um pessoal que quer comprar para consumir, e que não necessariamente por isso vai cometer um crime, se a pessoa vier a cometer um crime é outra coisa. Pode até tratar e estabelecer um agravante específico para pessoas que cometem crimes sobre a influência de drogas. Mas o comércio específico de uma substância não deveria ser tratado como um crime e hoje ele representa uma parcela muito grande do nosso sistema carcerário, então o Brasil a gente prende muito e prende mal, e não leva a sério a importância do sistema penitenciário para garantir que não tenhamos uma avalanche de criminosos cada vez aumentando mais, cada vez batendo mais perto das nossas portas.” (**Fábio Osterman, deputado estadual, NOVO – RS, 30 de setembro de 2021**).

“O combate à violência melhorou muito, a entrada do presidente Bolsonaro, porque você vê que no governo de esquerda aumentou muito

a violência, porque o que eles fizeram? Fizeram um monte de direito pra bandido, ai que criaram os direitos humanos, não é que criaram né, já tinha, mas fizeram de um jeito que ele só defende bandido, sempre o coitadinho é o bandido, tem que acabar e tá acabando, tá melhorando, a liberação de arma ajudou bastante, a polícia tem que agir com rigor realmente, não tem essa conversa a “num pode dar tiro em bandido” pode dar tiro em bandido no confronto, é óbvio que pode e deve, como qualquer pais evoluído quando vai no confronto, um bandido armado tá lá pra que? pra te matar pra te roubar ele não vai te perdoar, então por que ele não pode levar tiro? É óbvio que tem, melhor que ele o tiro do q um policial ou um cidadão de bem, então eu acho que polícia com mais rigor com mais autonomia, tá coibindo a violência, lógico que o serviço de inteligência foi montado hoje em dia, aqui no Paraná diminuiu mais 25% a criminalidade, trabalham muito bem, tanto a civil quanto a militar.”

(Missionário Ricardo Arruda, deputado estadual, PSL – PR, 15 de abril de 2021).

A análise das distinções entre os deputados do partido NOVO e do PSL, especialmente no que concerne às estratégias de combate à violência, revela nuances significativas dentro do espectro das novas direitas no Brasil. O trabalho de Mudde (2019) sobre a diversidade das direitas contemporâneas oferece um arcabouço teórico valioso para compreender essas diferenças. Mudde argumenta que as novas direitas não são monolíticas, mas sim compostas por uma variedade de correntes ideológicas que, embora compartilhem alguns princípios comuns, divergem em suas abordagens e prioridades políticas.

Dentro desse contexto, o partido NOVO, alinhado com uma visão liberal clássica, enfatiza políticas de combate à violência que favorecem a eficiência do Estado através de reformas institucionais e econômicas. O NOVO propõe um enfoque na prevenção da criminalidade por meio do fortalecimento de instituições judiciais e policiais, visando garantir transparência e responsabilidade sem recorrer a medidas de segurança públicas excessivamente punitivas.

Em contraste, o PSL, durante seu auge, adotou um discurso mais

populista e autoritário, focando em uma abordagem de segurança pública que priorizava a repressão e o endurecimento das penas como principais instrumentos de combate à violência. Essa diferença reflete a categorização de Mudde entre direitas radical e populista, onde o PSL pode ser associado a uma direita mais extremada, empenhada em respostas rápidas e eficazes através da força, enquanto o NOVO representa uma direita mais institucionalista e orientada pelo mercado.

A divergência entre esses partidos exemplifica a complexidade e a heterogeneidade das novas direitas brasileiras, cada uma oferecendo soluções distintas para o problema da violência, fundamentadas em suas respectivas visões de mundo e prioridades políticas. Assim, a análise de Mudde (2019) torna-se essencial para compreender como essas facções distintas da direita moldam a política brasileira contemporânea, especialmente em temas críticos como a segurança pública.

4.10 Outras considerações.

Contudo também tivemos casos isolados de falas que merecem destaque, como o trecho retirado da entrevista do deputado Ricardo Arruda do PSL do Paraná, que propunha uma espécie de revisão da nossa história.

“Ai eu falo, eu não entendo realmente como vocês falam que defendem a democracia. Vocês tentaram implantar o comunismo lá atrás, não conseguiram porque o exército reagiu, “a, mas torturou gente”, é lógico, era uma guerra. Morreu gente dos dois lados e torturou gente dos dois lados. Mas como eles ficaram 30 anos aqui, desde o Fernando Henrique, mudou-se a história né? A história que eu aprendi na minha época era outra né, mas mudança na história é duro reverter, vai demorar muito pra gente conseguir explicar realmente o que aconteceu aqui.” (**Missionário Ricardo Arruda, deputado estadual, PSL – PR, 15 de abril de 2021**).

Uma questão que se impôs ao analisar as entrevistas é o fato de que mesmo pertencendo ao espectro político da direita muitas das opiniões dos deputados não convergiram, sobretudo se considerarmos os partidos (NOVO e

PSL) como uma variável. Contudo, também é possível perceber algumas semelhanças de ideias, principalmente quando a pauta era liberalismo econômico. Desta forma a tese de Michael Freeden (2003) – já exposta no capítulo anterior – de que o liberalismo seria uma macro-ideologia que abrangeia ideologias modulares que podem ou não convergir em temas específicos, mas que tem suas raízes em um conjunto de valores maior é aqui verificada.

A análise das entrevistas realizadas com os políticos da nova direita brasileira, especialmente aqueles vinculados aos partidos NOVO e PSL, proporciona um panorama diversificado e intrincado sobre a situação política atual no Brasil. Este capítulo se dedica a enfatizar a relevância de compreender as sutilezas dos discursos desses representantes, que, apesar de compartilharem um espectro político comum, manifestam diferenças significativas em suas posturas e propostas.

Em primeiro lugar, um aspecto que se destaca é a crítica constante à corrupção, que permeia o discurso dos entrevistados. Muitos políticos associam a corrupção de forma direta à esquerda, utilizando essa narrativa como um recurso para legitimar não apenas suas próprias candidaturas, mas também o modelo inovador de política que dizem defender. No entanto, essa crítica é frequentemente acompanhada por um reconhecimento da complexidade do fenômeno corrupto, o que sugere uma necessidade mais profunda de discussão sobre ética e responsabilidade dentro do ambiente político.

Em segundo lugar, a linguagem empregada pelos entrevistados revela um contraste notável entre as abordagens do NOVO e do PSL. Enquanto os representantes do NOVO tendem a utilizar um vocabulário mais técnico e polido, os do PSL adotam um discurso que é mais coloquial e, em muitos casos, mais agressivo. Essa diferença pode ser interpretada como um reflexo das estratégias de comunicação de cada partido, que buscam engajar diferentes segmentos do eleitorado. Essa variação também levanta questões importantes sobre a adequação da linguagem política em um contexto democrático e plural.

A questão das privatizações e do modelo econômico também surge como um ponto de convergência entre os entrevistados. Ambos os grupos políticos defendem a diminuição do papel do Estado na economia e a implementação de reformas estruturais. No entanto, os membros do NOVO expressam críticas mais incisivas e fundamentadas em relação à execução dessas políticas pelo governo federal, o que evidencia uma frustração em relação à falta de progresso nas promessas de campanha. Essa tensão entre expectativas elevadas e as realidades políticas vividas é um tema que merece uma análise mais aprofundada.

Ademais, as entrevistas revelam uma aversão comum à esquerda, que se traduz em uma retórica de segmentação social. Os entrevistados frequentemente enfatizam a importância de unir a sociedade em torno de valores conservadores, ao mesmo tempo em que criticam o que percebem como a divisão promovida por movimentos sociais. Essa narrativa sugere uma tentativa de construir uma identidade coletiva que se opõe à diversidade de opiniões e experiências que caracteriza a sociedade brasileira contemporânea.

Finalmente, a noção de "novidade" emerge como um elemento central nas falas dos entrevistados. Eles se posicionam como agentes de mudança, distantes da corrupção e dos vícios da política tradicional, apresentando-se como a alternativa viável para os problemas históricos enfrentados pelo país. Essa construção identitária é fundamental para entender a ascensão da nova direita no Brasil, que não se apresenta apenas como um novo ator político, mas como a solução para questões que têm sido historicamente desafiadoras.

A ascensão da nova direita no Brasil, particularmente nas eleições de 2018, trouxe à tona uma série de discursos que, embora apresentados como inovações, encontram suas raízes em práticas e narrativas políticas previamente utilizadas em contextos históricos diversos. Elementos como a associação direta da corrupção à esquerda, a defesa da privatização, a promoção de um modelo econômico liberal e a diminuição do papel do Estado são reminiscências de estratégias discursivas que marcaram a política brasileira nas últimas décadas. Durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, por exemplo, as privatizações foram um pilar central da política econômica, visando a eficiência do Estado e a redução do déficit fiscal. Esse

movimento não apenas reformulou a estrutura econômica do país, mas também estabeleceu um precedente para a utilização da privatização como um argumento em campanhas políticas subsequentes.

Além disso, a retórica que defende o endurecimento das penas e o encarceramento como estratégias para a segurança pública também ecoa discursos do passado, que surgiram em resposta a crises de segurança e aumento da violência urbana. Tais narrativas foram amplamente exploradas por líderes políticos que buscavam capitalizar sobre o medo e a insatisfação da população em relação à criminalidade, muitas vezes sem considerar as implicações sociais e humanitárias do encarceramento em massa. Portanto, a adoção de discursos que prometem soluções rápidas e eficazes para problemas complexos, como a corrupção e a criminalidade, não é uma inovação, mas sim uma continuidade de uma prática política que busca ressoar com as frustrações e expectativas da população, enquanto, ao mesmo tempo, desconsidera as lições aprendidas em tentativas anteriores de implementação dessas políticas.

Essa continuidade nas estratégias discursivas sugere que, embora a nova direita se apresente como uma ruptura com o passado, na realidade, ela opera dentro de um repertório político já estabelecido, utilizando elementos conhecidos de forma a legitimar suas propostas e conquistar apoio popular. A análise crítica dessas narrativas é essencial para compreender não apenas as dinâmicas contemporâneas da política brasileira, mas também para avaliar a eficácia e as consequências das políticas propostas pelos atores que se vestiram com o manto da "novidade" nas eleições de 2018.

Em síntese, as entrevistas com os representantes da nova direita brasileira oferecem um valioso material para refletir sobre as dinâmicas políticas contemporâneas. As semelhanças e divergências entre os políticos do NOVO e do PSL revelam um espectro de ideias e abordagens que, mesmo dentro de um mesmo campo ideológico, são moldadas por contextos e experiências distintas. As palavras e discursos analisados neste capítulo não apenas refletem as visões individuais de cada entrevistado, mas também contribuem para a construção de um novo entendimento sobre a política brasileira atual, ressaltando a complexidade e a fluidez das relações de poder e

ideología no país.

5 Análise dos Discursos em Vídeos no YouTube por Políticos da Nova Direita nas Eleições de 2018.

Esta seção propõe-se a realizar uma análise detalhada e crítica dos conteúdos audiovisuais compartilhados no YouTube pelos políticos entrevistados durante o ano eleitoral de 2018. Ao explorar esses vídeos, busca-se aprofundar a compreensão dos temas mais recorrentes e estratégicos que foram mobilizados por esses atores políticos nos meses que antecederam a eleição de outubro de 2018. Tal investigação é de suma importância, pois permite elucidar as estratégias retóricas e discursivas que contribuíram significativamente para o expressivo sucesso eleitoral da extrema direita, assim como dos próprios políticos entrevistados, dentro daquele contexto político específico. Este esforço analítico visa desvendar os detalhes e dinâmicas que caracterizaram o cenário político do período, oferecendo uma visão mais rica e contextualizada dos fatores que influenciaram o resultado eleitoral.

A seleção dos vídeos se deu após a realização das entrevistas, desta forma eu busquei pelos vídeos postados nos canais oficiais dos políticos entrevistados ou de pessoas ligadas a eles. Assim, foram assistidos 124 vídeos, totalizando 6 horas, 49 minutos e 44 segundos. A maioria dos vídeos estavam presentes nos canais ligados aos políticos pertencentes ao partido NOVO, como por exemplo, Paulo Ganime que postou 44 vídeos no ano de 2018. O que sugere que os integrantes do partido NOVO utilizaram mais a ferramenta do Youtube do que os membros entrevistados do PSL. Não podemos descartar a utilização de outras plataformas, como por exemplo, grupos de Whatsapp, citado algumas vezes na entrevista realizada com o Sargento Lima, do PSL de Santa Catarina. Contudo, não é meu objetivo aqui fazer um acompanhamento da atividade destes atores em redes sociais ou aplicativos de mensagens instantâneas, até porque quando eu comecei essa pesquisa as eleições nacionais de 2018 já haviam se encerrado e obviamente sua respectiva campanha também. Já o Youtube tem uma potencialidade, que é manter arquivados os vídeos postados com acesso livre a qualquer pessoa, por isso ele foi escolhido como fonte de análise para além das entrevistas.

A escolha do método de análise de conteúdo (AC) para a análise das entrevistas com deputados e dos vídeos no YouTube se revela crucial para a presente tese, dado o contexto e a natureza dos dados a serem explorados. O manual de Rafael Cardoso Sampaio e Diógenes Lycarião (2021) enfatiza que a AC é uma técnica científica sistemática, que permite a criação de inferências válidas a partir de conteúdos verbais, visuais ou escritos. Tal abordagem é particularmente relevante para o estudo dos discursos políticos, onde a interpretação dos significados e intenções subjacentes é fundamental para a compreensão das estratégias comunicativas e das mensagens transmitidas pelos deputados.

A análise de conteúdo categorial é amplamente reconhecida nas ciências sociais e políticas por sua capacidade de descrever, quantificar e interpretar fenômenos complexos. No contexto das campanhas políticas, como as analisadas nos vídeos do YouTube, a AC possibilita identificar padrões nas mensagens e avaliar a influência dessas comunicações no comportamento eleitoral. O método se destaca por sua habilidade em lidar com grandes volumes de dados de forma estruturada, o que é essencial para analisar o conteúdo gerado nas plataformas digitais, onde a produção de informações é intensa e diversificada.

Além disso, a aplicação da análise de conteúdo na investigação política proporciona um meio robusto para examinar as condições de produção e recepção das mensagens, conforme discutido no manual de Sampaio e Lycarião. Essa técnica permite investigar não apenas o que é dito, mas também as possíveis implicações e efeitos das declarações públicas dos deputados, oferecendo uma visão aprofundada sobre como suas narrativas podem influenciar a percepção pública e o debate político.

Portanto, a escolha da análise de conteúdo como método de análise nesta tese é sustentada por sua comprovada eficácia em contextos similares, sua flexibilidade para adaptação a diferentes tipos de dados e sua capacidade de gerar insights significativos sobre a comunicação política atual

Entre os vídeos devemos destacar que a maioria deles teve o objetivo de apresentar os então candidatos e à medida que as eleições se aproximavam o teor dos vídeos começaram a ganhar um cunho mais de propaganda eleitoral,

até chegar ao ponto em que eram claramente propagandas políticas, com promessas para um futuro mandato, divulgação dos números utilizados na campanha, apoios a outros candidatos e até mesmo a incorporação de jingles de campanha. Além disso, alguns dos vídeos também tinham o objetivo de atacar a “velha política”, a esquerda, suas ideias, partidos e seus integrantes.

A figura 1, exibida a seguir, nos auxilia a perceber quais foram as palavras e temas mais mobilizados nos vídeos dos atores políticos em questão.

Figura 1: Nuvem de Palavras.



Fonte: Elaboração própria (2024).

Conforme ilustrado na Figura 1, termos como "público", "política", "partido", "impostos", "mudanças", "reformas", "eleição" e "Bolsonaro" emergiram como elementos centrais amplamente utilizados nos vídeos analisados. Essas palavras refletem, de maneira previsível, o léxico inerente ao

cotidiano político, especialmente quando consideramos que os indivíduos que as empregaram são atores políticos habituados a esse campo discursivo. A análise do uso recorrente desses termos oferece insights valiosos sobre as estratégias de comunicação e os focos temáticos priorizados pelos entrevistados, evidenciando sua familiaridade e competência na articulação de discursos políticos.

Logo, ao aprofundarmos as análises sobre os vídeos postados no Youtube pelos políticos entrevistados, podemos compreender melhor seus contextos e as formas nas quais essas palavras foram empregadas. Como por exemplo, as palavras: público, política, Bolsonaro, partido, reforma, mudança, gastos, eleição e etc. Ao longo desta seção apresentarei os termos mais recorrentes e aprofundarei nos vídeos em que essas palavras estão presentes.

A palavra mais utilizada nos vídeos do Youtube por mim analisados é a palavra “público”. Tal palavra aparece diversas vezes e em diversos contextos, como por exemplo, no vídeo postado no dia 31 de agosto de 2018 pelo Sargento Lima, no qual ele se apresenta como o candidato do Bolsonaro a deputado estadual de Santa Catarina e elenca seus futuros projetos caso seja eleito⁶⁵. Ao longo do vídeo fica claro que o emprego da palavra “público”, neste caso, faz referência a economia de dinheiro público, pois é disso que se trata suas propostas, como redução de um terço do número de assessores parlamentares, redução da verba de gabinete e do número de cadeiras para deputados estaduais na ALESC (Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina), além do combate “a praga do socialismo e comunismo e do centrão que não passa de esquerda camuflada”, nas palavras do próprio Sargento Lima.

Tabela 4: Políticos pesquisados, números de vídeos e tempo de duração.

Nome	Quantidade de vídeos	Tempo total dos vídeos
Sargento Lima	5	13:54
Missionário Ricardo Arruda	8	26:38
Rodrigo Amorim	10	13:32

⁶⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kffnsDLAZPg>

Fabio Ostermann	38	2:49:07
Giuseppe Riesgo	22	1:02:56
Paulo Ganime	41	2:02:37

Fonte: Elaboração própria (2024).

5.1 Paulo Ganime: Estratégias audiovisuais e retórica na campanha de 2018.

Um político carioca adicional submetido a uma análise detalhada foi Paulo Ganime, então candidato a deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro, sob a bandeira do partido NOVO. Destacando-se entre os demais políticos examinados nesta pesquisa, Ganime apresentou o maior volume de conteúdo audiovisual em seu canal durante o ano de 2018. No total, foram identificados 44 vídeos, cuja duração acumulada atinge uma hora, quarenta e oito minutos e quarenta e oito segundos. Essa prolífica produção de material sugere uma estratégia de comunicação intensiva, possivelmente voltada para maximizar seu alcance e engajamento com o eleitorado fluminense.

Alguns de seus vídeos possuem caráter mais pedagógico do que os dos seus pares analisados neste trabalho, havendo alguns vídeos, por exemplo, que se prestam ao papel de esclarecer questões sobre a política brasileira, como: quais são as funções e quais são os integrantes dos três poderes nos três níveis da federação⁶⁶, quais as funções dos cargos eletivos que estavam em disputa nas eleições de 2018⁶⁷, quais as funções dos deputados federais e as regras de uma eleição proporcional⁶⁸, além de descrever como funciona a distribuição do fundo eleitoral e qual a sua diferença para o fundo partidário⁶⁹.

⁶⁶ Paulo Ganime. COMO FUNCIONA A POLÍTICA BRASILEIRA? OS 3 PODERES. 25/01/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3TGf7L-wg6s>. Acesso em: 13/05/2022.

⁶⁷ Paulo Ganime. COMO FUNCIONA A POLÍTICA BRASILEIRA – PAPÉIS DOS CARGOS ELETIVOS. 01/02/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cB8OXav91wE>. Acesso em: 13/05/2022.

⁶⁸ Paulo Ganime. COMO FUNCIONA A POLÍTICA BRASILEIRA – DEPUTADO FEDERAL. 08/02/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PYJQ38CR4lw>. Acesso em: 13/05/2022.

⁶⁹ Paulo Ganime. COMO FUNCIONA A POLÍTICA BRASILEIRA: FINANCIAMENTO DE CAMPANHA. 16/02/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jwlzqag3SDo>. Acesso em: 13/05/2022.

Contudo, não podemos perder de vista o fato de se tratar de um político em campanha e por mais que a candidatura ainda não estivesse confirmada, considerar que estes vídeos são dotados de neutralidade seria ingenuidade.

Em outros vídeos postados no canal do Paulo Ganime no Youtube, o então candidato a deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro responde algumas perguntas de seus seguidores, como por exemplo, o vídeo intitulado “GANIME RESPONDE #1 - O PAPEL DO ESTADO”⁷⁰, postado em fevereiro de 2018, no qual em quase sete minutos o político aborda temas como o papel do Estado, o Banco Central, a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho), o salário mínimo e as liberdades individuais.

Neste vídeo, Ganime se posiciona sobre o fato de o Estado ter que ser mais enxuto e parar de “atrapalhar” o cidadão, concentrando-se apenas em saúde, segurança e educação básica. Além disso, ele ventila a possibilidade de o Banco Central não existir e caso exista deve atuar de forma independente, pois política monetária não pode ser usada de forma populista, sem entrar em mais detalhes sobre o que ele entende por populismo. Também se posiciona a favor da reforma trabalhista, mas diz que ainda não está completa e que devemos torná-la mais flexível, segundo ele: “a melhor proteção para o trabalhador é o pleno emprego e a economia rodando”, assim o trabalhador teria condições de negociar com o patrão. Contudo, o ideal seria um dia acabar com a CLT, mas em curto prazo temos que trabalhar para flexibilizá-la. Sobre a política do salário mínimo, ele afirma que devemos pensar mais parecido com os Estados Unidos da América, definindo seus valores por hora e não por mês, devemos também pensar um modelo de renda mínima que não seja imposta pelo governo e nem por ninguém, mas que seja uma consequência da melhoria da economia brasileira. No campo das liberdades individuais, ele se diz contra qualquer tipo de pirataria, a favor dos direitos dos homossexuais, e prega o respeito pela lei, logo, como a maconha é proibida a lei deve ser cumprida, mas que devemos debater este assunto, sobretudo iluminando o ponto de vista

⁷⁰ Paulo Ganime. GANIME RESPONDE #1 – O PAPEL DO ESTADO. 23/02/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LSibAV2RL4Q>. Acesso em: 13/05/2022.

social e da violência que tal proibição acarreta. Também se diz contra o estatuto do desarmamento, pois as pessoas têm direito de se defender, mas faz uma ressalva, pois deve haver critérios, ser contra o estatuto do desarmamento não significa “liberar fuzil AR-15 pra quem quiser”.

O referido vídeo se mostrou muito emblemático, pois ao abordar os temas citados, fica claro seu posicionamento liberal tanto na economia quanto nas pautas relacionadas aos costumes, que comumente são tratadas de forma mais conservadora por outros políticos das mais diversas gradações da direita brasileira. Tal posicionamento fortalece a ideia de que integrantes do NOVO como o Ganime estariam mais próximos do segundo subgrupo, denominado aqui de “direita radical” e caracterizado por atores políticos que não são tão apegados ao conservadorismo moral como seriam os representantes do primeiro subgrupo aqui denominado de “extrema direita”.

Ganime também responde seus seguidores sobre sua ligação com a política⁷¹, e faz questão de negar qualquer tipo de vínculo familiar como políticos e afirma que o partido NOVO acredita que pessoas comuns têm que ocupar o espaço político, diz que um de seus objetivos é trazer sua experiência na iniciativa privada para gestão pública. Ao se distanciar ao máximo de uma vida política prévia e ressaltar a importância do mundo privado para melhorar a administração pública, podemos perceber duas características que são muito caras aos políticos que se intitulam como pertencentes ao grupo da “nova política” e portanto, frequentemente mobilizadas por eles.

Outros temas que Ganime também é incentivado a falar por meio das perguntas de seus seguidores são a educação⁷² e a lei da ficha limpa⁷³. Sobre educação, Paulo Ganime diz que é uma questão de priorização e que devemos transferir o dinheiro do ensino superior para educação básica, pois é lá que formaremos um bom profissional e um bom cidadão para o futuro do Brasil. Já

⁷¹ Paulo Ganime. GANIME RESPONDE #4 – SOU DE FAMÍLIA DE POLÍTICOS?. 22/04/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LEHvvuLFtEo>. Acesso em: 13/05/2022.

⁷² Paulo Ganime. GANIME RESPONDE #3 – EDUCAÇÃO BÁSICA OU ENSINO SUPERIOR?. 23/05/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8I3kT5UebI>. Acesso em: 13/05/2022.

⁷³ Paulo Ganime. GANIME RESPONDE #2 – FICHA LIMPA. 06/04/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pCg4J-WedGQ>. Acesso em: 13/05/2022.

sobre a lei da Ficha limpa, ele referenda a ideia de que todos os candidatos devem possuir a ficha limpa, desta forma ao se confirmar a condenação do Lula, ele não poderia ser candidato em 2018.

Assim como citado no parágrafo anterior, as críticas a Lula, bem como a esquerda em geral, são recorrentes nos vídeos de Paulo Ganime e seus pares. Em alguns vídeos, ele dedica-se a criticar e ao mesmo tempo se distanciar, não só da esquerda, mas também do que ele considera como “velha política”. Um dos exemplos é o vídeo intitulado “TODO CARNAVAL TEM SEU FIM”⁷⁴, em que Ganime explana suas críticas a prefeitura do Rio de Janeiro e aos governadores do estado que foram presos. Sugere que devemos “mudar a situação” através do voto, “que é nosso maior poder, vamos votar diferente, vamos votar NOVO para mudar o Brasil”.

Em outro vídeo que possui claramente o objetivo de fazer uma crítica a “velha política”, como o próprio título já sugere “CANSEI! VAMOS RENOVAR A POLÍTICA NO BRASIL!”⁷⁵, Ganime exibe um áudio atribuído a Cristiane Brasil⁷⁶, sobre como convencer as pessoas a votar e diz que não faz parte dessa turma, pois o NOVO surgiu com o propósito de trazer gente nova que nunca participou da política e que tenha o objetivo de mudar o Brasil. Este vídeo é um bom exemplo de que Paulo Ganime tenta se distanciar não só da esquerda, mas de tudo o que ele considera como a “velha política”, sempre utilizando termos que corroboram sua ideia de “mudar” o Brasil.

Conforme aponta Raoul Girardet (1987), atribuir a responsabilidade pelos problemas sociais a um grupo específico é um dos pilares do chamado “mito do complô”. Esse mito tem como objetivo principal reunir diferentes

⁷⁴ Paulo Ganime. TODO CARNAVAL TEM SEU FIM. 14/02/2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=M_ZOv4HN_Xg. Acesso em: 13/05/2022.

⁷⁵ Paulo Ganime. CANSEI! VAMOS RENOVAR A POLÍTICA NO BRASIL! 27/02/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=koTlqsipX04>. Acesso em: 13/05/2022.

⁷⁶ Política brasileira que ex-membro do PTB, foi deputada federal e nomeada para o cargo de Ministra do Trabalho do Brasil pelo ex-presidente Michel Temer no início do ano de 2018, contudo teve a sua posse suspensa pela Justiça Federal. Cristiane Brasil também é filha de Roberto Jefferson, nome conhecido da política brasileira por defender o ex-presidente Fernando Collor, delatar o esquema conhecido como “mensalão” e mais recentemente por apoiar fielmente Jair Bolsonaro, até ser preso por atirar e jogar uma granada contra dois policiais federais que possuíam mandado de prisão e foram até sua casa com o intuito de prendê-lo.

eventos que causam desconforto ou inquietação em parte da sociedade sob uma explicação única e simplificada. Dessa forma, tais acontecimentos se tornam mais compreensíveis, já que são direcionados a culpados previamente definidos — sejam eles, de fato, os responsáveis ou não.

Como não poderia ser diferente, para um político em campanha que faz questão de afirmar que está chegando agora no mundo da política, alguns de seus vídeos são dedicados a apresentação do então candidato a deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro. Em um desses vídeos⁷⁷, postado no dia dezessete de agosto de 201, com aproximadamente dezenove minutos e mais de quatro mil e quinhentas visualizações, seus familiares contam histórias sobre a sua infância, juventude, mas também sobre os motivos que o levaram a ingressar na vida pública. É um vídeo bem produzido, que humaniza o candidato, demonstrando, através de relatos de seus familiares, que Ganime é uma pessoa comum, que possui uma família, uma história, uma carreira profissional e anseios que visam um país diferente do que o que está posto.

Em outra mídia de apresentação, intitulado “O MAIOR PROJETO DA MINHA VIDA”⁷⁸, Paulo Ganime se apresenta para os eleitores. Primeiramente ele expõe seu currículo e após narrar sua trajetória profissional em grandes projetos ao redor mundo, ele afirma que sua volta para o Brasil tem como objetivo trabalhar no maior projeto de sua vida, que é "A reconstrução do Brasil e transformação da política brasileira". Posteriormente, ele apresenta quatro propostas principais que norteiam sua campanha: a geração de oportunidade para o trabalhador e o empreendedor, através da reforma tributária, redução dos juros e da burocracia; a redução da violência no estado Rio de Janeiro; a possibilidade de cumprir um mandato barato e com contato direto com os eleitores, utilizando aplicativos e outras tecnologias para tal finalidade, além de reuniões periódicas no estado do Rio de Janeiro; e por fim, mas não menos importante, a transformação da política brasileira, que envolve mudanças com

⁷⁷ Paulo Ganime. PAULO GANIME - VIDA, FAMÍLIA, POLÍTICA E TRABALHO. 17/08/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J3ql0lbkRzM>. Acesso em: 13/05/2022.

⁷⁸ Paulo Ganime. O MAIOR PROJETO DA MINHA VIDA. 10/09/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KooY11I4Z2w>. Acesso em: 13/05/2022.

relação ao voto distrital, o fim do foro privilegiado, a revisão do pacto federativo e o combate a corrupção.

Mesmo que o objetivo de algumas de suas mídias seja sua apresentação, ele não se limita apenas a esse fim, como se pode perceber, ele também aproveita esse espaço para destacar suas propostas e se posicionar sobre determinadas bandeiras que fomentam não somente a pauta liberal, mas também a agenda daqueles que se autodenominam como a “novidade”. Desta forma ele utiliza o mesmo espaço para se apresentar e para apresentar suas propostas, uma estratégia que me parece inteligente, pois ancora na sua figura e na sua história de vida seus ideais e projetos políticos.

Entre os políticos analisados na presente pesquisa, Paulo Ganime é o que mais apresenta outros candidatos em seus vídeos, como por exemplo, no vídeo postado no dia dezoito de setembro de dois mil e dezoito⁷⁹, no qual ele aparece ao lado da candidata a vice-governadora Carmem Miguelis, que por sua vez diz confiar em Paulo Ganime para o Congresso, pois com ele o “orçamento vai do jeito certo para o lugar certo”, também destaca a importância de focar em pautas que são importantes para todos, como a educação e, como se mostrou de praxe nos vídeos analisados, a necessidade da renovação política, mediante a busca por novos candidatos.

Outro que aparece em seus vídeos é o médico e então candidato a deputado estadual Doutor Carlos⁸⁰, que afirma estar na luta para transformar o Brasil através de pautas relacionadas a Saúde, como por exemplo, fazer com que as pessoas tenham acesso a hospitais de forma mais transparente, utilizando a tecnologia para especializar os hospitais e centros de tratamento.

O então candidato a deputado estadual Chicão também utiliza o espaço proporcionado pelo canal do Paulo Ganime para se promover. Ambos aparecem juntos em um vídeo no qual divulgam seus números para eleição e pedem por renovação, clamam pela eleição de uma onda laranja (fazendo alusão as cores do partido NOVO), e dizem que irão trabalhar juntos por um

⁷⁹ Paulo Ganime. PAULO E CARMEN MIGUELIS. 18/09/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rElfoiBR3TE>. Acesso em: 13/05/2022.

⁸⁰ Paulo Ganime. PAULO E DOUTOR CARLOS. 17/09/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zRYUqefStBM>. Acesso em: 13/05/2022.

Rio de Janeiro melhor, com mais liberdade para empreender e mais segurança para a população.

A professora Valéria⁸¹, então candidata a deputada estadual, também recebe destaque em um de seus vídeos. Ao apresentá-la, Ganime destaca o fato de a candidata valorizar a educação. Já Valéria, quando tem a palavra, destaca pautas como o plano de carreira para o magistério e o direito de a família escolher a melhor escola para seu filho, com a utilização voucher escolares, para famílias que não teriam condições de pagar pelo ensino particular, e homeschooling, valorizando o protagonismo da família.

Mas, sem dúvida o que aparece de forma mais recorrente nos vídeos de Paulo Ganime é Alexandre Freitas, que na ocasião era candidato a deputado estadual pelo partido NOVO no estado do Rio de Janeiro. Em um desses vídeos, intitulado “LANÇAMENTO PRÉ-CANDIDATURA GANIME E FREITAS”⁸², eles começam o vídeo dizendo que muitas pessoas cogitam se mudar do RJ e do Brasil e eles escutam com frequência a pergunta "o Brasil tem jeito?" O Vídeo conta com a presença do treinador de vôlei Bernardinho que se apresenta como embaixador do partido NOVO. Bernardinho argumenta que uma gangue a afundou o estado do Rio de Janeiro durante décadas e que “não podemos mais abraçar uma aventura populista de quatro anos, devemos nos unir como um time, lutando por cada ponto” (fazendo clara alusão ao vôlei, esporte que o proporcionou grande notoriedade). Eles reforçam a ideia de que o partido NOVO precisa de engajamento das pessoas, pois o NOVO não usa verba pública, acredita no valor do indivíduo, na liberdade e tem cuidado com o que é público, já que o NOVO é um partido diferente, possui integridade por ser composto por membros que possuem a ficha limpa. Assim, o partido NOVO seria uma ferramenta para mudar a vida das pessoas e o cenário político brasileiro. Bernardinho finaliza o vídeo utilizando seu prestígio no meio do esporte para enaltecer a candidatura de Paulo Ganime dizendo que ele”

⁸¹ Paulo Ganime. Professora Valéria - Candidata pela educação. 23/08/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CU4W7PKVi0I>. Acesso em: 13/05/2022.

⁸² Paulo Ganime. LANÇAMENTO PRÉ-CANDIDATURA GANIME E FREITAS. 17/07/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IxGQmdhp5Gk>. Acesso em: 13/05/2022.

abandona sua carreira no exterior para mudar o Brasil, ele não quer viver em um país diferente, ele quer um Brasil diferente".

Nos últimos anos, é evidente que os políticos da nova direita brasileira têm adotado um discurso fortemente marcado pela oposição à "velha política". Essa estratégia não é apenas retórica, mas parte central de sua identidade política e eleitoral. Ao se colocarem como figuras "antissistema", esses atores buscam capturar o descontentamento popular com a corrupção, o clientelismo e a ineficiência atribuídos à política tradicional (Codato, Berlatto e Bolognesi, 2018).

Figuras como Jair Bolsonaro e seus seguidores, sobretudo nas eleições nacionais de 2018, se apresentaram como representantes de uma política "nova", mais próxima do cidadão comum, moralmente conservadora e hostil às elites políticas tradicionais, inclusive dentro da própria direita. Essa autodeclaração como outsiders — embora muitos já façam parte do sistema político há anos — serve como um recurso simbólico poderoso para angariar apoio em um contexto de crise de representação e desconfiança generalizada nas instituições

Ganime e Freitas também estrelam juntos em vídeo em que eles dialogam sobre economia⁸³. Primeiramente, Alexandre Freitas pergunta para Ganime "mais de uma década do governo PT, boom de commodities e crescemos menos que o resto do mundo. Atualmente não temos mais essa questão, o mundo está em crise e o Brasil como muitos desempregados e com muita dificuldade para população empreender. O que pode ser feito no congresso para melhorar a economia, gerando mais riqueza, gerando mais empregos e garantido a melhor qualidade de vida das pessoas?" Ganime responde que "Lula deveria ter aproveitado sua popularidade e o boom das commodities para fazer reformas, como por exemplo, reformas da previdência que ajudaria no equilíbrio fiscal, reforma tributária para acelerar a economia, melhorar o custo de capital reduzindo as taxas de juros e reforma trabalhista de verdade, para a economia crescer sem o governo e o estado atrapalhar, além

⁸³ Paulo Ganime. PAPO GANIME E FEITAS - COMO MELHORAR A ECONOMIA?. 09/08/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zIiAV8OgNTc>. Acesso em: 13/05/2022.

de reduzir a burocracia que é o principal entrave para que as pessoas empreendam". Mais uma vez podemos ver a utilização de um modelo de estratégia que visa criticar a esquerda e a "velha política", para posteriormente elencar soluções de caráter liberal, assim enquanto diminuem seus inimigos políticos e suas visões de mundo, os que se autodenominam como a "nova política" exaltam suas ideologias.

Em vídeo postado no dia dezenove de agosto de dois mil e dezoito, intitulado "Juntos por um Rio NOVO"⁸⁴, Ganime e Freitas aparecem juntos mais uma vez, mas agora o objetivo é unicamente se apresentarem como candidatos. Eles dissertam sobre suas trajetórias profissionais e elencam os motivos que os incentivaram a participar da política, destacam a vontade de mudar o Brasil e abordam temas como segurança pública, melhorias para o empreendedorismo, respeito aos bens públicos e ao espírito republicano, reforçam o compromisso de reduzir gastos e terminam o vídeo ressaltando que mudar o Brasil e o estado do Rio de Janeiro é o projeto de suas vidas.

Em outro vídeo que integrantes do NOVO aparecem ao lado de Paulo Ganime, publicado no dia seis de setembro de dois mil e dezoito, com o título de "A ONDA LARANJA invadindo o Rio"⁸⁵, fazendo referência as cores do partido NOVO, podemos ver candidatos desta agremiação, todos de roupas laranja pelas ruas do Rio de Janeiro. Entre eles Paulo Ganime, Alexandre Freitas e João Amoedo (que na ocasião era candidato a Presidência da República). O vídeo contém falas de pessoas que estavam no movimento e que exaltam questões como a devolução do fundo partidário pelo partido NOVO, o fato de Paulo Ganime ser um "gestor incrível", a honestidade, a vontade de mudar sem demagogia e sem populismo.

Mais uma vez podemos perceber a escolha de um inimigo, como Girardet (1987) chamou de "mito do complô", no qual a esquerda e a velha política representam tudo de ruim que habita no sistema político, ao passo que aquelas que se dizem arautos da novidade são os portadores de bons valores

⁸⁴ Paulo Ganime. Juntos por um Rio NOVO. 19/08/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HciPf6SMq-A>. Acesso em: 13/05/2022.

⁸⁵ Paulo Ganime. A ONDA LARANJA invadindo o Rio. 06/09/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bdYsMLv2gml>. Acesso em: 13/05/2022.

e habilidade de gerenciamento, logo são os mais capazes de promover a mudança.

É patente como Paulo Ganime é o político analisado neste trabalho que mais aparece recebendo ou distribuindo apoio para outros candidatos, acredito que esta característica ocorre pelo fato dele ser o único participante da pesquisa que se candidatava a deputado estadual na ocasião, e por necessitar de mais votos do que os candidatos a deputado estadual se deu a necessidade de ampliar sua campanha para outros políticos, conseguindo, desta forma mais cabos eleitorais ao mesmo tempo que também utilizava seu palanque para exaltar seus correligionários, que por disputarem cargos diferentes, não eram potenciais adversários nas urnas.

Contudo a maioria dos vídeos postados no canal do Paulo Ganime são de fato vídeos de campanha, são dezoito vídeos com esse tema no total. Em alguns desses vídeos ele visita municípios do estado como Barra Mansa⁸⁶, Nova Friburgo⁸⁷, Teresópolis⁸⁸ e Rio das Ostras⁸⁹, ou algumas localidades do município do Rio de Janeiro como Botafogo⁹⁰ e o Largo do Machado⁹¹. Nestes vídeos ele levanta bandeiras típicas do liberalismo como empreendedorismo, redução de impostos e da burocracia, mas também abordam temas que são recorrentes na grande maioria das campanhas políticas, como por exemplo, violência, segurança pública, desenvolvimento, emprego, turismo, economia,

⁸⁶ Paulo Ganime. Ganime e Trindade em Barra Mansa. 12/09/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fD0dO7E47iE>. Acesso em: 13/05/2022.

⁸⁷ Paulo Ganime. O que friburgo precisa. 21/08/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FjsbvgleR0w>. Acesso em: 13/05/2022.

⁸⁸ Paulo Ganime. O que Teresópolis precisa. 24/08/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-mz5BCmkSKU>. Acesso em: 13/05/2022.

⁸⁹ Paulo Ganime. GANIME NA ESTRADA - RIO DAS OSTRAS. 28/08/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ss5dIUZ9WmM>. Acesso em: 13/05/2022.

⁹⁰ Paulo Ganime. GANIME PELO RIO - BOTAFOGO. 04/09/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G0oxsdUG3iY>. Acesso em: 13/05/2022.

⁹¹ Paulo Ganime. GANIME PELO RIO - LARGO DO MACHADO. 06/09/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1k3zXQIPC74>. Acesso em: 13/05/2022.

saúde e educação, além disso, reafirmam seu compromisso com a renovação da política brasileira, sobretudo no estado do Rio de Janeiro.

5.2 Sargento Lima: Estratégias e alinhamento com o Bolsonarismo.

O combate a esquerda é evidente nos vídeos que permeia a página do Sargento Lima no Youtube, como podemos perceber em um vídeo postado 25 de junho de 2018, intitulado “Voto nulo é projeto comunista!”⁹² e tem como assunto principal o combate a Fake news espalhada pela esquerda sobre o voto nulo, o que segundo o Sargento Lima seria uma estratégia para se beneficiar à medida que os “cidadãos de bem” não iriam votar como um protesto, enquanto a esquerda votaria nos seus membros. Ao caracterizar a esquerda como defensora dos “Direitos dos manos, tropa de vagabundos e maconheiros” o então candidato a deputado estadual demonstra toda sua aversão aos esquerdistas. Por fim ele pede por caridade de Deus para o “cidadão de bem” não cair nesse engodo e para que os colegas policiais militares repliquem esse vídeo, o que reforça a ideia da importância do compartilhamento de vídeos, mensagens e áudios dentro de determinadas bolhas.

Outra característica marcante dos vídeos protagonizados pelo Sargento Lima é sua aproximação com o então candidato Jair Bolsonaro, como podemos perceber no vídeo veiculado pelo canal “#Bolsonaro Joinville” no dia 18 de out. de 2018, após a apuração dos votos do primeiro turno e a confirmação da eleição do Sargento Lima para a ALESC. No vídeo em questão ele agradece os 35 mil votos recebidos e afirma que a missão ainda não terminou já que no segundo turno o objetivo é eleger Bolsonaro e o comandante Moises para governador do estado de Santa Catarina. Para encerrar faz um apelo para que “Você que entendeu o vídeo explique para pessoas mais idosas e acompanhem na votação para que eles não sejam enganados pelos entregadores de colinhas”

⁹² Sargento Lima DEPUTADO ESTADUAL. Voto nulo é projeto comunista!. 25/06/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DMDtURKV27M>. Acesso em: 09/03/2022.

O Sargento Lima representa claramente um dos arquétipos do Bolsonarismo, ligado ao militarismo, sua candidatura foi pautada pelo combate a esquerda, a economia de recursos públicos e a aproximação com a figura do Bolsonaro, utilizando até mesmo seu lema mais famoso no momento de encerrar seus vídeos "Brasil acima de tudo e Deus acima de todos".

5.3 Missionário Ricardo Arruda: Conservadorismo e crítica à velha política.

Outro arquétipo do Bolsonarismo é representado na figura do missionário Ricardo Arruda, então candidato a reeleição para o cargo de deputado estadual do estado Paraná. Este por sua vez está fortemente associado às igrejas evangélicas e levanta bandeiras como a preservação de valores ligados a família e ao cristianismo, bem como o combate a ideologia de gênero, se mostrando um entusiasta da escola sem partido. Em um de seus vídeos postados no dia 16 de fevereiro de 2018 ele critica as obras expostas em um museu do Paraná, que segundo ele são de baixo calão e péssimo gosto, e divulga seu movimento "não mexam com nossas crianças"⁹³.

Em um vídeo postado em 4 de outubro de 2018, já as vésperas da eleição, o Deputado Estadual e Missionário da Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD), Missionário Ricardo Arruda deixa ainda mais claro seus laços com a denominação religiosa a qual pertence. Ao se apresentar, destaca sua trajetória profissional e familiar, e descreve como entrou na política através do convite de uma liderança religiosa.⁹⁴

Além disso, a crítica a "velha política" também está muito presente em seus discursos, como podemos observar em dois vídeos, o primeiro do dia 15 de março de 2018, no qual o deputado e então candidato faz um discurso durante um rodeio na cidade de Tibagi no Paraná. Além de lançar a Pré-Candidatura da ex-vereadora Aline Sleujes à Deputada Federal, ele profere um inflamado discurso sobre a Nova Política, clama por mudança ao se posicionar

⁹³ Ismael Oliveira. Missionário Ricardo Arruda defende a reputação do MON. 16/02/2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=l_VjrxUxuk&t=9s. Acesso em: 09/03/2022.

⁹⁴ Ismael Oliveira. Quem é Ricardo Arruda?. 04/10/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=115PNd0iEMo&t>. Acesso em: 09/03/2022.

contra a velha política e declara seu apoio à candidatura de Jair Messias Bolsonaro.

O segundo vídeo em que Ricardo Arruda ataca a “velha política” é datado de 16 de março de 2018 e tem como objetivo criticar Luis Claudio Romanelli, que na ocasião estava em seu sétimo mandato como deputado estadual do Paraná⁹⁵. Nas margens do vídeo podemos perceber os dizeres “O câncer do Brasil...A velha política”. Logo após se apresentar como autor do projeto escola sem partido, Ricardo Arruda acusa Romanelli de “derrubar” a votação do referido projeto e questiona se o então líder do governo é a favor das crianças, dos jovens, das famílias e da igreja, ou se é a favor apenas de seu próprio “grupinho” político.

Ricardo Arruda afirma-se como um combatente da velha política e esse é o motivo pelo qual resolveu se tornar um político. Ainda no vídeo citado no parágrafo anterior, ele destaca seu passado no setor privado, com trinta anos no setor financeiro e ainda acusa Romanelli de ter votado em caráter de urgência um projeto para liberar a venda de bebidas alcoólicas em estádios de futebol, o que segundo ele seria contrário a determinação da Polícia Militar do estado do Paraná, do Ministério Público e também contrário aos desejos da maior parte da população paranaense. Destaca também uma lei de sua autoria que torna gratuito os pedágios no estado do Paraná para quem tem doença grave e degenerativa. Termina o vídeo se afirmando de direita, brasileiro e apoiador de Jair Bolsonaro. Neste vídeo, é perceptível a estratégia do Missionário Ricardo Arruda, estratégia esta que possivelmente pode se estender para outros candidatos do pleito nacional de 2018 que se afirmavam como novidade, primeiro ele ataca o que ele considera como “velha política”, posteriormente se apresenta como uma figura que foi socializada fora do “mundo político” e por fim se posiciona como um integrante da direita brasileira e apoiador de Jair Bolsonaro, que em tese seria um representante da novidade.

Ricardo Arruda se apresenta como um "combatente da velha política", destacando sua trajetória no setor privado e alinhando-se à direita brasileira, com apoio explícito a Jair Bolsonaro. Esse discurso é comum entre candidatos

⁹⁵ Ismael Oliveira. Deputado Ricardo Arruda denuncia Romanelli. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7Ayl7fbEgoU&t=21s>. Acesso em: 09/03/2022.

que buscam se posicionar como outsiders e renovadores políticos (SANTOS; FOSSÁ, 2023). Além disso, ao se posicionar como um deputado de direita ou extrema direita, alinhando-se a valores conservadores e apoiando Jair Bolsonaro, reflete uma tendência de candidatos que buscam se identificar com o movimento conservador no Brasil, sobretudo no contexto das eleições nacionais de 2018.

Outro vídeo que mostra a proximidade entre Ricardo Arruda e Bolsonaro foi postado no dia 25 de março de 2018. Neste vídeo ambos gravam juntos uma mensagem para a região de Castro no Paraná⁹⁶, afirmam que essa é uma região muito forte e bolsonarista. Bolsonaro então agradece o apoio e manda um abraço pra região de Castro, diz considerar suas alianças acima de qualquer partido e que devemos pensar em mudança para um novo Brasil. "Deus abençoe" é a última coisa que o Missionário Ricardo Arruda diz no vídeo, reforçando seu compromisso com os eleitores cristãos. O vídeo em questão é um ótimo exemplo do “discurso da novidade”, pois nele estão presentes as ideias de que uma mudança deve ocorrer em nosso país e que as alianças políticas devem ocorrer independentemente dos partidos políticos e suas tradicionais amarras.

Em mais uma mídia em que Ricardo Arruda se posiciona contra a “velha política” e suas práticas, postado no dia 6 de abril de 2018⁹⁷, o então candidato a reeleição diz que trabalhou para conseguir verba para dois colégios em São José dos Pinhais no Paraná. Afirmado ter conseguido verba de 200 mil reais para um colégio e 350 mil para outro, Ricardo Arruda se diz indignado, pois o deputado Francisco Bührer (PSDB) foi tirar foto junto com a diretora de um dos colégios, como se ele fosse o responsável pela aquisição da verba. A crítica contida neste vídeo é sobre uma prática comum na política brasileira e também mundial, nomeada pelos estudiosos da área como credit claim, que nada mais é do que um político reivindicar para si o crédito por alguma benfeitoria.

⁹⁶ Ismael Oliveira. Bolsonaro com o Missionário Ricardo Arruda. 23/03/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CNlaIE0c6CM>. Acesso em: 09/03/2022.

⁹⁷ Ismael Oliveira. Ricardo Arruda denuncia Francisco Bührer. 06/04/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s0D6jGn0pyg&t=8s>. Acesso em: 09/03/2022.

5.4 Rodrigo Amorim: Ativismo polêmico e laços com a família Bolsonaro.

Outro político que tive o prazer de entrevistar – e que talvez seja o mais próximo da família Bolsonaro – é o carioca, Rodrigo Amorim, que ganhou notoriedade no Rio de Janeiro ao se candidatar como vice de Flávio Bolsonaro à prefeitura da cidade nas eleições municipais de 2016, sob o slogan “O Rio Precisa de Força Para Mudar”. Além disso, no cenário nacional, se tornou reconhecido e admirado pela extrema direita ao participar, ao lado de Daniel Silveira, do episódio de vandalismo que depredou a placa que homenageia a ex-parlamentar Marielle Franco.

Entre seus vídeos é comum encontrá-lo fazendo campanha para Flávio Bolsonaro⁹⁸⁹⁹¹⁰⁰, Jair Bolsonaro e João Leomi¹⁰¹ (então candidato a deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro), além de vídeos do lançamento de sua candidatura em que ele se posiciona como herdeiro da militância de Jair Bolsonaro¹⁰² e ressalta a importância de ter sido candidato a vice-prefeito em chapa encabeçada por Flávio Bolsonaro, a quem ele confere o título de “maior político do estado do Rio de Janeiro”¹⁰³.

Como de praxe, em seus vídeos ele levanta bandeiras como a importância do patriotismo, de combater a esquerda e a “velha política” e se posiciona como um representante capaz de conduzir o Brasil na direção das mudanças necessárias.

⁹⁸ O conservador. O conservador - Rodrigo Amorim (PSL - RJ) em Mesquita - RJ. Minha primeira reunião política!. 14/09/2018. Disponível em: [youtube.com/watch?v=RadWa6LiY64](https://www.youtube.com/watch?v=RadWa6LiY64). Acesso em: 16/09/2022.

⁹⁹ Deputado Rodrigo Amorim. Pré-campanha - Flávio Bolsonaro escolheu seu candidato a Deputado Estadual! - Rodrigo Amorim. 26/02/2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lvoX2RQ-SeA>. Acesso em: 16/09/2025.

¹⁰⁰ Deputado Rodrigo Amorim. Pré-campanha - Flávio Bolsonaro escolheu seu candidato a Deputado Estadual 2 - Rodrigo Amorim. 26/02/2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=x_1LBGhY2gU. Acesso em: 16/09/2022.

¹⁰¹ João leomi silva nunes. Dep Est Rodrigo Amorim 17777 e João Leomi 2018. 27/09/2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MGrbLpT8Z6M>. Acesso em: 16/09/2022.

¹⁰² Deputado Rodrigo Amorim. Lançamento de Campanha - Rodrigo Amorim no Ribalta - Parte 2 - Rodrigo Amorim. 26/02/2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LVZplMnA--4>. Acesso em: 16/09/2022.

¹⁰³ Deputado Rodrigo Amorim. Lançamento de Campanha - Rodrigo Amorim no Ribalta - Rodrigo Amorim. 26/02/2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fpyuxZMOB4w>. Acesso em: 16/09/2022.

Foi postado no dia 18 de outubro de 2018, no canal denominado “Linkezine”, uma entrevista com Rodrigo Amorim dividida em duas partes, que se unidas somam pouco mais de seis minutos, nesta entrevista Rodrigo se dedica a fazer uma breve apresentação, na qual salienta o fato de ser “tijucano assim como Flávio Bolsonaro”, cita as características geográficas e culturais de seu bairro, além de afirmar que a cidade e o estado do Rio de Janeiro como um todo sofre com a criminalidade e coloca como solução “uma mão enérgica do executivo e do legislativo”¹⁰⁴. Já na segunda parte da entrevista, ele agradece ao eleitor do RJ pela votação, enaltece o resultado que Jair Bolsonaro e Flávio Bolsonaro tiveram no primeiro turno das eleições nacionais de 2018, assim como na ALERJ (Assembleia Legislativa do estado do Rio de Janeiro) e no Congresso, considera como uma ruptura com o sistema e um grande recado eleger políticos novos, destaca o resgate da ordem, a família como base da sociedade, a diminuição do tamanho do Estado, bem como a liberdade e o progresso econômico.¹⁰⁵

Contudo, entre todos os vídeos postados por Rodrigo Amorim, o que mais se destacou ao longo de minha análise foi um vídeo intitulado “Marechal Floriano PRESENTE!”¹⁰⁶. O vídeo em questão tem início com um trecho de um jornal da TV Globo que noticiaava o assassinato de um empresário na frente do seu próprio filho, crime que teria acontecido na mesma noite em que a ex-vereadora Marielle Franco e seu motorista Anderson Gomes foram assassinados. Posteriormente, Rodrigo Amorim aparece no vídeo com uma camisa preta com a estampa de uma mão segurando uma arma de fogo e diz que a ex-vereadora Marielle Franco é mais uma das milhares de vítimas que a violência faz no Brasil e culpa os partidos e movimentos de esquerda por “passarem a mão na cabeça de vagabundo”. Na sequência, o vídeo mostra a cena da facada desferida contra Jair Bolsonaro no município de Juiz de Fora,

¹⁰⁴ Linkezine. Entrevista com Rodrigo Amorim parte 1. 11/10/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6HjEMGQvHUI>. Acesso em: 16/09/2022.

¹⁰⁵ Linkezine. Entrevista com Rodrigo Amorim parte 2. 11/10/2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hyhBDUypf_M. Acesso em: 16/09/2022.

¹⁰⁶ Deputado Rodrigo Amorim. Marechal Floriano PRESENTE! - Rodrigo Amorim. 26/02/2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GmLOi09luFs>. 16/09/2022.

em Minas Gerais e Rodrigo Amorim afirma que o ocorrido foi um atentado contra a democracia no qual os partidos de esquerda se calaram. Em seguida, Daniel Silveira, então candidato a deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro, também surge no vídeo, com uma camisa preta com o rosto de Jair Bolsonaro estampado em branco, dizendo que a morte de Marielle Franco não pode servir de desculpa para depredação de patrimônio público. Por fim, Daniel e Rodrigo dizem que vão restaurar o patrimônio público, para em seguida tirar a placa com o nome da ex-vereadora enquanto gritam o nome do Marechal Floriano que dava nome a rua e estava em uma placa por baixo da placa que homenageava Marielle.

5.5 Giuseppe Riesgo: Críticas à velha política e defesa de pautas liberais no Rio Grande do Sul.

Outro candidato pelo partido NOVO nas eleições nacionais de 2018 que também teve os vídeos de seu canal no Youtube analisados nesta pesquisa foi Giuseppe Riesgo. Com forte base no município de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, Riesgo foi eleito deputado estadual pelos gaúchos, e como é possível notar pela sua entrevista e pelos seus vídeos, é mais um que segue os padrões liberais, comuns aos integrantes do partido NOVO e também a aqueles políticos que se consideram como pertencentes da “nova política”.

Dos vídeos postados no canal de Riesgo no Youtube, se destacam aqueles nos quais os assuntos estão ligados a cidade de Santa Maria, sobretudo os que envolvem a Universidade Federal de Santa Maria e os atos políticos que supostamente teriam acontecidos em seu interior. Tudo começa com a caravana de Lula pelo estado do Rio Grande do Sul, mas propriamente quando o reitor da Universidade Federal de Santa Maria recebe Lula e Dilma Rousseff¹⁰⁷. Para Riesgo, isso é uma “barbaridade dentro da Universidade” e não deve ser permitido que essa estratégia seja utilizada por todo o Brasil, pois o PT está fazendo isso com dinheiro público e a população deve se revoltar.

¹⁰⁷ Giuseppe Riesgo. ABURDO! UNIVERSIDADE VIROU PALANQUE DO PT!. 19/06/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oE0hHthU9x8&t=1s>. Acesso em: 25/01/2022.

Em outro vídeo, Riesgo aparece na frente do prédio do Ministério Público, segurando um documento e dizendo que atos políticos e partidários dentro de instituições públicas são contra a lei. Desta forma ele denuncia Lula por fazer campanha antecipada pelo Brasil¹⁰⁸.

Já em vídeo curto, de menos de um minuto, com título de “NÃO QUERO LULA EM SANTA MARIA!”¹⁰⁹ Riesgo diz que não quer a presença de Lula em Santa Maria, pois ele é corrupto, ladrão e um condenado pela justiça, que deveria estar na cadeia e não fazendo campanha pelo Rio Grande do Sul. Em outro vídeo curto, de aproximadamente um minuto, Giuseppe Riesgo mostra o ofício do Ministério Público Federal (MPF) que informa que foi instaurado um procedimento para averiguar supostos atos de improbidade administrativa por parte do então reitor da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)¹¹⁰.

Na última mídia audiovisual¹¹¹ que explora a contenda entre Riesgo e o reitor da UFSM, o então candidato a deputado estadual afirma que o então reitor tenta intimidá-lo ao mesmo tempo em que nega o acontecimento de um comício do PT na frente da reitoria da UFSM. Contudo, Riesgo utiliza vídeos do dia em questão para mostrar o que ocorreu no evento. Já reitor da UFSM acusa Riesgo de utilizar essa questão para se promover à custa de uma denúncia caluniosa.

Nesta série de vídeos abordados nos parágrafos anteriores, fica claro o posicionamento de Riesgo contra o PT e contra a UFSM. Se posicionar contra a atuação de seu adversário político declarado na cidade que representa sua base política é muito mais do que uma estratégia da direita ou dos políticos que se dizem a novidade, mas sim uma forma de marcar território e mostrar para as pessoas do seu reduto eleitoral que ele está presente e que zela pela região. Mais uma vez a escolha de um inimigo se faz presente e mais uma vez a

¹⁰⁸ Giuseppe Riesgo. DENUNCIEI O REITOR DA UFSM AO MPF. 19/06/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=po-smpUZ4ul>. Acesso em: 25/01/2022.

¹⁰⁹ Giuseppe Riesgo. NÃO QUERO LULA EM SANTA MARIA!. 19/06/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z6W-fNjuJNA>. Acesso em: 25/01/2022.

¹¹⁰ Giuseppe Riesgo. REITOR DA UFSM INVESTIGADO PELO MPF. 19/06/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mhAyEBiyTDk>. Acesso em: 25/01/2022.

¹¹¹ Giuseppe Riesgo. REITOR DA UFSM INVESTIGADO PELO MPF. 19/06/2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=eF_Ub0lOkTY. Acesso em: 25/01/2022.

esquerda de modo geral e o PT, mais propriamente, são reiteradamente os eleitos para representar o mal que assola o sistema político. Uma estratégia que se mostrou não só presente, mas eficaz, como sugere Girardet (1987).

Todavia, outros vídeos em que sua cidade natal é o tema central também são recorrentes. Como por exemplo, o vídeo postado no dia 19 de junho de 2018 e que leva título de “E O HOSPITAL REGIONAL DE SANTA MARIA?”¹¹². No vídeo em questão, ele considera o Hospital Regional de Santa Maria como uma piada de mau gosto com quem paga os impostos. Pois a obra demorou muitos anos para ser concluída, foram gastos duas vezes o valor previsto na obra e mesmo depois de pronto o hospital não funcionava a contento. Este vídeo também pode ser interpretado como uma crítica a gestão da época, considerada como “velha política”.

Em outro vídeo, desta vez intitulado "CUSTO DOS VEREADORES DE SANTA MARIA" ¹¹³ e postado no dia primeiro de julho de 2018, o objetivo de Riesgo também é criticar a atuação de políticos da sua região, pois segundo ele explica no vídeo, vereadores de Santa Maria gastam por dia 60 mil reais, o que seria um montante maior do que o faturamento da maioria das empresas da região no mesmo período de 24 horas. Além disso, Riesgo também é crítico ao conteúdo dos projetos apresentados pelos parlamentares da Câmara Municipal da cidade de Santa Maria, que segundo ele se resumem em trocar nomes de ruas e homenagear pessoas, ao passo que deveriam se preocupar com os reais problemas do município. Para finalizar ele destaca a importância da população votar atentamente para os cargos que compõe o legislativo, assim como o cargo no qual ele seria candidato alguns meses após a postagem do vídeo.

¹¹² Giuseppe Riesgo. E O HOSPITAL REGIONAL DE SANTA MARIA?. 19/06/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GNJv2uZUVKo>. Acesso em: 25/01/2022.

¹¹³ Giuseppe Riesgo. CUSTO DOS VEREADORES DE SANTA MARIA. 01/07/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2Y3DN3xjkwc>. Acesso em: 25/01/2022.

Já em um vídeo postado no dia três de agosto de 2018, com o título de “TRANSPORTE PÚBLICO = CARTEL AUTORIZADO”¹¹⁴, a crítica com relação a administração da cidade de Santa Maria se dá por conta forma como a prefeitura de municipal opera o transporte público. Segundo ele, o modelo de concessão é falho, pois não ocorreu licitação, além do serviço ser de baixa qualidade e caro, devido à falta de concorrência. Neste vídeo podemos perceber uma premissa liberal, que sugere que a livre concorrência do mercado é fato indispensável para boa qualidade e preço justo do produto oferecido.

Contudo, suas críticas ao antigo modelo de se fazer política não se limitam apenas ao município de Santa Maria, onde sua base está localizada. Seu estado de origem, o Rio Grande do Sul, também é alvo de seu juízo, como fica claro em vídeo postado dia quatro de outubro de 2018, apenas três dias antes do primeiro turno da eleição nacional do dito ano. Nomeado de “MINHAS PROPOSTAS - REDUÇÃO DO ESTADO”¹¹⁵, o vídeo em questão se dedica a elencar possíveis soluções para a crise fiscal. Entre as soluções elencadas por Giuseppe Riesgo, estão o corte de gastos, pois segundo ele o estado do Rio Grande do Sul gastou muito mal nos anos anteriores, as empresas estatais dão prejuízo e existem muitos privilégios para o funcionalismo público. Pode-se perceber então, que a ideia de enxugamento do Estado e melhor gerenciamento, que sem dúvidas são pautas importantes para os liberais da direita que se articulam como “novidade”, são questões muito marcantes neste vídeo.

Os deputados da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul (ALRS)¹¹⁶ também são alvo das críticas de Riesgo. Em vídeo postado no dia 16 de agosto de 2018, ele salienta a inutilidade dos debates na assembleia ao citar uma série de projetos de lei que possuem temáticas que não deveriam ser

¹¹⁴ Giuseppe Riesgo. TRANSPORTE PÚBLICO = CARTEL AUTORIZADO. 03/08/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O7jJ1452Rr8>. Acesso em: 25/01/2022.

¹¹⁵ Giuseppe Riesgo. MINHAS PROPOSTAS - REDUÇÃO DO ESTADO. 04/10/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vu13dD61we8>. Acesso em: 25/01/2022.

¹¹⁶ Giuseppe Riesgo. A CANETA MÁGICA DOS DEPUTADOS. 16/08/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CaUo4VkRfAA>. Acesso em: 25/01/2022.

levados em consideração, como por exemplo, proibir a venda de produtos que não sejam saudáveis nas cantinas das escolas, cota de 20% para músicas de compositores gaúchos nas rádios e a proibição de acorrentar cachorros. Para ele, a principal função dos políticos não deveria ser criar leis, mas revogá-las, pois, existem muitas leis inúteis, em suas palavras “deputados recebem salários para atrapalhar nossa vida e o governo não consegue gerenciar nem ele, vai querer gerenciar nossa vida também?”

Já em vídeo postado no dia 14 de agosto de 2018¹¹⁷ a crítica se estender a todo o Brasil, mais especificamente a quantidade de políticos existentes no país e aos gastos exorbitantes que este alto número resulta. Segundo Riesgo há muitos políticos no Brasil e, por conseguinte há também muitos assessores, ao explanar uma lista com números aproximado dos gastos com as aposentadorias de políticos e o dinheiro recebido pelos partidos, ele questiona se o destino deste valor não deveria ser a saúde, a educação e a segurança e reforça que em 2018 temos uma boa oportunidade de não reeleger ninguém. Este vídeo é um bom exemplo de como os candidatos que em 2018 se assumiam como a novidade criticavam a velha política e não perdiam a oportunidade de clamar por mudança.

Críticas aos políticos filiados ao Partido dos Trabalhadores também integram seu canal no Youtube. Como por exemplo, o vídeo intitulado “PAULO PIMENTA NÃO ME REPRESENTA” ¹¹⁸, que foi postado no dia 19 de junho de 2018. Neste vídeo, Riesgo diz que o deputado federal Paulo Pimenta, que assim como ele nasceu em Santa Maria, não deveria possuir um mandato, pois Pimenta é um ex-presidente do diretório central dos estudantes (DCE) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), que parece ainda pertencer ao DCE, visto que “ele fala muita baboseira como a ‘gurizada’ de 17 ou 18 anos”. Tais “baboseiras” consistem em considerar o ex-presidente da República Michel Temer e a mídia brasileira como golpistas, por tramarem contra a ex-presidente Dilma Rousseff. Além disso, Pimenta se posiciona contra a

¹¹⁷ Giuseppe Riesgo. MATEMÁTICA INSUSTENTÁVELS. 16/08/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9fsjV1jwKsU>. Acesso em: 25/01/2022.

¹¹⁸ Giuseppe Riesgo. PAULO PIMENTA NÃO ME REPRESENTA. 19/06/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EzC69-bDznU>. Acesso em: 25/01/2022.

operação lava-jato e a favor da liberdade de Lula. Para Riesgo, o comportamento de Paulo Pimenta, é compatível com a postura de um adolescente que possuí mandato de deputado federal e em sua opinião, ele não deveria ser deputado por não representar a cidade de Santa Maria, por isso em 2018 não devemos reeleger ninguém.

Outra integrante do PT que também foi alvo do julgamento de Giuseppe Riesgo é Gleisi Hoffmann, em vídeo que leva o nome de “RESPOSTA ÀS MENTIRAS DE GLEISI HOFFMANN” e foi postado no dia 19 de junho de 2018¹¹⁹. Riesgo critica o referido vídeo em que Gleisi aborda a prisão de Lula. Ao discordar veementemente de Gleisi, ele afirma que Lula não é um preso político e que o processo contra ele não foi ilegal, também se posiciona favoravelmente ao impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff.

Já em vídeo que também foi postado no dia 19 de junho de 2018, intitulado “REAGINDO: COMENTÁRIOS DE PETISTAS” ¹²⁰, Riesgo reage de forma bem humorada e irônica aos comentários que recebeu de petistas em sua página, ao mesmo tempo em que tece uma crítica ao fato da esquerda se dizer amorosa e tolerante diante das diferenças.

Nos últimos três vídeos aqui abordados podemos notar uma característica típica da nova direita brasileira que ao se ancorar em posicionamentos contrários ao Partido dos Trabalhadores, ela atinge também a esquerda como um todo e também o que ela considera como velha política. Atitude que se mostrou muito proveitosa no contexto das eleições nacionais de 2018, na qual a esquerda, sobretudo o PT e seus líderes se viam muito fragilizados.

Para a nova direita o mito do complô aparece de forma recorrente como um dos pilares do discurso político. Inspirado pelo que Girardet (1987) descreve como uma narrativa de simplificação da realidade, a nova direita e

¹¹⁹ Giuseppe Riesgo. RESPOSTA ÀS MENTIRAS DE GLEISI HOFFMANN. 19/06/2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=p8G4_z7H9PU. Acesso em: 25/01/2022.

¹²⁰ Giuseppe Riesgo. REAGINDO: COMENTÁRIOS DE PETISTAS. 19/06/2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=R_ryScrlhdM. Acesso em: 25/01/2022.

seus membros frequentemente identificam inimigos ocultos e organizados como responsáveis por todos os males enfrentados pelo país.

Para Raoul Girardet (1987), o mito do complô é uma ferramenta poderosa de interpretação política, que reduz a complexidade social a uma luta entre o bem e o mal, simplificando a realidade para facilitar o engajamento emocional e político das massas — mesmo à custa da verdade.

Riesgo também utiliza seu espaço no Youtube para divulgar suas propostas de campanha. Todas elas bem fiéis a pautas liberais, seguindo a cartilha da direita em suas mais variadas facetas. Entre elas podemos perceber a presença de ideias como a redução do tamanho do Estado, com o intuito de sair da crise fiscal e cortar gastos, pois as empresas estatais dão prejuízo, e proporcionam muitos privilégios para o funcionalismo público¹²¹. A desburocratização¹²² também foi uma pauta da sua campanha, que segundo ele facilita a criação de empresas e o aumento da concorrência, proporcionando desenvolvimento econômico.

Aumentar a segurança pública¹²³ no estado do Rio Grande do Sul é outra de suas proposições, salienta a complexidade do sistema carcerário, e ao citar o exemplo do estado de Minas Gerais, considera que as parcerias público-privadas são uma boa forma de aumentar o número de presídios e sua eficiência, já que a iniciativa privada seria mais competente pra evitar entrada de drogas e armas. Além da reabilitação do preso.

A segurança pública tem se consolidado como uma das principais pautas conservadoras no Brasil, especialmente a partir dos anos 2010, em meio a um contexto de aumento da violência urbana, sensação de impunidade e descrença nas instituições de justiça criminal. Giuliano da Empoli, em sua análise do fenômeno da nova direita, destaca como figuras políticas, como o clã Bolsonaro, têm capitalizado sobre esse sentimento de insegurança para promover suas agendas conservadoras. Empoli (2019) argumenta que essas

¹²¹ Giuseppe Riesgo. MINHAS PROPOSTAS - REDUÇÃO DO ESTADO. 04/10/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vu13dD61we8>. Acesso em: 25/01/2022.

¹²² Giuseppe Riesgo. MINHAS PROPOSTAS - BUROCRACIA. 03/10/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9CjEp41L0Nw>. Acesso em: 25/01/2022.

¹²³ Giuseppe Riesgo. MINHAS PROPOSTAS - SEGURANÇA. 03/10/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f3QWNsl7zTI>. Acesso em: 25/01/2022.

lideranças utilizam estratégias de comunicação eficazes para amplificar as preocupações com a segurança entre o eleitorado, explorando o medo e a sensação de vulnerabilidade da população. Dessa forma, a segurança pública não apenas se torna uma questão central nas campanhas políticas, mas também um instrumento para galvanizar apoio e legitimar políticas que prometem ordem e controle em tempos de incerteza. Essa pauta, associada a valores como ordem, autoridade e punição, tem sido mobilizada por partidos, lideranças e movimentos da nova direita brasileira, que a utilizam como símbolo de compromisso com o "cidadão de bem" e contra o que chamam de impunidade.

A aquisição de armas também faz parte do seu rol de propostas¹²⁴. Em um vídeo intitulado “PRECISAMOS FALAR SOBRE ARMAS!”, Riesgo compara Brasil, Paraguai e os Estados Unidos da América para justificar o acesso a armas. Segundo explanado no vídeo, a esquerda diz que a violência é culpa da pobreza, da falta de educação e da desigualdade. Ao comparar o caso brasileiro com o paraguaio, ele afirma que superamos nossos vizinhos em todos estes indicadores, e ainda sim somos um país mais violento. Para ele, a diferença essencial é que no Paraguai é permitido aos cidadãos comuns terem acesso a armas. Riesgo encerra o vídeo criticando o Referendo de 2005 que versava sobre a proibição do consumo de armas de fogo no Brasil, pois este referendo foi responsável por deixar a população mais insegura e mais vulnerável à ação de bandidos e a governos ditatoriais.

Além de ser contra o estatuto do desarmamento, Riesgo também se posiciona contra a existência de meia-entrada¹²⁵ em eventos, sobretudo para professores¹²⁶. Justifica sua posição dizendo que essa lei não gera igualdade de acesso, já que existem professores de diferentes classes e que aqueles que

¹²⁴ Giuseppe Riesgo. PRECISAMOS FALAR SOBRE ARMAS!. 06/08/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qD12P7kyg20>. Acesso em: 25/01/2022.

¹²⁵ Giuseppe Riesgo. PROFESSOR PAGANDO MEIA ENTRADA?. 19/06/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F89VlzMm-TE>. Acesso em: 25/01/2022.

¹²⁶ Giuseppe Riesgo. PROFESSOR PAGANDO MEIA ENTRADA?. 19/06/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F89VlzMm-TE>. Acesso em: 25/01/2022.

não são professores acabam pagando uma porcentagem pelo ingresso dos professores, pois "não existe almoço grátis".

Além de suas propostas, outro assunto destacado pelo então candidato a ocupar uma cadeira na assembleia gaúcha é o pacto federativo previsto na Constituição Federal de 1988, e apresenta um conjunto de regras que tem como objetivo demarcar o campo de atuação dos três entes federados (União, estados e municípios) no que tange leis, suas obrigações pecuniárias, bem como arrecadação e distribuição de recursos. É justamente sobre essa última característica do pacto federativo que permeiam as críticas de Riesgo, dado que para ele o Rio Grande do Sul sustenta Brasília e os estados do Norte e Nordeste, como fica claro no vídeo “RIO GRANDE DO SUL: ESTADO PAGADOR”¹²⁷. Neste vídeo ele critica a forma como o valor pago em impostos retorna ao Rio Grande do Sul. Segundo ele o estado do Rio Grande do Sul é um estado pagador, assim como o estado de Santa Catarina. Já estados do nordeste brasileiro como o Maranhão e o Piauí recebem mais recursos provenientes do Governo Federal do que de fato contribuem com impostos. Segundo sua exposição, os gaúchos trabalham, pagam impostos e pouco retorna para seu estado, logo o Rio Grande do Sul tem dificuldade de honrar seus compromissos, sobretudo no que diz respeito ao pagamento de seus funcionários, ao passo que Brasília esbanja dinheiro. Sob essa ótica, o Governo Federal arrecada muito dinheiro e tal montante não deveria sair do Rio Grande do Sul.

Este modo de pensar encarnado na fala de Riesgo é muito parecido com o que podemos ver no episódio protagonizado pelo governador do estado de Minas Gerais Romeu Zema em entrevista ao jornal O Estado de São Paulo no ano de 2023, quando comparou os habitantes do Norte e Nordeste com uma “vaquinha que pouco produz”¹²⁸. Zema que por sua vez, pertence ao mesmo partido de Giuseppe Riesgo, o partido NOVO e foi eleito pela primeira vez em 2018 e reeleito em 2022.

¹²⁷ Giuseppe Riesgo. RIO GRANDE DO SUL: ESTADO PAGADOR. 08/08/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lo5IEaRIExA>. Acesso em: 25/01/2022.

¹²⁸ Disponível em: <https://odia.ig.com.br/brasil/2023/08/6685833-politicos-criticam-romeu-zema-por-xenofobia-contra-o-norte-e-nordeste.html>. Acessado em: 20/11/2023.

Ainda sobre o pacto federativo, em vídeo postado no dia 5 de agosto de 2023, intitulado “PACTO FEDERATIVO: EXPLORAÇÃO DO RS”¹²⁹, Riesgo continua criticando a forma como pacto federativo afeta o estado do Rio Grande do Sul. De acordo com sua visão, o estado gaúcho está quebrado mesmo sendo a quarta melhor economia do Brasil. Para ele o Rio Grande do Sul deveria ser um estado muito rico, graças a tudo que produz. Contudo, apesar de produzir muito, nem tudo fica no Sul e “desde a revolução farroupilha o gaúcho trabalha muito para sustentar o Brasil”.

Na fala de Giuseppe Riesgo sobre o pacto federativo deve-se destacar tanto a presença de elementos típicos do liberalismo e da direita, como por exemplo, a crítica a cobrança de impostos, mas também não se pode perder de vista questões relacionadas a identidade do gaúcho, como por exemplo, a exaltação do movimento farroupilha.

5.6 Fábio Ostermann: Atraindo apoio para o liberalismo e fortalecendo o partido NOVO.

Giuseppe Riesgo não é o único político gaúcho, assumidamente liberal e membro do partido NOVO explorado neste trabalho. A partir agora me atentarei aos vídeos postados no canal do Youtube de seu conterrâneo e correligionário Fábio Ostermann.

Fábio foi um dos fundadores do Movimento Brasil Livre (MBL) e membro benemérito do Livres, uma organização civil sem fins lucrativos que atua como um movimento político suprapartidário em defesa do liberalismo¹³⁰, além de ser professor e cientista político.

Ao longo da análise dos 38 vídeos postados em seu canal, no ano em que as eleições nacionais de 2018 ocorreram, merece destaque seu empenho em propagar a doutrina liberal, como por exemplo, no vídeo denominado “Por que eu sou um liberal? Fábio Ostermann explica”¹³¹ no qual ele elenca três

¹²⁹ Giuseppe Riesgo. PACTO FEDERATIVO: EXPLORAÇÃO DO RS. 05/08/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lgGKWTJ3Who>. Acesso em: 25/01/2022.

¹³⁰ Disponível em: <https://www.eusoulivres.org/>. Acesso em: 20/02/2024.

¹³¹ Fabio Ostermann. Por que eu sou um liberal? Fábio Ostermann explica. 06/08/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pvu1oZPgN8c>. Acesso em: 14/05/2020.

motivos pelos quais ele afirma ser um liberal: o primeiro motivo seria o a ideia de que cada pessoa é um universo e somente nós sabemos o que é melhor para nós mesmo, não o Estado, outra pessoa ou entidade qualquer; em segundo lugar, para Fábio faz sentido ser liberal, pois toda sociedade é diversa e só o liberalismo é capaz de pacificar os conflitos que emergem naturalmente, haja vista que o liberalismo é ancorado em alguns pilares básicos como a liberdade, a propriedade privada, a igualdade perante a lei, o estado de direito e um governo limitado; por fim, mas não menos importante, segundo ele a liberdade funciona, pois todas as nações que deram certo implementaram a base das ideias liberais.

Fábio Ostermann também sustenta a tese de que o liberalismo seria melhor para os mais pobres, como fica claro no vídeo postado no dia 9 de agosto de 2018¹³². Segunda a visão defendida por Fábio a pobreza e a carência de bens materiais sempre foi a regra ao longo da história da humanidade até o desenvolvimento do capitalismo, ancorado nas idéias liberais surgidas nos séculos XVII e XVIII. Assim, o liberalismo seria essencialmente uma idéia de emancipação dos mais pobres, mais frágeis e historicamente desprovidos de privilégios.

Ostermann também utiliza seu canal no Youtube para divulgar alguns pensadores liberais como o francês Frederic Bastiat¹³³ e o estadunidense Milton Friedman¹³⁴ ¹³⁵. Contudo, também se preocupa em orientar o comportamento dos liberais com relação à política, como por exemplo, no vídeo publicado no dia 12 de agosto de 2018, intitulado “Liberais devem participar da política?”, vídeo no qual ele assegura que a atuação dos liberais

¹³² Fabio Ostermann. O liberalismo é melhor para os mais pobres. 09/08/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XtbiaMYIm8k>. Acesso em: 14/05/2020.

¹³³ Fabio Ostermann. Você sabe quem foi Bastiat? Fábio Ostermann explica. 01/07/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A4taRHD10No>. Acesso em: 14/05/2020.

¹³⁴ Fabio Ostermann. Milton Friedman e a mão invisível na política. 07/07/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qH5ggx7Akzc>. Acesso em: 14/05/2020.

¹³⁵ Fabio Ostermann. Fábio Ostermann explica as 4 maneiras de gastar dinheiro. 09/07/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0G6oPC3fhCA>. Acesso em: 14/05/2020.

deve ocorrer tanto no âmbito da política quanto em outras esferas, por considerar como atuações complementares. Fábio acredita que a maioria das pessoas não são liberais, portanto seria difícil um candidato ser vitorioso em uma eleição majoritária, todavia ele crê ser grande a possibilidade de ter liberais no legislativo. Para que isso ocorra, deve-se convencer as pessoas da necessidade de uma mudança cultural, através da atuação dos movimentos liberais fora da política, sem excluir a possibilidade da mudança por dentro do sistema político, pois existem lideranças políticas liberais competentes para isso.

Fábio Ostermann também utiliza seu espaço na internet para tecer algumas críticas aos monopólios, como no vídeo “Você sabe identificar um monopólio?¹³⁶”, em que o então candidato explora a ideia de que muita gente tem um conceito errado do que são os monopólios, o que faz com que não se dê a atenção devida ao verdadeiro problema da questão: empresas que têm um tratamento especial do governo, impedindo novos negócios no setor e o surgimento de concorrentes que ofereçam alternativas aos consumidores. As empresas estatais também são alvo de suas críticas, como fica evidente no vídeo nomeado “Estatais: estratégicas para quem?”¹³⁷ e que conta com a participação de João Amoedo, então presidente do partido NOVO e candidato a Presidência da República em 2018, que sustenta a tese de que as estatais até podem ser estratégicas, mas unicamente para os políticos que as usam para se perpetuarem no poder e desviar recursos.

A crítica liberal ao monopólio das estatais é uma das mais antigas e consistentes dentro da tradição do liberalismo econômico. Essa crítica parte do princípio de que a concorrência é essencial para garantir eficiência, inovação e respeito ao consumidor, e que monopólios — especialmente quando exercidos pelo Estado — tendem à ineficiência, corrupção e autoritarismo econômico. Para Adam Smith, em *A Riqueza das Nações* (1996), a função do Estado deveria se limitar à defesa, justiça e poucas obras públicas. Ele via com preocupação qualquer atividade econômica monopolizada pelo poder público.

¹³⁶ Fabio Ostermann. Você sabe identificar um monopólio?. 10/07/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=noKlctD3iNk>. Acesso em: 14/05/2020.

¹³⁷ Fabio Ostermann. Estatais: estratégicas para quem?. 10/07/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ck6QMZDUI6Q>. Acesso em: 14/05/2020.

Criticar o federalismo e a forma como os impostos são arrecadados e distribuídos no Brasil também é uma de suas pautas, o que por vezes me parece uma estratégia para se posicionar como um defensor do seu estado o Rio Grande do Sul, o que pode ser inteligente para quem está em campanha para deputado estadual. Fábio claramente lança mão desta estratégia no vídeo “Mais RS, menos Brasília!”¹³⁸ ¹³⁹, publicado no dia 20 de junho de 2018, vídeo no qual ele aparece em Brasília na Esplanada dos Ministérios afirmando que os burocratas usam mal nosso dinheiro e se posicionando contra o federalismo. Encerra o vídeo com a seguinte pergunta: “E se os recursos gerados no Rio Grande e as decisões importantes sobre a nossa vida ficassem mais no Rio Grande e menos em Brasília?”

Ainda em sua defesa ao Rio Grande do Sul, no vídeo “Como fazer o RS voltar a crescer?” ¹⁴⁰ Fábio apresenta medidas que ele julga serem necessárias para permitir que seu estado volte ao caminho da prosperidade, como, por exemplo, privatizar no âmbito federal e estadual, uma vez que segundo sua concepção gestores privados seriam mais eficientes além de tirar da mão dos políticos a oportunidade de criar esquemas de corrupção; melhorar o ambiente para os negócios no estado; e por fim conter gastos do governo estadual.

Por ser um candidato que assumidamente adota posturas contra os ideais da esquerda, críticas a este espectro político, a alguns de seus partidos e seus integrantes também são recorrentes nos vídeos postados no seu canal do Youtube. Em uma de suas mídias postada no dia 14 de jan. de 2018, que leva o título de “Lula Na Cadeia”, Fábio apresenta um recorte de uma fala de Lula em 1989 falando sobre impunidade e corrupção, ao final do vídeo um bebê surge dando gargalhadas. Além de Lula, Ciro Gomes é outro candidato a Presidência da República nas eleições de 2018 que também é criticado nos

¹³⁸ Podemos notar aqui uma referência ao slogan "Mais Brasil e menos Brasília" frequentemente associado a Paulo Guedes reflete a ideia de descentralização do poder e dos recursos, promovendo maior autonomia para estados e municípios em contraposição ao controle centralizado na capital federal. Essa abordagem busca valorizar a diversidade regional e fomentar um desenvolvimento econômico mais equilibrado em todo o país

¹³⁹ Fabio Ostermann. Mais RS, menos Brasília!. 20/06/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DiTe8e32DPQ>. Acesso em: 14/05/2020.

¹⁴⁰ Fabio Ostermann. Como fazer o RS voltar a crescer? 10/09/2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=AQVJ0gaul_0. Acesso em: 14/05/2020.

vídeos de Fábio Ostermann, como demonstrado no vídeo “Ciro Gomes passa a mão na cabeça do ditador Nicolás Maduro”¹⁴¹ de 29 de maio de 2018, no qual as críticas são direcionadas para Ciro e para Nicolás Maduro, governante da Venezuela. Segundo Fábio argumenta, em entrevista ao programa Roda Viva, Ciro Gomes, mostrou grande desrespeito pela oposição venezuelana que tenta tirar o país de um ciclo de destruição econômica, social e política causada pelos governos socialistas de Hugo Chávez e Nicolás Maduro. Além disso, Ciro ainda teria acusado de interferência os Estados Unidos e o governo brasileiro (na época chefiada por Michel Temer) que, segundo Fábio, finalmente havia saído da posição conivente adotada pelos governos Lula e Dilma e resolveu enfrentar um fato óbvio de que a Venezuela não é mais, há muito tempo, uma democracia e o Brasil, como maior democracia da região, precisa apoiar o povo venezuelano em sua luta pela liberdade.

Contudo, este não é a única mídia em que Fábio Ostermann utiliza a Venezuela como um mau exemplo. No vídeo “Fábio Ostermann explica em uma palavra a tragédia da Venezuela: SOCIALISMO”¹⁴², ele apresenta algumas de suas considerações sobre nossos vizinhos do norte. Segundo Fábio a raiz dos problemas da Venezuela é tentar implementar o socialismo, levando em consideração que vários lugares do mundo já tentaram e nunca deram certo, pois o Socialismo não tem como dar certo.

Para finalizar, o conjunto de vídeos publicados por Fábio Ostermann sobre a esquerda, em vídeo postado no dia 12 de mar. de 2018, nomeado de “Fábio Ostermann explica a importância do Marxismo”¹⁴³, ele nos apresenta um texto de autoria de Gustavo Maultasch. E argumenta que a importância do Marxismo é nos lembrar que existem no mundo pessoas inocentes, psicopatas, autoritárias, narcisistas, hipócritas, preguiçosos e que o legado do Marxismo é de miséria e genocídio.

¹⁴¹ Fabio Ostermann. Ciro Gomes passa a mão na cabeça do ditador Nicolás Maduro. 29/05/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=amwescW5srY>. Acesso em: 14/05/2020.

¹⁴² Fabio Ostermann. Fábio Ostermann explica em uma palavra a tragédia da Venezuela: SOCIALISMO. 18/02/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ucOw8ICY4Lk>. Acesso em: 14/05/2020.

¹⁴³ Fabio Ostermann. Fábio Ostermann explica a importância do Marxismo. 12/03/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eADlcoGdXqg>. Acesso em: 14/05/2020.

Mais uma vez podemos perceber como a esquerda é apresentada como o mal a ser combatido no sistema político brasileiro, o que continua reforçando a ideia desenvolvida por Girardet (1987) sobre o mito do complô.

Mas nem só de críticas é feito o canal de Fábio Ostermann no Youtube. Como se trata de um ano eleitoral, não poderiam faltar vídeos que abordam temas de campanha, bem como sua apresentação como candidato e a apresentação de seu partido. Foram identificados dezenas de vídeos nos quais os objetivos são se apresentar como candidato a deputado estadual pelo estado do Rio Grande do Sul, fazer campanha para as eleições nacionais que ocorreram em 2018 e divulgar as ideias do partido NOVO.

Entre esses vídeos, merece destaque um vídeo postado em 7 de abril de 2018, aproximadamente seis meses antes da eleição, no qual Ostermann destaca a importância desse pleito para os liberais¹⁴⁴. Fábio enxergava este pleito como uma oportunidade única de eleger novos representantes, pois em 2014 não existia um partido como o NOVO e não existia um movimento como o LIVRES. O que havia eram candidaturas esparsas em partidos tradicionais, sem a existência de candidaturas majoritárias defendendo ideias liberais em nenhum estado e nem no âmbito nacional. Já em 2018 o cenário é diferente, com os candidatos do NOVO e de outros partidos. Contudo, Fábio Ostermann faz um alerta aos outros partidos, devido ao risco de novas candidaturas liberais se tornarem um mero degrau para lideranças tradicionais, suas coligações e chapas. Ele se mostra otimismo com as eleições de 2018 por considerá-las um momento importante para difundir as ideias liberais.

Outro vídeo relevante é o denominado “Ajude a mudar a história do RS e do Brasil!”¹⁴⁵, publicado no dia 5 de junho de 2018. Ao se apresentar como pré-candidato a deputado estadual pelo estado do Rio Grande do Sul nas eleições nacionais de 2018, Fábio exalta conquistas dos últimos anos, como, por exemplo, a derrota de um projeto de poder autoritário, impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, a prisão de Lula, a construção de um movimento

¹⁴⁴ Fabio Ostermann. Faltam 6 meses para a eleição que pode mudar o Brasil. 07/04/2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_6_uE2I1N7s. Acesso em: 14/05/2020.

¹⁴⁵ Fabio Ostermann. Ajude a mudar a história do RS e do Brasil!. 05/06/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EOPOvXwGC54>. Acesso em: 14/05/2020.

liberal e o surgimento de um partido verdadeiramente novo. Para Fábio, a partir destes avanços seria possível mudar o Brasil, mas para que esta mudança ocorra os indignados precisam entrar na política e uma das alternativas que ele propõe é o financiamento coletivo da sua campanha, pois o partido NOVO não usa o fundo partidário.

O convite para participar de sua campanha também está presente em outro vídeo, desta vez publicado no dia 17 de julho de 2018 e intitulado “Vamos juntos mudar o Rio Grande?”¹⁴⁶. Nele Ostermann destaca, novamente, a oportunidade de mudar e de fazer história nas eleições nacionais de 2018, e diz que aceitou o desafio de ser pré-candidato a deputado estadual por acreditar que o Rio Grande do Sul tem condições de ser um estado melhor para os gaúchos, mas essa tarefa não seria fácil e para que ele tenha sucesso precisaria do apoio de quem concorda com seus ideais. Segundo Ostermann, a caminhada é difícil, sobretudo por não contar com dinheiro público. Portanto ele conta com o apoio de voluntários que se preocupam com o futuro e apresenta seu site¹⁴⁷ com o intuito de receber ajuda em sua campanha.

No período analisado também foram postados em que Ostermann é mais direto com relação a sua campanha, como por exemplo, o vídeo “FÁBIO 30300 - HINO DE CAMPANHA”¹⁴⁸, em que ele apresenta seu jingle de campanha, música na qual ele destaca sua trajetória, bem como a defesa da liberdade. Apresenta-se como um professor que valoriza a educação, a segurança e o combate a corrupção, destaca sua coragem para mudar e a possibilidade de uma nova forma de olhar a política. Além é claro de divulgar seu número na urna.

Já no vídeo postado no dia 30 de agosto de 2018, nomeado de “Fábio Ostermann - Compromissos para um NOVO Rio Grande”¹⁴⁹, ele destaca quais seriam suas principais pautas. Entre elas estão: combate a corrupção e aos

¹⁴⁶ Fabio Ostermann. Vamos juntos mudar o Rio Grande?. 17/07/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UalVRMNza1c>. Acesso em: 14/05/2020.

¹⁴⁷ Disponível em: fabioostermann.com.br/participe. Acesso em: 14/05/2020.

¹⁴⁸ Fabio Ostermann. FÁBIO 30300 - HINO DE CAMPANHA. 17/09/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jqSyZHF1MPk>. Acesso em: 14/05/2020.

¹⁴⁹ Fabio Ostermann. Fábio Ostermann - Compromissos para um NOVO Rio Grande. 30/08/2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=GcK_bd0FVz8. Acesso em: 14/05/2020.

privilégios, a segurança pública como prioridade, e a garantia a paz, a oposição ao aumento de impostos, empenho no que diz respeito a privatizações, a desburocratização e a simplificação tributária, a autonomia regional do Rio Grande do Sul, a valorização da educação sem censura ou doutrinação, o combate a irresponsabilidade fiscal e ao aumento dos gastos do governo, a transparência e eficiência do governo, a participação dos eleitores nos momentos de tomada de decisões, o engajamento com a sociedade civil, a defesa da democracia e por fim, mas não menos importante a paz, a liberdade e a prosperidade.

Todavia, Ostermann não utiliza seus vídeos apenas para sua autopromoção, mas como já citado anteriormente ele também utiliza seu espaço no Youtube para fazer propaganda de seu partido, o partido NOVO. Como podemos ver em vídeo datado do dia 3 de fevereiro de 2018, como o nome auto-explicativo de “Fábio Ostermann conta como surgiu o NOVO no RS”¹⁵⁰, já em vídeo do dia 27 de agosto de 2018¹⁵¹, o destaque é para fala de Fábio Ostermann no segundo encontro estadual do partido NOVO. Neste vídeo, ele recorda a primeira reunião do NOVO no RS e destaca que a onda laranja que está só começando: “Primeiro nos ignoraram. Depois riram de nós. Hoje nos atacam. E amanhã venceremos”. Fábio se mostra animado com o potencial do partido ao mesmo tempo que destaca as qualidades de seus correligionários, sobretudo pelo fato do partido NOVO fazer um processo seletivo para o ingresso de seus membros.

João Amoedo (candidato a presidência da república na época) também é um importante cabo eleitoral de Fábio Ostermann, como fica claro no vídeo “Por que o NOVO? João Amoêdo responde”¹⁵². Em participação na rádio Jovem Pan, o ex-presidente do partido NOVO elenca os motivos para a criação do partido e seus diferenciais em relação às outras siglas. Já no vídeo “Por que

¹⁵⁰ Fabio Ostermann. Fábio Ostermann conta como surgiu o NOVO no RS. 03/02/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BOFiSBKvhil>. Acesso em: 14/05/2020.

¹⁵¹ Fabio Ostermann. Minha fala no 2º Encontro Estadual do NOVO RS. 27/08/2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=n4IOFKn_dLY. Acesso em: 14/05/2020.

¹⁵² Fabio Ostermann. Por que o NOVO? João Amoêdo responde. 18/06/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QsRZKGQq1nU>. Acesso em: 14/05/2020.

votar nos candidatos do NOVO?”¹⁵³ o objetivo é destacar os motivos pelos quais os membros do partido NOVO são uma boa opção. Segundo Ostermann o quadro dos partidos NOVO são ficha limpa, pois a legenda faz processos seletivos para admitir novos membros, o partido NOVO possui a maior proporção de candidatos com ensino superior, os candidatos do NOVO firmaram em cartório o compromisso de cortar pela metade os cargos e gastos dos gabinetes e não utilizam recursos do fundo partidário e nem do fundo eleitoral. Por estes motivos, segundo Fábio Ostermann, o partido NOVO é diferente de todos os outros partidos existentes no Brasil, não só por uma defesa clara dos ideais da liberdade, mas também por estabelecer requisitos práticos e objetivos sobre aquilo que ele considera ser o básico na política: limpeza, transparência e respeito ao dinheiro dos pagadores de impostos.

5.7 Considerações finais sobre a análise da coesão Programática e estratégias discursivas da nova direita brasileira.

Neste capítulo foi feita a análise dos vídeos publicados nos canais do Youtube dos políticos selecionados para a entrevista. Como se pode perceber, alguns temas são recorrentes nos diversos vídeos aqui citados, o que pode sugerir certa semelhança entre seus ideais, suas opiniões e suas estratégias. Esta característica de similitude entre as mídias averiguadas também foi observada nas entrevistas e suas explorações no capítulo anterior. Desta forma, se configura um forte indício de que os políticos que participaram das entrevistas comungam de um repertório semelhante, haja vista que suas opiniões, ideais, estratégias políticas e assuntos abordados convergiram nas entrevistas e nos vídeos do Youtube, que, por sua vez, tem como o objetivo atingir o maior número possível de visualizações.

Ao concluir a análise do material audiovisual disponibilizado no YouTube pelos políticos pertencentes ao espectro da nova direita brasileira, torna-se fundamental estabelecer uma interlocução crítica e articulada com os dados empíricos já examinados no capítulo anterior, baseado nas entrevistas com

¹⁵³ Fabio Ostermann. Por que votar nos candidatos do NOVO?. 19/09/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CVbLDscdQ4g>. Acesso em: 14/05/2020.

esses mesmos agentes políticos. Tal articulação revela uma notável consistência discursiva entre os dois conjuntos de fontes e permite a construção de uma leitura mais abrangente sobre as estratégias de legitimação, comunicação e mobilização adotadas por esses atores. Compreender tais estratégias exige o reconhecimento de que os políticos da nova direita operam dentro de um campo simbólico em constante disputa, no qual as fronteiras entre comunicação política, ativismo digital e performance eleitoral são cada vez mais tênues.

Um dos principais pontos de intersecção entre os dois capítulos é a recorrência do discurso de ruptura com a chamada “velha política”. Essa narrativa de novidade é reiteradamente mobilizada como ferramenta simbólica para demarcar identidades políticas e sinalizar ao eleitorado uma suposta regeneração ética e técnica da prática política. Tal discurso, embora difundido por candidatos com trajetórias políticas ou administrativas prévias — como o próprio presidente Jair Bolsonaro, que se apresentava como um outsider mesmo após quase trinta anos no Congresso Nacional —, encontra eco entre diferentes segmentos do eleitorado, especialmente em contextos marcados pela desconfiança nas instituições e pela crise de representatividade. Segundo Panizza (2005), a retórica populista constrói um antagonismo fundamental entre um “povo puro” e uma “elite corrupta”, e é justamente essa lógica de exclusão simbólica que estrutura grande parte das falas dos entrevistados e das narrativas construídas nos vídeos analisados.

A convergência entre os discursos presentes nas entrevistas e nos vídeos também se manifesta na constante oposição à esquerda e aos seus valores. Essa oposição funciona como eixo estruturador de identidade política e é instrumentalizada para mobilizar afetos coletivos por meio da simplificação do debate público, conforme argumenta Girardet (1987) ao descrever o “mito do complô”. Os entrevistados e protagonistas dos vídeos atribuem à esquerda a responsabilidade por práticas clientelistas, por políticas públicas consideradas ineficientes e pela suposta fragmentação da unidade nacional, muitas vezes associando essas práticas a estratégias de “segmentação identitária” que promoveriam conflitos artificiais entre grupos sociais (negros x brancos, heterossexuais x homossexuais, homens x mulheres). Esse tipo de retórica se

intensificou em episódios como o da votação da PEC das Domésticas, da criminalização da homofobia e da discussão em torno do kit anti-homofobia nas escolas, onde setores da direita associaram tais pautas à “ideologia de gênero”, mobilizando narrativas de pânico moral.

Ademais, observa-se uma convergência relevante no que tange ao projeto econômico defendido por esses atores políticos, ancorado em um liberalismo de forte viés ortodoxo. A defesa das privatizações, da flexibilização das leis trabalhistas, da austeridade fiscal e da diminuição do papel do Estado na economia é reiterada tanto nos discursos de campanha quanto nas entrevistas. A perspectiva neoliberal aqui adotada é marcada não apenas pela valorização da liberdade de mercado, mas também pela deslegitimação de políticas de redistribuição e proteção social. Nesse sentido, Freeden (2003) é pertinente ao apontar que o liberalismo pode ser entendido como uma macroideologia, que abriga em seu interior diferentes ideologias modulares, permitindo a coexistência de discursos economicamente liberais com posições conservadoras em costumes, conforme observado nos depoimentos dos entrevistados, especialmente dos representantes do PSL.

A linguagem adotada pelos atores políticos também oferece pistas importantes sobre as distintas estratégias discursivas em jogo. Os representantes do Partido NOVO, como Paulo Ganime e Giuseppe Riesgo, adotam uma retórica mais racionalizada, tecnocrática e orientada pela lógica da eficiência, evocando um ethos meritocrático. Já os políticos oriundos do PSL — como Sargento Lima, Rodrigo Amorim e Ricardo Arruda — utilizam uma linguagem mais direta, popular e por vezes agressiva, repleta de expressões de efeito e construções performáticas que remetem ao estilo comunicacional do ex-presidente Bolsonaro. Esse contraste linguístico remete à análise de Rocha (2018), que identifica a formação de contrapúblicos de direita nas redes sociais caracterizados por uma retórica de confronto, ironia e desqualificação dos opositores. Atualmente, a atuação parlamentar de figuras como Nikolas Ferreira, que utiliza estratégias comunicacionais similares às de influenciadores digitais, evidencia como essa linguagem encontrou ressonância em parcelas significativas do eleitorado.

Outro ponto que conecta os dois capítulos é a valorização de trajetórias não políticas como critério de legitimação. Em ambos os contextos — entrevistas e vídeos — os atores políticos enfatizam seu passado no setor privado, na vida religiosa ou no ativismo cívico como prova de sua autenticidade e competência. Essa estratégia discursiva opera em consonância com a ideia de que a política deve ser ocupada por “pessoas comuns”, empreendedores ou profissionais “de verdade”, em contraposição à imagem negativa do “político de carreira”. Essa narrativa encontra forte ressonância na literatura sobre populismo tecnocrático (Bickerton & Accetti, 2017), no qual a política é apresentada como mera questão de gestão eficiente, esvaziando o espaço da deliberação democrática e da disputa ideológica.

Os conteúdos dos vídeos também reforçam uma abordagem comunicacional centrada no indivíduo, no carisma e na capacidade de gerar identificação com o eleitorado. Como observou Laclau (2005), o populismo não se define por um conteúdo ideológico específico, mas por uma lógica articulatória que constrói uma cadeia de equivalências entre demandas heterogêneas sob a liderança de uma figura aglutinadora. No caso analisado, Bolsonaro cumpre esse papel de figura referencial, sendo constantemente evocado, mencionado ou utilizado como símbolo de legitimação, mesmo pelos candidatos do NOVO, que se distanciam de algumas pautas do bolsonarismo. A incorporação da estética do “cidadão comum” — vestimentas simples, vídeos amadores, linguagem informal — é, portanto, parte dessa lógica de construção de um vínculo afetivo com o eleitorado.

Em suma, a leitura articulada dos dois últimos capítulos permite observar que, apesar das diferenças de estilo, plataforma e retórica, há uma forte coesão programática e simbólica entre os representantes da nova direita brasileira. As entrevistas e os vídeos não apenas se complementam como se reforçam mutuamente, oferecendo um retrato detalhado das estratégias discursivas, das disputas simbólicas e das alianças ideológicas que moldam o campo da nova direita. Esse fenômeno, como mostram os autores aqui mobilizados, não pode ser entendido apenas como uma renovação conjuntural do sistema político, mas sim como parte de uma transformação mais ampla da cultura política brasileira, marcada pela ascensão de discursos

antiestablishment, por um ultroliberalismo agressivo e por um conservadorismo moral fortemente combativo.

Essa interligação entre os dois capítulos não apenas reforça a robustez dos achados empíricos, mas também ilustra, com clareza, a complexidade da nova direita brasileira — um fenômeno multifacetado, que requer abordagens analíticas que articulem linguagem, ideologia, mídia e prática política de maneira integrada.

6 Considerações Finais e Implicações para o Futuro da Pesquisa

Ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, foi possível traçar um panorama detalhado das características distintivas, bem como das intersecções que definem a ascensão da "nova direita" no Brasil, particularmente ilustrada pelos partidos PSL e NOVO durante as eleições de 2018. Este fenômeno político não deve ser reduzido a um simples discurso de novidade; ao contrário, deve ser compreendido à luz de um contexto mais amplo, que envolve não apenas a insatisfação generalizada da população com a política tradicional, mas também um reposicionamento ideológico que reflete tendências globais em constante evolução.

O estudo contextualiza o cenário histórico e político que facilitou a ascensão da nova direita, destacando o grande descontentamento com a política tradicional e a busca por alternativas que prometiam mudanças substanciais. Neste contexto, o autor compartilha sua trajetória acadêmica e pessoal, explicando como suas experiências e envolvimento com partidos políticos o direcionaram a explorar este fenômeno com mais profundidade e rigor.

As eleições de 2018 representam um marco fundamental na trajetória política brasileira, trazendo à tona uma nova configuração de forças que se articulam em torno de discursos e práticas que desafiam as normas estabelecidas e as tradições políticas vigentes. A vitória do ex-militar Jair Bolsonaro e o desempenho expressivo de candidatos oriundos do PSL e do NOVO revelaram um descontentamento profundo e generalizado em relação aos partidos tradicionais, bem como à corrupção, temas que emergiram como centrais nas campanhas eleitorais. Por meio de uma retórica que prometia rupturas e inovações, esses atores políticos conseguiram mobilizar uma base de apoio sólida, capitalizando a insatisfação popular e utilizando as novas dinâmicas comunicacionais proporcionadas pelas redes sociais.

Ao explorar a nova direita a luz de suas características distintivas e ideologias emergentes, o estudo se concentra em definir e analisar a composição da nova direita. Utilizando conceitos de teóricos renomados como Noberto Bobbio e Cas Mudde, é discutida a divisão da nova direita em subgrupos — extrema direita e direita radical —, e como estas categorias se

manifestam no contexto brasileiro. Além disso, o capítulo oferece uma análise global, considerando a crise do neoliberalismo e o ressurgimento de ideias populistas como respostas às crises econômicas e políticas contemporâneas. A pluralidade interna dentro da nova direita é examinada, evidenciando como diferentes ideologias coexistem e interagem dentro deste movimento.

A análise histórica dos partidos PSL e NOVO evidenciou que, embora ambos compartilhem um caráter liberal, seus posicionamentos ideológicos e estratégias de campanha apresentam diferenças significativas. O PSL, por exemplo, se associa a uma retórica mais agressiva e conservadora, enquanto o partido NOVO se caracteriza por um discurso liberal que, embora critique a velha política, busca se distanciar de práticas autoritárias. Essa bifurcação entre os conceitos de "extrema direita" e "direita radical" revela-se extremamente útil para uma compreensão mais clara das nuances presentes na nova direita brasileira, ressaltando a complexidade subjacente a esse fenômeno.

Ao mergulhar na análise das características institucionais dos partidos PSL e NOVO, o estudo oferece uma visão abrangente de sua evolução histórica e de como estes partidos se inserem e se desenvolvem dentro da complexa dinâmica do sistema político-partidário brasileiro. Revela-se, através deste exame, a maneira como ambos os partidos conseguiram se adaptar e prosperar no cenário político nacional, destacando não apenas suas bases ideológicas distintas, mas também o perfil multifacetado dos candidatos que foram eleitos em 2018. Este capítulo se dedica a explorar a diversidade interna que caracteriza tanto o PSL quanto o NOVO, destacando as estratégias inovadoras e, por vezes, ousadas que eles empregaram para alcançar resultados eleitorais expressivos. Isto inclui uma análise detalhada de sua capacidade de mobilizar eleitores que estavam descontentes com a política tradicional, canalizando esse descontentamento em apoio efetivo nas urnas.

O estudo oferece uma discussão aprofundada sobre o impacto das reformas políticas e institucionais que têm moldado o sistema partidário brasileiro nas últimas décadas. Explora como estas mudanças estruturais, muitas vezes complexas e multifacetadas, influenciam diretamente as estratégias e o posicionamento dos partidos da nova direita. Este exame inclui

um olhar crítico sobre como tais reformas têm o potencial de redefinir as regras do jogo político, possibilitando que novos atores, como o PSL e o NOVO, encontrem espaço para crescer e se afirmar como forças políticas relevantes no cenário nacional.

A abordagem não apenas destaca as manobras políticas e estratégicas que permitiram a esses partidos capturar a imaginação do eleitorado brasileiro, mas também oferece uma análise crítica sobre os desafios e oportunidades que surgem à medida que eles navegam pelas águas, muitas vezes turbulentas, da política brasileira contemporânea. Em suma, este segmento do estudo fornece uma compreensão completa e nuançada de como o PSL e o NOVO se estabeleceram como protagonistas na arena política brasileira, em meio a um período de significativa transformação e incerteza política.

A análise crítica das entrevistas realizadas com os políticos eleitos em 2018 demonstrou que, além do discurso da novidade, diversos outros fatores contribuíram de maneira significativa para o desempenho eleitoral desses candidatos. Estas entrevistas revelam as motivações pessoais, os discursos e as estratégias de comunicação adotadas pelos atores políticos, ressaltando uma coesão programática e simbólica, apesar das diferenças estilísticas e retóricas entre eles. Com destaque para utilização de narrativas de mudança e renovação para se diferenciar da "velha política" e legitimar suas posições.

Elementos como a proximidade com figuras carismáticas, o uso estratégico de plataformas digitais e a mobilização de um discurso que se opõe à esquerda foram cruciais na construção de suas identidades políticas. Além disso, a análise dos vídeos postados por esses mesmos políticos no YouTube reforçou a consistência dessas narrativas e a importância da comunicação política nas campanhas, evidenciando como essas plataformas podem ser utilizadas para alcançar e engajar o eleitorado.

O exame dos vídeos veiculados no Youtube destaca a importância das plataformas de comunicação digital nas campanhas e a estratégia de utilizar narrativas que rompem com a "velha política" para legitimar suas candidaturas e atrair o eleitorado. Os vídeos ilustram como os políticos da nova direita utilizam a mídia digital para disseminar suas mensagens e engajar os eleitores

de maneira eficaz plataformas moldando a percepção pública e o comportamento eleitoral.

Outro aspecto relevante que foi abordado nesta pesquisa refere-se à influência de movimentos e organizações liberais, que atuaram como catalisadores para a difusão das ideias da nova direita. A atuação de "engenheiros do caos", como Steve Bannon e Olavo de Carvalho, exemplifica como esses indivíduos e grupos têm empregado técnicas de comunicação modernas para articular e legitimar uma agenda política que desafia o status quo estabelecido. Essa articulação revela não apenas a interconexão entre diferentes movimentos políticos, mas também a capacidade de adaptação e inovação que caracteriza a nova direita.

Em síntese, a ascensão da nova direita no Brasil, representada pelos partidos PSL e NOVO, reflete não apenas um fenômeno local, mas também uma manifestação de tendências globais que têm se intensificado nas últimas décadas. A intersecção entre o descontentamento com a política tradicional, a mobilização de discursos populistas e a utilização de novas tecnologias de comunicação delineiam um novo panorama político que demanda uma análise crítica e contínua. O futuro da democracia brasileira, assim como a evolução da nova direita, dependerá da capacidade de resposta das instituições e da sociedade civil a esses desafios, bem como de um engajamento ativo na defesa dos valores democráticos e na promoção de uma política inclusiva e representativa.

Dessa forma, este trabalho não apenas contribui para a compreensão do fenômeno da nova direita, mas também lança luz sobre a necessidade de um debate mais profundo e informado acerca das dinâmicas políticas em curso no Brasil e no mundo. A análise aqui realizada destaca a importância de observar as continuidades e rupturas que marcam a história política contemporânea, ressaltando a complexidade dos fatores que moldam a nova direita e suas implicações para o futuro da política brasileira. Portanto, o engajamento em diálogos críticos e a reflexão sobre as interações entre a política, a sociedade e as novas formas de mobilização que emergem neste contexto são fundamentais para um entendimento mais abrangente e esclarecido desse cenário multifacetado.

Para futuras agendas de pesquisa, o estudo sugere um aprofundamento nas dinâmicas internas dos partidos da nova direita, explorando suas estratégias de comunicação digital e a interação com movimentos similares em outras partes do mundo. Além disso, investigar o impacto das políticas econômicas e sociais propostas por esses partidos na sociedade brasileira pode oferecer importantes insights sobre as transformações políticas contemporâneas e futuras do cenário político nacional. A pesquisa também aponta para a necessidade de entender melhor como essas mudanças influenciam a percepção pública e o comportamento eleitoral, bem como suas implicações para a democracia no Brasil.

A reflexão sobre a nova direita no Brasil é, assim, um convite à análise crítica, à compreensão dos desafios que se apresentam e à busca por soluções que respeitem os princípios democráticos e a diversidade da sociedade brasileira. Este trabalho finaliza com a esperança de que futuras investigações possam aprofundar ainda mais essa discussão, contribuindo para um entendimento mais robusto e nuançado do fenômeno político que agora se revela.

REFERÊNCIAS

AMAKI, Eduardo Ryo; FUKS, Mario. Populism in Brazil's 2018 general elections: an analysis of Bolsonaro's campaign speeches. **Lua Nova, São Paulo**, v. 109, p. 103-127, 2020. DOI: 10.1590/0102-103127/109.

ANDRADE, D. P. O que é o neoliberalismo? A renovação do debate nas ciências sociais. **Revista Sociedade e Estado** – Volume 34, Número 1, Janeiro/Abril 2019

BECKER, Howard Saul. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BERLANZA, L. **Guia bibliográfico da nova direita: 39 livros para compreender o fenômeno brasileiro**. São Paulo: Resistência Cultural, 2017
BEYME, K. "Right-Wing Extremism in Western Europe," **West European Politics**, 11(2), 1988, pp. 1–18.

BOBBIO, N. **O futuro da democracia**. São Paulo: Paz e Terra, 2006
BOBBIO, Norberto. (2011) **Direita e Esquerda. Razões e Significados de uma distinção política**. São Paulo : Editora UNESP.

BRAGA, Maria do Socorro Sousa; BOURDOUKAN, Adla. **Partidos políticos no Brasil: organização partidária, competição eleitoral e financiamento público**. Perspectivas, 35, pp. 117-148, 2009

CEPÊDA, Vera Alves. A Nova Direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais. **Mediações**, v. 23, n. 2, p. 75-122, maio/ago. 2018.

CHAIA, V.; BRUGNANO, F.. A nova polarização política nas eleições de 2014: radicalização ideológica da direita no mundo contemporâneo do Facebook. **Aurora: Revista de arte, mídia e política**, São Paulo, v.7, n.21, p. 99-129, out.2014-jan. 2015.

CHALOUB, J.; PERLATTO, F.. Intelectuais da ‘nova direita’ brasileira: idéias, retórica e prática política. *Insight Inteligência*. Rio de Janeiro, v. 1, p. 25-42, 2016 Cidades, 34, 2019.

CODATO, Adriano; BERLATTO, Fábia; BOLOGNESI, Bruno. Tipologia dos políticos de direita no Brasil: uma classificação empírica. *Análise Social*, v. 53, n. 229, p. 870-897, 2018.

COUTINHO, J. P. **As ideias conservadoras explicadas a revolucionários e reacionários**. São Paulo: Três Estrelas, 2018.

CRUZ, S. V; KAYSEL, A.; CODAS, G. (org.). **Direita, volver!**: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Perseu Abramo, 2015.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. (2016), **A nova razão do mundo. Ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo : Boitempo.

DENEEN, Patrick. **Why Liberalism Failed**. New Havenand London: Yale University Press, 2019.

DOHERTY, Bryan. (2009). **Radicals for capitalism: A freewheeling history of the modern American libertarian movement**. Nova Iorque : Public Affairs. DUARTE, R. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Educar, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004. Editora UFPR.

EMPOLI, Giuliano Da. **Os engenheiros do caos**. São Paulo: Vestígio, 2019. FONTAINHA, Fernando; LIMA, Amanda Cavalcanti de. “Judiciário E Crise Política No Brasil Hoje: Do Mensalão À Lava Jato”. In: Kerche, Fábio; Feres Jr., João (Orgs). **Operação Lava Jato e a democracia brasileira**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2018, p. 53 - 69.

FRASER, Nancy. **The Old is Dying and the New Cannot be Born**. London-NewYork: Verso, 2019.

FREEDEN, Michael. **Ideology: A very short introduction.** Oxford: Oxford University Press. 2003.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987 GORGES, M. S. **A formação de novos partidos e o caso do partido novo : o que há de novo no partido novo?** Porto Alegre. 2017

HILGERS, M. The historicity of the neoliberal state. **Social Anthropology**, v. 20, n. 1, 2012.

HIRSCHMAN, Albert. **A retórica da intransigência: perversidade, futilidade, ameaça.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

IPSOS. **Pesquisa sobre desconfiança nos políticos.** Disponível em: <https://www.ipsos.com/pt-br/alem-do-populismo>. Acesso em: 20 set. 2022.

JUDENSNIDER, E.; LIMA, L.; ORTELLADO, P.. **Vinte centavos: a luta contra o aumento.** São Paulo: Veneta, 2013.

LAPALOMBARA, J.;WEINER, M. **Political parties and political development.** Princeton: Princeton University Press, 1966.

LEVITSKY, Seteven & ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem.** Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LOWY, M. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. **Serviço Social e**

Sociedade. São Paulo, n. 124, p. 652-664, out./dez. 2015 MADEIRA e TAROUCO. Esquerda e direita no Brasil: uma análise conceitual. **R. Pós Ci. Soc.** v.8, n.15, jan./jun. 2011

MARIANO, Ricardo. Expansão e ativismo político de grupos evangélicos conservadores: secularização e pluralismo em debate. **Civitas**, Porto Alegre, v. 16, n. 4, p. 708-726, out.-dez. 2016.

MELO, Carlos Ranulfo Felix de. Nem tanto ao mar, nem tanto a terra: elementos para uma análise do sistema partidário brasileiro. In Melo e Alcântara, **A democracia brasileira: balanço e perspectivas para o século 21**. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2007.

MESSEMBER, Debora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. **Revista Sociedade e Estado**—Volume 32, Número 3, Setembro/Dezembro 2017.

MUDDE, Cass. 2019. **The Far Right Today**. Polity Press.

NICOLAU, J. A reforma da representação proporcional e a fragmentação partidária da Câmara dos Deputados brasileira (2014-2022). **Terceiro Milênio: Revista Crítica de Sociologia e Política**, v. 22, n. 3, p. 217-241, set./dez. 2023.

NICOLAU, Jairo. 2017. **Representantes de quem?** Os (des)caminhos do seu voto daurna à Câmara dos Deputados. Rio de Janeiro. Zahar.

NORIS, Pippa, 2005. **Radical Right: Voters and Parties in the Electoral Market**. Cambridge: Cambridge University Press.

ONG, A. Neoliberalism as a mobile technology. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 32, p. 3-8, 2007.

ONG, A. **Neoliberalism as exception. Mutations in citizenship and sovereignty**. London: Duke University Press, 2006.

PECK, J. **Constructions of neoliberal reason**. Oxford (UK): Oxford University

Press, 2010 .

PENIDO, Ana; KALIL, Suzeley. **Partido militar no sistema político brasileiro.**

Disponível em: <<https://direitosfundamentais.org.br/o-partido-militar-no-sistema-politico-brasileiro>>. Publicado em: 16 set. 2022.

PRZEWORSKI, Adam. **Crises of Democracy**. Cambridge, UK: University Printing House, 2019.

ROCHA, Camila. “**Menos Marx, Mais Mises**”: *Uma Gênese Da Nova Direita Brasileira*. São Paulo 2018.

RODRIGUES, Guilherme Alberto; FUKS, Mario. Grupos sociais e preferência política: o voto evangélico no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 30, n. 87, p. 115-126, fev. 2015.

ROTHBARD, M.. **Esquerda e direita: perspectivas para a liberdade**. Rio de Janeiro: José Olympio; Instituto Liberal, 1988.

RUNCIMAN, David. **Como a democracia chega ao fim**. São Paulo: Todavia, 2018.

SAMPAIO, Rafael Cardoso; LYCARIÃO, Diógenes. **Análise de Conteúdo Categorial: Manual de Aplicação**. Brasília: Enap, 2021.

SANTOS, Mateus da Cunha; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. Quando a inexperiência é um trunfo: o fenômeno da ascensão de outsiders na política. **Contracampo**, Niterói, v. 42 n. 1, p. 01-15, jan./abr. 2023.

SCAVO, D. **A relação histórica entre democracia e liberalismo**: um diálogo crítico com Noberto Bobbio. 2013.

SCHWARZ, R. **Seja como for: entrevistas, retratos e documentos**. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2019.

SINGER, André. A reativação da direita no Brasil. **Opinião Pública**, Campinas, v. 27, n. 3, p. 705-729, 2021.

SMITH, Adam. **A riqueza das nações**: investigação sobre sua natureza e suas causas. Tradução de Luiz João Baraúna. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

TAROUCO e MADEIRA. Esquerda e direita no sistema partidário brasileiro: análise de conteúdo de documentos programáticos. **Revista Debates**, Porto Alegre, v.7, n.2, p.93-114, maio-ago. 2013.

TATAGIBA, L.; TRINDADE, T.; TEIXEIRA, A. C. Protestos à direita no Brasil (2007-2015). In: CRUZ; KAYSEL; CODAS (Orgs.). **Direita, volver!**. São Paulo: Perseu Abramo, 2015.

VELÉZ-RODRIGUES, R. A Tradição Conservadora Brasileira. **Revista Nabuco**, nº 3, abril, 2015.